1617

N. 6

LUÍS DE CAMÕES

o

"Trinca Fortes"

NOVELA HERÓICA

EM ACÇÃO CINEMATOGRÁFICA, MUSICADA

PUBLICAÇÕES
de Quirino da Fonseca

Céu e Mar (Contos marítimos) — (1900).

A Obra Colonial de Afonso de Albuquerque — (1910).

Memórias de Arqueologia Naval Portuguesa — (1915).

A Tôrre de Belém, baluarte de artelharia, planeado por D. João II (Conferência) — (1920).

Manual dos Adjectivos da Língua Portuguesa, agrupados por analogias — (1921).

O Brasão da Cidade de Lisboa (Conferência) — (1921).

A Arquitectura Naval, na época de Fernando de Magalhães (Conferência) — (1921).

Memórias Históricas e Arqueológicas das Naus de Portugal — (1926).

Em homenagem a Henrique Lopes de Mendonça (Conferência) — (1929).

Em defesa da Caravela Portuguesa (Conferência) — (1929).

A Questão das Águas — (1929).

Pilotos das navegações portuguesas nos séculos XV, XVI e XVII — (1931).

A arte de navegar. Cartografia e cartógrafos portugueses. Os navios dos descobrimentos e conquistas — (1931).

Os navios do Infante D. Henrique — (1933).

A representação artística das Armadas da Índia — (1933).

A Caravela Portuguesa e a originalidade técnica das navegações Henriquinas — (1934).

NO PRELO:

Viagens maravilhosas de aventureiros portugueses dos tempos idos.

QUIRINO DA FONSECA

DA ACADEMIA DAS CIÊNCIAS DE LISBOA

Luís de Camões

O

"Trinca Fortes"

NOVELA HERÓICA

EM ACÇÃO CINEMATOGRÁFICA, MUSICADA

VILA-NOVA-DE-FAMALICÃO

Tip. «Minerva» de Gaspar Pinto de Sousa & Irmão

Avenida Barão de Trovisqueira

1934

Justificação da tiragem

1.º MILHAR

E 100 EXEMPLARES EM PAPEL ESPECIAL

Reservados todos os direitos de reprodução: em Portugal, conforme preceituam as disposições do Código Civil Português; no estrangeiro e países da União, em harmonia com a convenção de Berne, a que Portugal aderiu por Decreto de 18 de Março de 1911 e a que o Brasil aderiu também pela Lei n.º 4:311 de 5 de Fevereiro de 1922 e Decreto n.º 15:530 de 21 de Junho do mesma ano. O direito de publicação desta obra, é reservado ao autor. Todos os exemplares são numerados e rubricados por êste, sem cuja formalidade, serão considerados apócrifos, dando lugar às repressões legais.

N.º 49

Luiz Ilmo da Fonseca

Prefácio justificativo

O nosso labor profissional, exercido no mar, de certo com mediocridade, mas aplicação que tristemente reconhecemos já ser longa, teria promovido que sempre votássemos aos *Lusiadas* e à estranha personalidade do grande épico português, uma admiração especial, que nenhum outro herói das letras e da adversidade, nos provocara.

Em admiração, ainda que intensa e persistente, nos haviamos de conter, pois não dispúnhamos de faculdades para, àcerca do ínclito poeta, soldado e marinheiro também, empreendermos qualquer estudo meritório, se bem que, interessadamente, houvessemos analisado em tempo, a náutica dos *Lusiadas*, como obscuro incidente das nossas habituais curiosidades sôbre as tradições marítimas portuguesas.

Reconheciamos, porém, tal como julgava o eminente escritor Lopes de Mendonça que a grande maioria dos portugueses, incluindo os de certa ilustração, persistia «em ignorância crassa com respeito ao maior dos poetas nacionais e ao poema que simboliza o espírito e a glória da pátria».

Mas, para que a gente portuguesa, conheça e estime, bem integrado na alma nacional, o soldado da Índia e de Ceuta, o aventureiro, o brigão, o amorável, que tudo foi êsse Príncipe dos nossos poetas, não basta realmente, que os eruditos lhe tenham erguido um monumento colossal de interpretação, de argúcia e de saber literário, nem para isso influia que a consagração oficial o tivesse arrumado, ostentoso e mudo, no bronze de uma estátua; não lhe conquistará fervente e espontânea popularidade, saber-se que o seu poema, como vibração do génio português, tem sido traduzido inúmeras vezes, em todos os idiomas cultos; nenhum incentivo poderia dar à vulgarização da sua obra ou ao caloroso interêsse pela sua individualidade, um romancear poético, semelhante ao de Garrett, as dissertações académicas com a solenidade vocabular de Latino Coelho, a efabulação dramática tentada ha 47 anos por Cipriano Jardim, ou a novela chorosa e femenil, como a delineada por Campos Júnior.

A existência acidentadíssima do poeta, não se presta a ser comunicada ao vulgo sob essas formas literárias, sequer em narrativa de amena e singela traça, nem tam pouco dando-se-lhe a sumptuosidade literária que se julgasse devida ao magnífico herói.

Também a sua febrecitante biografia, para se tornar acessível à compreensão das multidões — na verdade curiosas do passado e dos seus personagens, mas adversas a complicadas interpretações — não cabe nos moldes costumados em que os mestres das letras fundem num bloco perfeito, elevado, mas quási inacessível, os monumentos de consagração genial.

Ora, a sucessão tumultuária, vertiginosa e impressionante dos acontecimentos que respeitam ao poeta, retalhos múltiplos de vida palpitante, aventurosa, inquieta, a vacilar entre a desolação e o triunfo, entre as graças régias e as desgraças dos trabalhosos desterros, constituem cenas que dariam, como também julgava Lopes de Mendonça, a ilusão de um admirável *film* cinematográfico, revelando-se, de facto, através de semelhante reconstituição artificial, «o Luís de Camões que sofreu na carne, que esfarrapou a alma pelos abrolhos da existência terrestre, que deixou vestígios de mágoa em cada passo da vida, ecos de risadas em muitos recôncavos do mundo, gilvases em rostos que o afrontavam, calor de beijos em faces que o seduziam».

Então, o espectador, tornando-se ilusòriamente, contemporâneo e quási companheiro do herói, o ficaria conhecendo na fictícia intimidade do seu estranho e bem humano viver, se afeiçoaria a êle, jamais o olvidando.

A moderna técnica cinematográfica, na sua perfeição actual, tornaria exequível tam proveitosa e extensa lição, espalhada até onde soe, mas talvez incompreendido, o grande nome de Luís de Camões.

Simulando-a, como ireis ler, tal é, segundo cremos, a forma literária, paralela a ess'outra, pene-

trante e irresistível, de pôr o vulgo em apaixonado contacto com a alma do poeta.

As páginas seguintes correspondem, portanto, á ousada solução que démos a êste caso de literatura dinâmica, sincronisada com a imagem e com o som, despretenciosa solução, mas sem dúvida que amoràvelmente concebida sob a maga influência de acompanharmos em espírito, o viver do protogonista, guiados pela respectiva documentação biográfica, ou completando presumivelmente, as suas lacunas, em prudente fantasia.

Críticos rigorosos, antes de condenarem esta nossa tentativa, porque seja mesquinha e depreciativa de tam glorioso personagem, recordem que só o povo, o simples vulgo, pode compreender e porventura estimar a obra que lhe é agora destinada para ser vista, palpitante na imagem, ou em sugestão quando lida, mas interessadamente, ainda por amor do poeta, e na íntegra de quanto seja mau ou acceitável, que ela possa conter. Sirva-nos também de atenuante, ela resultar da sugestão, embora colhida sem jeito criador, na obra póstuma de Lopes de Mendonça, saudoso amigo e bondoso animador de alguns estudos nossos — A Alma do «Trinca Fortes».

No entanto, oxalá que soluções preferiveis, devidas a imaginativas fulgurantes e penas destras, venham a realizar-se, fazendo triunfar com esplendor, a idea que enganosamente nos ocorreu e frivolamente nos teria guiado.

Personagens principais

Luís de Camões.
El-Rei D. João III.
Francisco Barreto, Governador da Índia.
D. Manuel de Portugal, filho do Conde de Vimioso.
D. Miguel Coutinho, o «Fios Secos», capitão da Índia.
Andrade Caminha, poeta e Camareiro do Infante D. Duarte.
António, escravo Jau
San-Ki, traficante chinês.
A Rainha D. Catarina.
D. Ana de Sá, mãe de Luís de Camões.
Catarina de Ataíde, Dama da Côrte, filha de D. António de Lima.
Beatriz da Silva, filha do Regedor das Justiças.
Grácia de Morais, cortesã de nacionalidade espanhola.
Genebra Pereira, praticante de bruxedos.
Flor de Acácia, bailadeira chinesa.
Rosa, camponesa.
Brígida, dona de locanda.
Paula, cantora e tangedora de alaúde.
Dionísia, personagem da comédia «*Filodemo*».
Solina, idem.

Personagens episódicas

El-Rei D. Sebastião.
D. João de Castro, capitão e Governador da Índia.
D. Francisco Coutinho, Conde de Redondo, Vice-Rei da Índia.
D. Fernando de Vasconcelos de Menezes, Arcebispo de Lisboa.
D. António de Lima, Mordomo-mor do Infante D. Duarte.
D. Pedro de Almeida, Alcaide-mor de Tôrres Novas.
D. Vasco de Ataide, amigo de Luís de Camões.
D. Francisco de Almeida, idem.
D. João Pereira, idem.
D. Fernando Roxas, o «Marmanjo-mor», bobo da Côrte.
João de Sá, o «Panasco», bobo da Côrte.
Fernando Álvares Cabral, Capitão-mor de armada.
Frei Bartolomeu Ferreira, censor dos *Lusíadas.*
João da Silva, Regedor das Justiças.
Jorge de Montemor, amigo de Luís de Camões.
Francisco de Melo, idem.
Heitor da Silveira, poeta e amigo de Luís de Camões.
André Furtado de Rezende, idem.
Estácio de Faria, idem.
João Lopes Leitão, idem.
António Prestes, idem.
Duarte de Abreu, amigo ou companheiro de Luís de Camões.
Luís de Lemos, idem.
Miguel Dias, idem.

Aires de Sousa, idem.
Manuel de Melo, idem.
Gaspar de Brito, idem.
Jorge de Brito, idem.
Lourenço Vaz Pegado, idem.
Martim Afonso de Miranda, capitão da Índia.
Gonçalo Borges, moço de arreios de El-Rei D. João III.
Diogo Borges, poeta.
Afonso Álvares, trovador mulato.
José Ribeiro «O Chiado», poeta chocarreiro.
Diogo do Couto, soldado da Índia e seu cronista.
Manuel Serrão, soldado da Índia.
João Toscano, idem.
Calisto de Sequeira, idem.
António Dias, piloto.
André Vaz, idem.
Braz, soldado de Ceuta.
Miguel «O Pencudo», dono de locanda.
O velho do Restelo.
O capitão da nau «N.ª S.ª da Conceição».
O piloto-mor da armada.
O piloto da nau.
O mestre da nau.
O calafate da nau.
Um pajem.
Três espadachins.
Dois cantores de serenata.
A Infanta D. Maria, filha de El-Rei D. Manuel.
D. Francisca de Aragão, Dama da Rainha D. Catarina.
D. Guiomar Blaesfet, idem.

Luísa Sigea, idem.
Joana Vaz, idem.
Gabriela, Dama da Côrte.
D. Leonor de Noronha, filha do Marquês de Vila Real.
Condessa de Lorvão.
Domingas, pastora.
Isabel, mulher do guarda da cadeia de Goa.
Joana, mulher do povo.
Maria, idem.
Helena, idem.
Religiosa, enfermeira em Ceuta.
Moça do Restelo.
Mulher de Goa.

Personagens da Côrte de El-Rei D. João III e de El-Rei D. Sebastião, damas, fidalgos, cavaleiros, pajens, estudantes, capitães de naus, pilotos, marinheiros, grumetes, soldados, esbirros, moradores de Goa, e de Moçambique, bailadeiras indianas, músicos da Côrte, músicos populares, ninfas da Ilha dos Amores, gente do povo, etc.

Designação das Jornadas

Prólogo evocativo.

1.ª *Jornada* — Em Coimbra.
5 Cenas.

2.ª *Jornada* — Na Côrte.
7 Cenas e 37 Episódios.

3.ª *Jornada* — No desterro.
3 Cenas.

4.ª *Jornada* — Em Ceuta.
4 Cenas e 3 Episódios.

5.ª *Jornada* — Regresso a Lisboa.
6 Cenas e 5 Episódios.

6.ª *Jornada* — A Caminho da India.
6 Cenas e 9 Episódios.

7.ª *Jornada* — Na India.
7 Cenas e 20 Episódios.

8.ª *Jornada* — Em Macau.
8 Cenas e 4 Episódios.

9.ª *Jornada* — Em Goa.
23 Cenas e 14 Episódios.

10.ª Jornada — Em Moçambique.

2 Cenas e 6 Episódios.

11.ª Jornada — Regresso a Portugal.

1 Cena e 3 Episódios.

12.ª Jornada — Os Lusiadas.

8 Cenas e 7 Episódios.

Apoteose Final.

A acção decorre, de 1542 a 1580.

Prólogo evocativo

Coimbra, com a deslumbrante beleza dos seus panoramas e a curiosidade das suas tradições, recordará a mocidade escolar do poeta, freqüentando o Colégio de S. Miguel.

E' natural que inicialmente perpassem ante nós, êsses vislumbres da graciosa cidade, assim como a indicação das características interpretativas da acção que vai desenrolar-se.

A tais elementos cabe o suave comentário de uma música iniciada subtilmente, mas que aumentará na medida da emoção que se tenta criar, até que se fixa numa marcha solene e clangorosa, quando, através de névoa, como formada na imprecisão de um sonho, virmos pouco-a-pouco, esboçar-se e definir-se o vulto brônzeo do genial poeta Luís de Camões, tal como estátua imponente que se evocasse e nos surpreendesse. Ela surgirá, por fim, em radiante luminosidade, para em seguida se diluir e desaparecer, ao esvaziar-se o vibrante final da referida marcha, em que então predomine o estridor apoteótico de charamelas e trombetas marciais.

Fim do Prólogo. Mutação da Cena

1.ª Jornada — Em Coimbra

CENA I

Vista de uma rua de curiosa perspectiva, na cidade de Coimbra, em meados do século XVI (ano de 1542).

Balcões floridos. Janelas com rótulas que se erguem para os moradores espiarem os transeuntes e palestrarem com a vizinhança.

Ouve-se o badalar do sino do Colégio de S. Miguel, chamando os estudantes às aulas.

Passa na rua, gente de várias condições, tricanas, homens do povo, etc. Surgem grupos de estudantes, em jovial e ruidosa camaradagem.

Soltam-se risadas. Enfoam-se descantes, logo interrompidos com gracejos e remoques. Alguns estudantes, ora caminham, ora se detêm, travando por momentos, prasenteira discussão.

Às janelas e portais, assomam curiosos moradores, especialmente moças de agradável semblante, e uma ou outra pessoa idosa, mal encarada, mostrando-se indisposta com o arruído da turba escolar, em contraste com os rostos sorridentes das jovens.

Dentre êsses estudantes que se encaminham para as aulas, destaca-se um, por sua mais estranha desenvoltura, moço de 18 anos próximamente, mas de compleição robusta e fisionomia simpática, o qual é, Luís Vaz de Camões.

O perpassar das imagens que nos patenteiam o ambiente da acção, emquanto se não trava o diálogo, supõe-se acompanhado de uma música viva mas subtil que pouco-a-pouco se extinguirá, para então se escutarem as vozes dos personagens.

De relance, colhe-se a visão de algumas das fisionomias mais curiosas pela sua expressão, dentre os participantes desta cena, ou se acompanha o seguimento dos vários grupos de estudantes, até se perderem de vista, nos últimos planos da perspectiva.

Um estudante

Viva Minerva, a Deusa da Sabedoria!

Algumas vozes

Viva!

Outro estudante

Onde está ela?... Onde está a senhora Deusa?

Outro estudante

No Olimpo!

Algumas vozes

Salvé o Olimpo!... Venha a nós, a Minerva!

Outras vozes

Venha a nós, a mofina!...

Um estudante

Fora a sabedoria!... Glória aos madraços!...

Luís de Camões

Ora sus, amigos! Sejamos clássicos. Viva Júpiter, pai dos Deuses!...

Um estudante

Salvé Luís Vaz, o latino!... O rival de Horácio, nas odes, e de Marcial, nos conceitos!

Outro estudante

Viva Apolo, e mais a sua lira!

Um estudante

Venda-se a lira, para mercarmos arrufadas às tricanas!

Outro estudante

Salvé as belas tricanas!

Um estudante falando para uma moça que se encontra numa das janelas.

Sois mais bela que uma manhã de S.ª João.

Salvé a formosa! Salvé a curiosa, de olhos narcisos!

Um estudante dirigindo-se a outra moça.

Senhora donzela que brilhais no resplendor dessa janela... Mandai-me um beijo!

Outro estudante para a dita moça.

Mandai-me um queijo!...

Outro estudante

Fora a tirania da pança! Sejamos espirituais!...

Um estudante

Viva Baco e mais o espírito da sua lavra!...

Alguns estudantes atiram beijos às moças que se encontram pelas janelas. Outros atiram-lhe com os próprios livros que depois vão apanhar no solo, beijando-os ou estreitando-os ao peito.

Os grupos vão-se afastando, a entoar uma canção cujos sons também se apagam e se perdem a distância.

Persiste, apenas, o badalar do sino do Colégio de S. Miguel. Transeuntes detêm-se, acompanhando com a vista, os estudantes, outro tanto fazendo as pessoas que assomaram às janelas. Sorrisos. Adeuses com lenços.

Fim da Cena I. Mutação.

CENA II

Outro trecho da mesma rua. A um lado, uma venda de vinho, com um ramo de loureiro, a sobressair do portal. Os mesmos grupos de estudantes, seguem a caminho do Colégio de S. Miguel. Continua a ouvir-se o badalar do sino dêsse Colégio.

Outro estudante indicando o ramo de loureiro.

Olhai, ó gentes, o apetecido louro que premeia os gloriosos e revela o bom nectar!

Outro estudante

Tomai, tomai o louro, para com êle exaltarmos as Musas na pessoa de Luís Vaz, o latino!

Um estudante

Coroemos agora Luís de Camões! Logo provaremos do nectar!

Outro estudante

Gloria a Luís Vaz!

Algumas vozes

Feito! Feito! Coroemos o nosso vate!

Luís de Camões

Amigos! Reservai o louro para a nossa ucharia e dispensai o lourel da Glória!...

Um estudante

Olhai por nós, Oh! Glória dos madraços, e por Luís Vaz, Oh! Glória dos vates!...

Outro estudante

Viva Luís Vaz, o audaz!... Luís de Camões, o latino!...

Um estudante

Latino, e ainda menino!...

Um estudante vai arrancar do portal, o ramo de loureiro e com êle entretece rùsticamente uma coroa que depõe na frente de Luís de Camões.

Algumas vozes

Viva! Viva! Levemo-lo ao Parnaso!

Um estudante

Com paragem na «Adega do Palhaço», que é onde se aderga melhor paladar!

Outro estudante

Em triunfo, o Luís de Camões!

Algumas vozes

Aos ombros! Aos ombros! Em triunfo!...

Elevam-no triunfalmente, e afastam-se em alarido. Os transeuntes olham o estranho grupo e trocam entre si, galhofeiros comentários.

Fim da Cena II. Mutação

CENA III

Interior do «Retiro do Pencudo», estalagem e taberna nos subúrbios de Coimbra.

Mobiliário muito rústico e decadente. Mesas e bancos, para a freguesia de baixa condição que freqüenta o estabelecimento. Soldados, alquiladores, campónios, ciganos.

Ao fundo, um balcão ordinário, para venda, além do qual se descobrem, pipas, barris, gomis, copas, escudelas e outros utensílios de taberna e pousada miserável. Ao lado esquerdo do recinto, um armário fôsco, de grandes dimensões, no qual se arrumam acessórios diversos relativos ao negócio da casa.

E' noite, e dois lampiões fumarentos, iluminam a cena. Uma lanterna portátil, também, acesa, está colocada sôbre o balcão.

A's mesas, grupos dêsses fregueses de fisionomias sinistras. Alguns, comem iguarias reles; quási todos bebem copiosamente, por cangirões, albarradas ou pichéis de estanho; outros, jogam as cartas ou os dados. Numa das mesas, ora questionando, ora abraçando-se, um grupo de três soldados, um tanto embriagados.

Miguel, o *Pencudo*, dono da locanda, carácter pusilânime e grotesco. Tipo de alcoólico bonacheirão. Cincoenta anos, pròximamente, de uma existência mesquinha, indiferente a tudo que não seja o seu negócio. Brígida, mulher que vive com êle, mais idosa, horrenda, imunda; uma hárpia rancorosa e prepotente, dominando por completo, o locandeiro.

Rosa, filha dêste, mas não de Brígida; moça bela e graciosa, maltratada constantemente pela sua pseudo-madrasta. E' uma flor, perdida e a estiolar-se, naquele antro.

Por de trás do balcão, Brígida e Miguel, ocupam-se em trabalhos que dizem respeito ao serviço dos fregueses; pela frente do balcão, e junto dêste, Rosa conversa com João, camponês ainda moço e de presença agradável, enamorado de Rosa.

Brígida para Rosa

Despegai daí, minha seresma, e ide servir mais vinho àqueles soldados que o bebem como sanguessugas. Dirigindo a fala a João. E vós, grande estafermo, não vos confieis em adoidar a moça. Dou ao démo, a freguesia! Não me gastais o vinho e gastais-me a paciência...

João submisso

Tia Brígida. Eu sou isento de más palavras com a moça.

Brígida

Boas ou más, dito está e não vos digo mais! Para Miguel. Atentais nisto, Miguel?

Miguel bonacheirão

Não vos encanzineis, mulher. Deus seja louvado!

Brígida

Sois vezeiro nessa pequice. Deixai lá o Deus nas alturas ou nos altares!

Miguel

Tolheis-me a fala. Havieis de querer que me apegasse com Satanás?

Brígida

Apegai numa vara de marmeleiro e sacudi êsse linhoso, no espaço de dois Credos! Indica João.

Rosa timidamente

Senhora mãe...

Brígida

Qual mãe, nem qual raio! Se fôsse vossa mãe, então o verieis! Mas eu não poderia ter botado à luz, uma lêsma destas... A Rosa, com rancor. Sumi-vos da minha vista, mofina, e ide pelo que vos disse!... Belisca-a fortemente num braço.

Rosa doendo-se

Ai! Afasta-se chorando e vai servir os soldados que procuram afaga-la. Ela esquiva-se.

João

Abonda de raivar, tia Brígida.

Brígida

Vós é que abondais nesta casa. Espantai-vos daqui, por uma vez! Digo e redigo. A moça não é para sair de cá, nem há-de abalar para qualquer sandeu que a queira de graça, como vós, que não tendes onde tombar morto!

João

Mas trabalho, trabalharei ainda mais...

Brígida

Ide com essa à feira! Queria talvez que a criatura mourejasse para êle? Ouvis isto, Miguel?

Miguel

Pelas tripas de Judas, não me ataganteis o miolo! Acudi a contentar os fregueses e que Deus seja louvado! Vai servir alguns dêles.

Luís de Camões entrando

Ouvi falar em Deus, no «Retiro do Pencudo». Dirigindo a palavra a Brígida. Que milagre foi, senhora bruxa?

Brígida

O' sarna de judeu! Já vindes vós tentar-me a língua!

Luís de Camões

A vossa língua peçonhenta? A Miguel. Ora pois, tio Miguel, ainda recadais esta centopeia, para vosso fadário?...

Brígida para Miguel

Ah! homem!... Má corrença te acuda, que não acudis por mim!

Miguel

Deixai-o falar, criatura. E seja tudo pelas chagas de Cristo!

Luís de Camões falando com Rosa e João.

Olá, Rosinha!... Olá, João! Em que tristura vos vejo! Estais anojados? A João. Vinde cá. Falai com a moça. Não vos torneis semsabor, que ela é uma joia. Leva João a aproximar-se de Rosa. Ride...

Conversai... Quer-se derriço pegado. E o casório há-de fazer-se, pelo S. João!

Brígida a Luís de Camões

Nanja isso! Vós não governais a moça!

Luís de Camões

Nem vós, bodegueira de má morte, que nada sois a ela! Falando com Rosa e João, ao passo que indica Brígida. Já percebo. Aquela negregada coruja batalhou convosco? A Rosinha. Vós chorasteis? Os olhos são de pranto, mas não foi com arrufos de conversados... Foi ela! Ai aquele Belzebu de saias, que ainda leva uma surra!

Brígida

Tarrenego! A Rosa. Sumi-vos lá para dentro, que por causa de vós, é toda esta quisília!

Miguel vem conversar baixinho, com uns fregueses de má catadura que estão numa das mesas.

Luís de Camões a Rosa, com intimativa.

Ficai! A Brígida. E vós, cadela raivada, não me reganheis a dentuça, nem amofineis a Rosinha, que vos regalo os focinhos como será mister!

Miguel voltando para dentro do balcão, e falando para Luís de Camões.

Não vos engriteis, que os fregueses querem beber em paz!

Brígida a Miguel

Ao inferno vos encomendo, bargante, que me desamparais! Aos fregueses, indicando Luís de Camões. Mas vós, senhores, dasafrontai-me daquele endemoninhado! E' uma pobre de Cristo que vo-lo requer!

Um freguês de má catadura levantando-se e falando para Luís de Camões.

Senhor estudante ou quer que é! Não anojeis os donos da casa, nem a nós-outros, gente honrada que nela pousamos como entre amigos. Desamparai asinho, estes lugares, que não são para vós... E' bom conselho...

Luís de Camões com arrogância

Olá, tio Miguel! Eu sou um freguês do «Retiro do Pencudo», como os demais! Entregando dinheiro a Miguel. Aí tendes a paga da vossa mixórdia que não bebo e com que podereis encher aqueles odres! Indica os fregueses da locanda.

Alguns fregueses erguendo-se

Fora! Fora, o confiado!...

Rosa em voz baixa, a Luís de Camões.

Por Deus! Ide-vos embora, senhor Luís!... São rufiões de temer! Parti!... Parti!...

Luís de Camões em voz baixa, a Rosa.

Sossegai. Eu lhes conheço as manhas...

Miguel falando aos soldados.

Senhores soldados! Acudi a esta torvação e levai daqui o praguento! Que não haja motim no «Retiro do Pencudo», de tam honesta fama. Lá fora se havenham.

Luís de Camões defrontando arrogantemente, os individuos que se ergueram.

Vós que rosnais contra mim, quantos sois, afinal? Três?... Quatro?... Cinco, além de uma vélha cadela e de três soldados borrachos?

Um dos fregueses ameaçador

Olhai que não tendes aqui, os vossos foliões de Coimbra!

Luís de Camões zombeteiro

Não haverei mister dos meus companheiros de Coimbra, para tornar em cisco esta espelunca e a

sua freguesia de malsins! Dá um violento soco no balcão, fazendo assustar Miguel e Brígida. E pelo S. João, eu vo-lo juro, que voltarei com os meus amigos, para a boda de Rosinha! Nós lhe arranjaremos o dote e pagaremos o festim!

Tem-se ouvido o relinchar de guinchos e o rodar de um carro que se aproxima. Isto deixa de se escutar subitamente, quando Luís de Camões acaba de falar, sentindo-se logo, um grande fracasso, alguns gritos e o irregular tropear de cavalos. Espectativa inquieta, dos circunstantes. Alguns dêles, incluindo Brígida, correm à porta, para observar o sucedido. Luís de Camões fica junto do balcão, tendo a seu lado Rosa e João, com os quais troca palavras em voz baixa.

Brígida voltando para dentro da locanda.

Um coche com uma fidalga, que ia tombando numa sob-roda, e quebrou os tirantes. A Rosa. O' minha linhosa!... Levai-lhes essa alanterna. Indica a lanterna portátil, que está sôbre o balcão.

Luís de Camões toma a lanterna e coloca-a, à fôrça, na mão de Brígida.

Tomai, e vinde prestar valimento à fidalga. Se não... Ameaça-a com o punho fechado e empurra-a na sua frente para a porta, junto da qual, Brígida se detém.

Rosa procurando reter Luís de Camões e falando-lhe em voz baixa.

Senhor Luís! Por vossa salvação vos peço... Aproveitai o ensejo e parti sem detença...

Luís de Camões sorridente e afagando-lhe o rosto.

Ainda não, minha princesa. Para Brígida, que se encontra parada junto da porta. Andai, serpente! E espevitai êsse morrão, se não quereis que vos espevite a queixada!

Brígida obedecendo-lhe, revoltada.

Perro!... Bargante!... Mafarrico!...

Luís de Camões encaminha-se para a porta. Nessa ocasião, vem entrando, assustadiça, e lançando olhares inquietos para os circunstantes, a Condessa de Lorvão. Meia idade, bem cuidada. Presença senhoril, mas cativante. Trajo de viagem, sem rejeitar sumptuosidade. Anéis e brincos magníficos; jóias reluzentes, no colo. Acompanha-a um lacaio grotesco, tomado de grande pavor, à vista dos sinistros freqüentadores da locanda. Luís de Camões, chegando junto da fidalga, saüda-a cortêsmente. Ela olha-o com atenção.

Condessa de Lorvão dirigindo a palavra aos assistentes, em geral.

Permiti, senhores, que me repouse aqui uns instantes, emquanto o meu coche se compõe. Estão a

carregar-lhe os tirantes que rebentaram, e por um ápice que nos não viramos...

Luís de Camões à Condessa de Lorvão.

A casa é miserável, mas perto não encontraríeis outra. Julgai-a como vossa.

Condessa de Lorvão a Luís de Camões.

Eu sou a Condessa de Lorvão, e dirijo-me à minha casa de Coimbra. E vós, quem sois?

Luís de Camões

Um viajeiro de acaso, como vós, costumando alongar os meus passeios até estes arrabaldes. Luís Vaz de Camões, para vos servir e sobrinho de D. Bento de Camões, Geral do Mosteiro de Santa Clara de Coimbra.

Condessa de Lorvão com visível contentamento.

Ah! Mui bem conheço vosso ilustre tio. Em boa hora vos encontro. Logo vos reconheci como de sangue fidalgo. Dá-lhe a mão a beijar.

Luís de Camões oferecendo-lhe um banco, e com ironia.

Descansai um pouco, neste escabêlo, que é quanto vos pode conceder êste magnífico «Retiro do Pencudo», onde vos encontrais.

Miguel curvando-se numa vénia exagerada.

O «Pencudo», aqui presente, para vos servir, senhora fidalga...

Luís de Camões para João, entregando-lhe a lanterna que Brígida depusera sôbre o balcão.

João. Ide ver se lá fora precisam alguma ajuda.

João troca olhares inquietos com Rosa, e sai. Os circunstantes vão-se aproximando de Luís de Camões e da Condessa de Lorvão, em atitude zombeteira e provocadora. Miguel e Brígida, segredam por detrás do balcão. Rosa conserva-se um pouco desviada do grupo principal que se formou em tôrno de Luís de Camões e da Condessa. Dois dos soldados, continuam beberricando, como alheios ao que se passa; o outro, adormeceu, encostado à mesa.

Um freguês da locanda junto da Condessa de Lorvão, dirigindo-lhe a palavra rudemente.

Como luzem êsses coriscos que trazeis ao pescoço! Quantos mil cruzados valem êsses mimos, não me dizeis?

Luís de Camões afira-o a distância, com um violento sôco, e ràpidamente arrancando a espada a um dos soldados, corre para junto da Condessa. Os do grupo, recuam um pouco. A Condessa ergue-se assustada e acerca-se mais de Luís de Camões. Outro tanto faz Rosa. O lacaio, trémulo de pavor, vai abrigar-se debaixo de uma das mesas. Miguel, por detrás do balcão, benze-se repetidas vezes.

Luís de Camões arrasta resolutamente a Condessa e Rosa, para junto do grande armário que se encontra à esquerda, mas defrontando sempre os circunstantes, com a espada em riste.

Amparai-vos com êste armário. Não arredeis daí, nem vos inquieteis... Faz com que a Condessa e Rosa se abriguem quanto possível, no canto formado pelo armário. Dirigindo depois a palavra a Rosa. Rosinha! Não abandoneis a fidalga!...

Rosa aflita

Jesus! Senhor Luís!...

À êsse tempo, os dois soldados despertos, têm-se erguido surpresos e cambaleantes, procurando participar na contenda.

Luís de Camões avançando ameaçador, para os circunstantes, agrupados em sinistra expectativa, a um lado do recinto.

Agora, senhores, façamos contas! Falando a um, do grupo. E tu, lá dos coriscos que cobiçais à senhora fidalga, ireis ver como êles fuzilam desta espada! Precipita-se sôbre os do grupo, que em feroz acometimento, procuram aniquilá-lo. João surge à porta, e tomando o seu varapau, que está encostado a um canto, corre em auxílio de Luís de Camões.

Uma voz

Acabemos com o franganote! Prossegue a luta movimentada.

Fim da Cena III. Mutação.

CENA IV

Exterior da locanda «Retiro do Penedo». Dístico, em tabuleta suspensa de um tôsco braço de madeira. Um lampião sôbre a porta, ilumina dèbilmente o acesso. Entrada pouco freqüentada e sem trânsito àquela hora. Noite de luar, mas o arvoredo dos terrenos marginais, forma sombras que se fundem mais longe, em plena escuridão. Um pouco desviado da porta da locanda, estaciona um coche antigo, com os cavalos atrelados. Vulto do cocheiro apeado, a segurar-lhes as rédeas. Ouvem-se confusos ruídos e vozes entrecortadas, que partem do interior da locanda. Sai desta, correndo, atarantado, o lacaio, que pára junto do coche, olhando com inquietação para a porta da locanda. Seguidamente, saem por ela, Luís de Camões, conduzindo pelo braço, a Condessa; Rosa, ampara-a do lado esquerdo; logo atrás, segue João, com o seu varapau e uma lanterna na mão. Camões traz o fato e o cabelo em desalinho. Vem talvez ferido, mas sem o dar a conhecer. Na mão livre, ainda sustenta a espada.

Lacaio de longe

Depressa... Depressa, senhora Condessa!...

Luís de Camões aproximando-se do coche, com o grupo que acaba de sair da locanda.

Lá iremos, amigo.

Condessa de Lorvão

Senhor Luís de Camões... Agora, peço-vos por amor de Deus, para virdes no meu coche...

Luís de Camões

Não posso... Não devo...

Condessa de Lorvão surprêsa

O quê? Não podeis? Vi como sois bravo e generoso. Não me abandoneis assim... Protegei-me na viagem. Receio que alguns daqueles malvados se tenham escapado, para nos acometer...

Luís de Camões

Senhora Condessa. Deixai-me resolver, que tudo é por vosso bem, e isso mereceis. O coche não comporta mais de quatro pessoas, que precisa conduzir, e eu muito vos requeiro a mercê, de que leveis convosco, e empregueis na vossa casa, essa excelente moça bem digna do vosso favor. Irá também, para

o que fôr mister, êsse valente rapaz, conversado dela, pois que o vosso lacaio não é para estas emprêsas...

Condessa de Lorvão

E vós?... E vós?...

Luís de Camões

Não cuideis de mim, senhora, que outros cuidados tenho a seguir, por vossa intenção. Dentro de meia hora, estarei em Coimbra, a saber como chegasteis.

Condessa de Lorvão

Assim deliberais?... Muito receosa fico!...

Luís de Camões

Ide segura.

Condessa de Lorvão

Os meus receios agora, são por vós... Quanto vos devo, senhor!

Luís de Camões

Beijo-vos as mãos. Beija-as. E agora, parti, parti sem mais defença!...

A Condessa sobe para o coche. Luís de Camões, tomando a lanterna da mão de João, empurra êste e Rosa, para dentro do coche. Vão com Deus, amigos! Rosa, antes de subir, beija a mão de Luís de Camões, fazendo menção de ajoelhar a seus pés, mas Camões fá-la entrar prontamente no coche. O lacaio sobe para junto do cocheiro. Luís de Camões ordena para o cocheiro: Largai! Largai!... E não poupeis os cavalos!... O cocheiro fustiga-os e partem logo à desfilada. A' porta da locanda, espreitam vultos suspeitos.

Luís de Camões, com a lanterna na mão esquerda e a espada na mão direita, segue o caminho do coche, entoando a canção:

¿De que me serve fugir
De morte, dor e perigo,
Se me eu levo comigo?

Tenho-me persuadido
Com razão conveniente
Que não posso ser contente
Pois que pude ser nascido.
Anda sempre tam unido
O meu tormento comigo
Que eu mesmo sou meu perigo...

A voz de Luís de Camões vai enfraquecendo, ao longe. De súbito, ouvem-se dois tiros.

Fim da Cena IV. Mutação.

CENA V

Vista do adro da Igreja de S. João de Almedina, em Coimbra. Multidão tomando o Largo contíguo, notando-se em grande número, estudantes buliçosos e joviais, trazendo consigo, capelas de flores e festões de verdura, como em dia solene. Música popular de guitarras, pandeiros, gaitas de foles e tamborins. Estalejam foguetes. Repicam os sinos. Momento de espectativa nos circustantes. Saem da Igreja os noivos; João, conduzindo pelo braço Rosa, encantadora no seu trajo campesino, de gala. Seguem os convidados, à frente dos quais vêm Luís de Camões e a Condessa de Lorvão, majestosa e sorridente, acompanhada por alguns personagens de categoria; os restantes, em maior número, são camponeses e populares que também constituem a assistência interessada e alegre. Formam-se alas. Os estudantes lançam flores sôbre o cortejo; Luís de Camões adianta-se aos noivos e vai-lhes abrindo passagem, com exuberante contentamento, mas fidalgas maneiras.

Fim da 1.ª jornada — Mutação

2.ª Jornada — Na Côrte

CENA I

Uma sala no Paço da Ribeira, em Lisboa, cêrca de 1545, quando ali se realizava um serão, tendo El-Rei D. João III 44 anos de idade e Luís de Camões 21 para 22 anos. Nessa época, os membros da família real, que freqüentavam o Paço, além do Rei e da Rainha D. Catarina, eram os dois filhos de El-Rei D. Manuel: o Infante D. Luís, Duque de Beja, que nascera em 1506 (tinha então 39 anos de idade), e a Infanta D. Maria, muito culta e formosa, que nascera em 1521, contando, portanto, 24 anos de idade.

Então, brilhava na Côrte, um grupo de damas ainda jóvens, entre as quais predominava a infanta D. Maria, damas possuindo uma apurada educação literária, especialmente humanista, conhecendo perfeitamente o latim, o grego e até o hebraico, em cujas línguas realizavam apreciáveis composições, assim como em português.

Nessas damas, ligadas por semelhante aplicação literária, como que numa academia, contavam-se principalmente: D. Francisca de Aragão, D. Guiomar de Blaesfet, filha de D. Francisco de Cusmão, D. Luísa Sigea, D. Angela Sigea, D. Joana Vaz, D. Leonor Coutinho.

Entre outras damas que freqüentavam o Paço, se compreendiam três que tinham o mesmo nome de Catarina de Ataíde, pertencendo a famílias diferentes: uma, era filha de D. Antônio de Lima, supondo-se ter sido a esta que Luís de Camões dedicava certo fervor sentimental; as outras duas, eram: uma, prima do poeta, filha de D. Francisco da Gama, e outra, finalmente, D. Catarina de Ataíde, filha de Álvaro de Sousa.

Outras damas, assíduas no Paço, eram D. Leonor de Noronha, filha do Marquês de Vila Real, D. Maria Bôca Negra, dama da Rainha D. Catarina, casada com D. Antônio de Lima, mordomo-mor do Infante D. Duarte, etc.

Entre as distintas cultoras de música, que amenisavam os serões régios, se compreendia a famosa tangedora de alaúde, Paula Vicente, filha do poeta Gil Vicente, autor de vários autos representados nas Côrtes de El-Rei D. Manuel e D. João III. Paula Vicente, era também, dama da Rainha D. Catarina.

Tanto a bela Maria de Parma, como as irmãs Catarina Costa e Leonor Costa, da Casa das Infantas, filhas de D. Duarte, brilhavam também nas execuções musicais, em que participavam igualmente João de Badajoz, os irmãos Baenas, e o hábil tangedor de harpa Nicolau de Estovar.

Antônio do Vale, exercia o mimoso ensino de bailar graciosamente, *pavanas* e *galhardas*.

Conforme as antigas usanças, disfrutavam especial tolerância no Paço, visto serem apreciados pelas suas chocarrices, algumas vezes entremeadas de ditos espirituosos, os bufões D. Fernando Roxas, «Marmanjo-Mor», o preto crioulo João de Sá, «O Panasco», porventura o mais gracioso, D. Félix, e D. Briando.

Dos fidalgos, assíduos na Côrte, podiam notar-se D. Luís da Silveira, poeta e valido de El-Rei; D. Álvaro da Silveira, seu filho; D. Francisco de Portugal, Conde de Vimioso, trovador e autor de uma *Arte de Galanteria*; D. Manuel de Portugal, seu filho e também trovador; o Conde de Linhares, D. Antônio de Noronha; o Conde do Prado, D. Pedro de Sousa; o Conde da Castanheira, D. Antônio de Ataíde; o Marquês de Ferreira, D. Rodrigo de Melo, estes quatro últimos títulos de nobreza, tendo sido concedidos por El-Rei D. João III.

Entre os cortesãos que por êsse tempo desempenhavam cargos especiais, se apontavam: D. Rodrigo Lobo, Barão do Alvito, Vedor da Fazenda; D. João de Meneses, camareiro-mor de El-Rei; o Conde de Portalegre, mordomo-mor; D. Pedro de Mascarenhas, estribeiro-mor; Luís Lopes, veador de El-Rei; Cristóvão de Melo, mestre-sala; Gaspar de Paiva, tesoureiro do Paço; Simão da

Cunha, trinchante; João da Silva, Regedor das Justiças; Duarte Rodrigues, reposteiro; D. António de Almeida, vedor da Rainha; Lopo de Almeida, pajem da Rainha; D. António de Lima, que fôra mordomo-mor do Infante D. Duarte já falecido; o poeta Andrade Caminha, que fôra camareiro-mor do mesmo Infante; Francisco de Gusmão, mordomo-mór da Infanta D. Maria; Frei João Soares, mestre do Príncipe D. João e depois Bispo de Coimbra; Fernandes Cabral, Deão da Capela Real.

Também freqüentavam a Côrte, os Príncipes da Igreja, D. Fernando de Vasconcelos e Meneses, Arcebispo de Lisboa, e D. Frei Braz de Barros, Bispo de Leiria.

Além das damas, fidalgos e cortesãos citados, eram admitidas na Côrte, pessoas de mais apagada categoria, tais como: Luís de Camões, sobrinho de D. Bento de Camões, Geral de Santa Cruz de Coimbra e Cancelário da Universidade; Francisco de Morais, secretário de embaixada e autor do romance de cavalaria, *O Palmeirim de Inglaterra;* Jorge da Silva, filho de João da Silva, Regedor das Justiças, e muitos outros.

Neste ambiente palaciano, deslumbrante e perigoso, é que se vai encontrar enleado, o moço trovador Luís de Camões.

O grandioso recinto, é mobilado e decorado com fausto verdadeiramente régio. Ao fundo, um estrado com cadeiras magníficas, mas ainda desocupadas, que se destinam à Família Real e seu séquito.

Assistência brilhante e animada. Grupos de cortesãos, assediam com galanteios, várias damas que estão sentadas em cadeiras e bancos estufados. Alguns pares deambulam, conversando; outros segredam nos desvãos das janelas ou na penumbra dos belos cortinados.

Os bufões D. Fernando de Roxas, e especialmente João de Sá, nos seus trajes ridículos, com os seus ademanes estouvados e falas truanescas, vão chalacear junto de um ou outro grupo. Criados, com solenes fardas, circulam de quando-em-quando, servindo refrescos e guloseimas.

Risos, remoques, confidências.

Música dolente, cadenciada, meliflua, ao gôsto antigo, acompanha a representação gradual do conjunto, pela imagem, que surpreenderá alguns episódios limitados a certos parsonagens da assistência e as suas mais caracteristicas expressões fisionómicas ou atitudes, alternando-se êsses quadros episódicos, com golpes de vista mais amplos, correspondentes a vários aspectos do festim.

1.º EPISÓDIO

Andrade Caminha, poeta e camareiro do Infante D. Duarte, num grupo com dois fidalgos.

1.º Fidalgo

Que notícias tendes de Jorge da Silva, enleado como dizem, em altos e perigosos amores?

Andrade Caminha

Pois não sabeis?

2.º Fidalgo

Como andais apartado do mundo! El-Rei fê-lo encarcerar no Limoeiro.

Andrade Caminha

Há três dias que é o grande segredar na Côrte.

1.º Fidalgo

O' que salgado moço! Anojada, a senhora infanta D. Maria, com a resolução de El-Rei?

Andrade Caminha

Vê-la-eis dentro em pouco. Nunca pode medir-se o que as damas experimentam nestes lances.

2.º Fidalgo

Desaire grande para o senhor Regedor das Justiças, João da Silva, ter o próprio filho em ferros de El-Rei...

Andrade Caminha

E em ferros de tam desvairados amores... Vereis, senhores, que ao destemperado mancebo, Luís de Camões, outro tanto sucederá.

2.º Fidalgo

Suspeições, talvez...

Andrade Caminha

Mais do que certo, senhor! Toda a côrte já murmura também. Confidencial. Como a Jorge da

Silva, El-Rei não lhe perdoará o ousio com que galanteia na Côrte.

1.º Fidalgo

Poetas... Poetas... Vêde D. Manuel de Portugal, tam discreto fidalgo, perdidamente enamorado de D. Francisca de Aragão... E João Lopes Leitão, forçando amores com as damas de Sua Majestade... Poetas... Poetas...

Andrade Caminha

Maus poetas e maus servidores de El-Rei, que deslustram a sua privança...

2.º EPISÓDIO

O Bufão D. Fernando Roxas, o «Marmanjo-Mor», com petulante e caricata irreverência, admoestando D. Francisca de Aragão, em altas vozes:

D. Fernando Roxas

D. Francisca de Aragão! Não aceiteis os galanteios de D. Manuel de Portugal, porque sois de Aragão e não de Portugal! D. Francisca de Aragão sorri, um tanto enleada. D. Fernando Roxas afasta-se, rindo escarninhamente. Sorrisos dos assistentes. Alguns dêstes, segredam maliciosas confidências.

3.º EPISÓDIO

A figura de Luís de Camões aparece a destacar-se no primeiro plano da assistência. Corteja afàvelmente algumas damas que passam junto dêle. Cumprimenta alguns cortesãos que lhe falam com agrado ou condescendência.

A Infanta D. Maria, acerca-se dêle e diz-lhe confidencialmente:

Infanta D. Maria

Quando soarem as 11 horas no relógio da Capela Real, encontrai-vos no Terraço...

Luís de Camões em voz baixa

Lá me encontrareis, como servidor vosso, senhora Infanta... Beija a mão à Infanta. Esta some-se entre os assistentes. Luís de Camões fica parado, seguindo-a com vista cuidadosa.

4.º EPISÓDIO

O bobo João de Sá, «O Panasco», preto creoulo, aos pulinhos, fazendo tilintar as guizeiras do seu vestuário grotesco, aproxima-se de Luís de Camões, dizendo-lhe com esgares truanescos:

João de Sá

João Vaz, que tam mimoso sois entre as mimosas, ensinai-me as traças de Cupido...

Luís de Camões com sequidão

Não tendes juízo para as aprender, nem rosto que as mereceis...

João de Sá afasta-se, com menos desenvoltura que a habitual.

5.º EPISÓDIO

D. Leonor de Noronha, Joana Vaz e Catarina de Ataíde, sentadas, em grupo um tanto desviado do maior bulício do festim, e segredando.

Joana Vaz

D. Francisca de Aragão mostrou-me um galante escrito de D. Manuel de Portugal, que se dirá estar perdido de amores por ela.

Catarina de Ataíde com curiosidade

Sim? E que lhe dizia?

Joana Vaz

Palavras de muita doçura, capazes de render o coração mais desamorável.

D. Leonor de Noronha

Mas lembrai-vos do que dizia... Como gostava de ter lido essas doçuras de D. Manuel!

Joana Vaz

Ora! Todos dizem o mesmo, principalmente quando são versejadores como êle. A Catarina de Ataíde. Vós, Catarina de Ataíde, assás conheceis os galanteios que também usa o moço Luís de Camões...

Catarina de Ataíde

Oh! não!... Ele nunca me dirigiu amavios.

Leonor de Noronha

Como sois reservada! E que segredavam há pouco, no terraço, mui enlevados e juntos um do outro?

Catarina de Ataíde com embaraço

Falavamos de trovas... Joana Vaz e Leonor de Noronha riem-se.

Joana Vaz

E' o conversar que entretem com D. Francisca de Aragão, com D. Guiomar de Blaesfet, com sua prima, também Catarina como vós, e até erguendo mais altas vistas... (Pausa). Bem sabeis o que vos quero dizer.

D. Catarina de Ataíde

Suposições... Ele não o ousaria, mesmo comigo. Sabeis como meu pai o aborrece. Acha-o brigão e estouvado... E é um escudeiro...

D. Leonor de Noronha

Pois um escudeiro como êle, não foi visto há poucos dias, saltar a janela da alcova de certa Condessa?

Joana Vaz irónica

Saberia talvez fazer-lhe trovas.

D. Leonor de Noronha

Sim. Os vates são dados a tam altas emprêsas que preferem entrar pelas janelas... Muito folgarieis, Catarina, que Luís de Camões, o ousasse convosco.

Catarina de Ataíde

Maldosas! Erguem-se, tomando-se afectuosamente pelos braços e perdem-se na multidão.

6.º EPISÓDIO

A Infanta D. Maria, Luísa Sigea e D. Leonor de Noronha, conversam com D. Fernando de Vasconcelos de Meneses, arcebispo de Lisboa.

Infanta D. Maria ao Arcebispo

Eminência. Decida-nos esta dúvida...

Arcebispo

Já sei a vossa curiosidade, senhora Infanta. Desejais saber se os encantos das três Graças excederiam os vossos...

Infanta D. Maria

Não, Eminência... Não discutiamos Mitologia, mas um tema de latinidade.

Arcebispo

Na gentil Academia em que vos reunis, privais com Virgílio e com Horácio. A senhora Infanta, suplantará Anacreonte nas suas Odes e vós, D. Luísa Sigea, tendes já um famoso poema latino dedicado à nossa maravilhosa Sintra... Mas confesso-vos: Desde algum tempo, não tenho cabeça para outras latinidades, além das do Santo Sacrifício da Missa. Parece que vos apoderasteis de todo o latim do Universo...

D. Leonor de Noronha

Mas vós sois um afamado latinista.

Arcebispo

Fui... Fui... Quando estive em Roma, prèguei sermões em latim e prazia-me escrever em verso latino, receitas de copa que assim me pareciam mais

apetitosas e clássicas. Mas hoje, em vez de cultivar os clássicos da latinidade, cultivo a minha horta de Chelas, que dou aos pobres, e cultivo uns presuntinhos de Vila Viçosa, que também dou à gula de outros pobres pecadores, que depois tenho de absolver.

D. Luísa Sigea

Que humildade usais, Eminência!

Arcebispo

Humildade, não. Orgulho de um pobre de Cristo, pelos ricos presuntinhos da sua terra. Ide vê-los, em tentadoras fatias, na mesa da régia copa... Que os não desdenha a ucharia de Suas Majestades!...

7.º EPISÓDIO

O bobo João de Sá, preto creoulo, com os seus ademanes grotescos, aproximando-se do grupo e dirigindo a palavra ao Arcebispo:

João de Sá

Eminência. Falais no Santo Sacrifício da Missa ou no gostoso sacrifício da mesa?

Arcebispo

Acertais, João de Sá. Falava na ceia do Senhor... El-Rei D. João, que Deus guarde.

8.º EPISÓDIO

Um fidalgo falando a outro de sua companhia.

Aí chegam Suas Majestades!

Estabelece-se respeitoso silêncio. Por uma das largas portas do salão, entra o lúzido cortejo que acompanha a Família Real e constituído pelos altos dignatários do Paço. El-Rei D. João III e a Rainha D. Catarina vão sentar-se nas cadeiras que lhes estão reservadas em estrado próprio, ao qual se sobrepõe um precioso dócel de brocado vermelho. Ligeiro comentário musical, durante o perpassar do cortejo. A Infanta D. Maria e os Infantes D. Luís e D. Duarte, ficam junto dos Monarcas. Outros Grandes do Reino formam assistência à Família Real. D. João III conversa com alguns dêles. O bufão D. Francisco Roxas, aproxima-se, a inquirir o que seria agrado do soberano, para entretenimento do serão, participando-o logo à assemblea.

9.º EPISÓDIO

D. Francisco Roxas, bufão da Côrte, falando em voz muito alta.

Damas e Senhores! Vai dançar-se uma *Galharda*, ensaiada por mestre António do Vale. Sem detença, as mimosas formem pares com os seus escolhidos amores... Donzéis e donzelas! Rompei-vos na *Galharda*, ao compasso do mestre bailão António do Vale!...

Organizam-se os pares. Estabelece-se uma clareira, na assistência, dando lugar à execução da dança. A música privativa da Côrte, faz ouvir o dolente acompanhamento da *Galharda*, que os pares dançam com galanteria.

10.º EPISÓDIO

Terminada a diversão, o bufão D. Francisco Roxas participa aos assistentes.

D. Francisco Roxas, bufão da Côrte, falando em voz muito alta:

D. Paula, vai tanger alaúde, a pedido de El-Rei.

Tomando lugar junto da Família Real, D. Paula executa um trecho musical, em alaúde, com acompanhamento de harpa, feito por outra dama.

11.º EPISÓDIO

El-Rei a D. Paula

Sois uma hábil tangedora. Agora cantai-nos as coplas de Luís de Camões, à tensão de *Miraguarda*, que também nos recordará o *Palmeirim de Inglaterra* do nosso engenhoso Francisco de Morais:

Paula cantando, acompanhada por música especial, dos executantes da Côrte.

Ver e mais guardar
De ver outro dia
Quem o acabaria?

Da lindeza vossa
Dama, quem a vê,
Impossível é,
Que guardar se possa.
Se faz tanta mossa
Ver-vos um só dia
Quem se guardaria?

Melhor deve ser
Neste aventurar
Ver e não guardar,
Que guardar e ver
Ver e defender
Muito bem seria,
Mas quem poderia?

12.º EPISÓDIO

Andrade Caminha em confidência com o bobo João de Sá.

Andrade Caminha

Já os apercebesteis nalgum encontro?

João de Sá

Por entanto não, senhor Andrade Caminha...

Andrade Caminha

Lograi fazê-lo e espiai-os, sem os perder de vista. Principalmente, a ela... Sede cauteloso e avisado, que não vos esquecerei...

13.º EPISÓDIO

A Rainha D. Catarina falando a El-Rei.

A Rainha

Dizei a D. Manuel de Portugal para nos fazer ouvir alguma trova de seu pai, o Conde de Vimioso.

O Rei

Lembrais bem... Chamando por D. Manuel que se encontra próximo. Senhor D. Manuel de Portugal!... O fidalgo aproxima-se do monarca, fazendo respeitosa vénia. Pede-vos a Rainha, e nisso a acompanho, que nos recordeis alguma trova do Conde, vosso ilustre pai, que também estimará ouvi-la pela voz de bom trovador que igualmente sois...

D. Francisco Roxas, bufão da Côrte, que se encontra próximo de El-Rei, participa em voz alta:

D. Manuel de Portugal, vai cantar uma trova de seu pai, o nobre Conde de Vimioso! Estabelece-se silêncio.

D. Manuel de Portugal canta

A vida se ver-vos
E' dor e cuidado
Que sinto dobrado
Querendo esquecer-vos
Já não poderia
Viver um só dia.

Já tanta paixão
Valer não pudera
Se vos não tivera
Em meu coração
Sem tal defensão
Meu bem um só dia
Viver não queria.

14.º EPISÓDIO

Um fidalgo aproximando-se de Luis de Camões.

El-Rei vos chama, senhor!

Luís de Camões, abrindo passagem por entre os circunstantes, dirige-se para El-Rei, junto do qual faz uma profunda vénia, beijando depois a mão ao Rei e à Rainha.

O Rei

O Conde de Vimioso, de quem ouvimos tam graciosa trova, acaba de me louvar o vosso engenho de trovador.

Luís de Camões

Grande mercê de Vossa Majestade e do fidalgo...

O Rei

A senhora Infanta D. Maria, que tam letrada é, já vos tem dado algumas tenções que glosais com muito acêrto...

Luís de Camões intencional

Quiçá me confundiu com o senhor Andrade Caminha, vate de grandes invenções...

O Rei

Não vos façais rogado com o vosso Rei, senhor Luís Vaz. Glosai êste mote:

Não quero, não quero...
Jubão amarelo.

Luís de Camões depois de alguns instantes de hesitação.

Não quero, não quero
Jubão amarelo...
Se de negro fôr
Também me parece
Quanto me aborrece
Toda a alegre côr:
Côr que que mostra dor
Quero e não quero
Jubão amarelo.

João de Sá bobo da Côrte, imitando ridìculamente, o vate:

Não quero... Não quero
Jamais quererei
Embuchar com um marmelo
Dos motes de El-Rei... (Risos da assistência.)

O Rei para Luís de Camões

Sois de pronto engenho, senhor Luís de Camões. Agora dizei-nos alguns versos ao jeito de Petrarca, em que vos ensaiais, segundo consta.

Luís de Camões com embaraço

Senhor! Não os poderei talvez recordar...

O Rei

Deligencial sempre.

João de Sá bobo da Côrte, em voz alta.

Escutai Luís Vaz, com mais jubão amarelo!...

(Riso dos assistentes).

Luís de Camões hesitante, recita:

Ondados fios de ouro, onde enlaçado
Continuamente tenho o pensamento...

Luís de Camões interrompe-se, como tendo esquecido a continuação. Não me recordo. Pausa, e depois prossegue na recitação:

Esses cabelos louros e escolhidos
Que o ser, ao áureo Sol estão tirando...

Nova pausa. Expectativa dos assistentes. Sobressalto de várias damas que ostentam cabelos louros e que são olhadas com curiosidade. Algumas delas, erguem-se e afastam-se disfarçadamente, para não ficarem em evidência.

Luís de Camões, volta a recitar, mas denotando embaraço:

Lindo e subtil trançado que ficaste
Em penhor de remédio que mereço... Pausa.

Aquelas tranças de ouro que ligaste
Que os raios do sol tem em pouco preço...

Interrompe-se, e falando a El-Rei:

Não posso lembrar o que desejais!

Volta a recitar, depois de breve pausa:

Ondados fios de ouro reluzente
Que agora da mão bela recolhidos
Agora sôbre rosas esparzidos... Pausa.

De quantas graças tinha a natureza
Fez um belo e riquíssimo tesouro
No cabelo, o valor do metal ouro...

Falando para El-Rei, e com decisão:

Senhor! E' impossível recordar-me!

João de Sá bobo da Côrte, imitando ridiculamente o vate, na sua recitação:

Que senhora dona, de cabelos de oiro mui ruivaz
Entonteceu a cabeça de besouro de Luís de Vaz? Risos.

João de Sá vai indicando várias damas presentes.

Fôsteis vós, D. Catarina de Ataíde?... Ou vós, D. Guiomar de Blaesfet?... Ou vós, D. Francisca de Aragão?... Ou vós, senhora... Curiosidade na assistência.

O Rei interrompendo bruscamente:

Calai-vos já! Para Luís de Camões: Deixai os ensaios de Petrarca, que vos tem pelos cabelos, e dizei-nos as glosas que fizesteis ao mote que vos deu D. Francisca de Aragão. Já ouvi louvá-las, por ser arrevezado o mote, a fim de experimentar o vosso engenho.

Luís de Camões recita:

Mas, porém, ¿a que cuidados?

Tantos maiores tormentos
Foram sempre os que referi,
Daquilo que cabe em mim,
Que não sei que pensamentos
São os que para nasci.
Quando vejo êste meu peito
A perigos arriscados
inclinado, bem suspeito
Que a cuidados sou sujeito;
Mas, porém, ¿a que cuidados?

Que vindes em mim buscar
Cuidados, que sou cativo?
Eu não tenho que vos dar;
Se vindes a me matar
Já há muito que não vivo...
Se vindes por que me dais
Tormentos desesperados
Eu, que sempre sofri mais;
Mas, porém, ¿a que cuidados?

Se as penas que Amor me deu
Vem de tam suaves meios
Não há que temer receios
Que vale um cuidado meu
Por mil desculpas alheios.
Ter uns olhos tam formosos

Os sentidos enlevados,
Bem sei que em baixos estados
São cuidados perigosos;
Mas, porém, ¿a que cuidados?

O Rei

Sois maneiro e pronto no trovar, senhor Luís de Camões. Em tom confidencial. Compreendo que as damas vos requestem... Pausa. Ou sois vós que requestais as damas? Sorri-se.

Luís de Camões com azedume

Se as minhas pobres trovas lhes louvam os amores, delas só ganho desamores...

O Rei

Praz-me que assim seja, por vossa tranqüilidade e melhor fruto do vosso estro.

A Rainha intencional

Ainda sois bastante moço. Não vos deixeis perder com as trovas mal destinadas.

O Rei intencional

Ouvisteis a Rainha? Fazendo gesto de despedimento. Não o olvideis, e adeus!...

Luís de Camões faz uma vénia, beija a mão ao Rei e à Rainha, e afasta-se.

15.º EPISÓDIO

Conversação entre duas damas idosas e ridiculamente pretenciosas.

1.ª Dama

D. Mécia. O vate poderia ter-vos conhecido na mocidade? Os vossos cabelos de ouro, eram os mais formosos do mundo!

2.ª Dama

Com efeito. El-Rei D. Manuel que Deus haja, muito m'os louvava. Suspirando. Ai! Que saudades experimento, quando hoje contemplo o seu dourado brilho!

1.ª Dama

Hoje?

2.ª Dama confidencial

Agora, posso dizer-vos. Foi a mais bela obra de um cabeleireiro de Versailles! Ainda a conservo para me recordar passados triunfos. Ah! os homens! Ah! os poetas! Riem-se gostosamente.

16.º EPISÓDIO

Soam as badaladas das onze horas, no relógio da Capela Real.

O Rei

Onze horas, já? Não pode ser. Que grande mentiroso que saiu o meu relógio!...

D. Pedro de Almeida alcaide-mor de Tôrres Novas, que se encontra junto de El-Rei.

Quer vossa Alteza que êle fale verdade, meu senhor? Pois mande-o afastar do Paço.

Fim da Cena I. Mutação.

CENA II

1.º EPISÓDIO

Um terraço contiguo aos salões do Paço. Discreta iluminação devida ao luar e à luz irradiada daqueles salões. Vários passeantes que, deixando a agitação do festim, vêm respirar o ar livre daquela noite calmosa e serena.

Alguns pares se detêm, em íntima conversação. Outras pessoas estão encostadas à balaustrada fronteira ao Tejo.

Luís de Camões aparece e dá algumas passadas, como procurando alguém.

Beatriz filha do Regedor das Justiças, João da Silva, toma o passo a Luís de Camões e interpela-o:

Senhor poeta!...

Luís de Camões

Senhora minha!

Beatriz

Glosai-me êste mote:

Pequenos contentamentos
Ili buscar quem contentar
Que a mim não conheceis.

A Infanta D. Maria, aparece no terraço, sem ser vista por Luís de Camões e Beatriz. Procura conservar-se oculta de ambos, a fim de os espreitar, sem que no entanto possa ouvir o que dizem. João de Sá, o bobo creoulo, aparece depois, e procura ocultar-se de todos, espionando-os também.

Luís de Camões

E' vosso, o mote?

Beatriz

Não vos ocupeis de o saber.

Luís de Camões

E porque vos ocupais de mim, senhora?

Beatriz

Para conhecer vosso jeito de trovar.

Luís de Camões com aspereza

Não entendeis de trovas.

Beatriz intencional

Certo não serei tam atilada como a senhora Infanta D. Maria ou D. Francisca de Aragão ou D. Catarina de Ataide... Mas vós também não

entendeis ser galante. Nisso vos poderei ensinar. Conheceis a *Arte de Galanteria*, de D. Francisco de Portugal?

Luís de Camões

Ao fidalgo, conheço. A' sua Arte, não, porque melhor a tenho em meu entendimento.

Beatriz

Fazei-ma conhecer. Ide ver-me, amanhã, à saída da Igreja de S. Martinho...

Luís de Camões sêcamente.

Não irei!

Beatriz com firmeza.

Eu vos ordeno. Ide. Preciso falar-vos. Talvez vos possa livrar de malefícios que se enliçam contra vós.

Luís de Camões

Livrásteis dêles, porventura, vosso próprio irmão, que se encontra preso no Limoeiro, apesar de ser filho do senhor Regedor das Justiças?

Beatriz

Êle foi tam imprudente e rebelde como vós. Mas não me afronteis, que o não mereço. Ide e julgai depois.

Luís de Camões

Tendes fortaleza no ordenar! A que mando me emprazais a ir ver-vos?

Beatriz

A que mando? Hesita um instante, e depois diz com decisão. Alçada de Sua Mercê, o Regedor, meu pai!

Luís de Camões

Vosso poderoso e nobre pai, mandará pelos seus aguazis, e não por vós...

Beatriz despeitada.

Oh! que mau! Sois o verdadeiro diabo!...

Luís de Camões irónico.

Senhora, pois me chamais
Tam sem razão, tão mau nome,
Inda o Diabo vos tome...

Beatriz vira-lhe as costas e afasta-se precipitadamente.

2.º EPISÓDIO

Luís de Camões encaminha-se para entrar nos salões contíguos ao terraço. A Infanta D. Maria, sai do seu esconderijo e encaminha-se para o poeta.

Luís de Camões ao vê-la:

Senhora Infanta...

Infanta D. Maria com sobranceiro entono:

Já sei o que pretendia. Não quero importunar-vos mais... Afasta-se ràpidamente. Luís de Camões fica estático.

João de Sá bufão da Côrte, preto creoulo, deixa o seu esconderijo e aproxima-se de Luís de Camões, com os pulinhos habituais e fazendo esgares truanescos. Junto do poeta, diz-lhe em tom chocarreiro:

Não quero, não quero...
Jubão amarelo...

Fim da Cena II. Mutação.

CENA III

Os mesmos salões da 1.ª Cena, durante o serão.

1.º EPISÓDIO

Andrade Caminha, conversando com um fidalgo.

Fidalgo

Ouvisteis o que disse Luís de Camões a E-Rei?... Que éreis poeta de grandes invenções.

Andrade Caminha com indignação.

Ah! O danado!

Fidalgo

Mas vós é que o crivais de epigramas.

Andrade Caminha

Por desfastio, senhor. Que êle não os merece. Por minha fé, que outra azêda recompensa há-de ter...

2.º EPISÓDIO

Conversação entre dois fidalgos; um extremamente empavonado, ostentoso, magnífico; outro melífluo, de um servilismo hipócrita.

1.º Fidalgo

D. Teodósio. Percebêsteis há pouco, a malícia do trovador Luís Vaz?

2.º Fidalgo

O «de Camões», não é assim? Antepassados somenos, êsses «de Camões». Têm laivos de perro castelhano...

1.º Fidalgo

Êsse mesmo. Pois escutai um conceito de amigo: Confidencial. Com perdão de Vossa Mercê, não terá êle em mente, a imagem da senhora Condessa, vossa espôsa, tam inclinada à poesia, e cujos cabelos de ouro, ouvimos exaltar despejadamente? Desculpai-me

a ousada lembrança, mas que é de amigo zeloso pela vossa honra... E os moços poetas, são tam enliçadores...

2.º Fidalgo com mal reprimida inquietação.

Sim... Talvez... Agradeço-vos o aviso. Com violência. A' fé de Mascarenhas que lhe glosarei a infernal tenção! Ai dêle!...

1.º Fidalgo

Não praticaria de outra sorte, o mais honrado fidalgo português!

2.º Fidalgo

E vós, um tam mimoso trovador, com quem êsse vilão tenta hombrear!

1.º Fidalgo

Para vos servir, Conde amigo...

2.º Fidalgo

E também, se vos aprouver, para cantar os briosos feitos que me vereis executar... Reparando que a assistência se move para dar passagem a Suas Majestades e seu séquito. Barão. Eis Suas Majestades que se retiram.

3.º EPISÓDIO

Os Monarcas levantam-se e organiza-se o vistoso séquito com que abandonam o salão. Música subtil, acompanhando o curso da cerimónia.

4.º EPISÓDIO

Conversação entre três fidalgos.

1.º Fidalgo

Que imprudente, êsse tal Camões, trovador de má morte!

2.º Fidalgo

Caiu nas graças de El-Rei e de algumas damas da Côrte...

3.º Fidalgo

Mas não, decerto, nas boas graças nossas, que também fazemos parte da Côrte.

2.º Fidalgo

Um moço plebeu, que zomba de tudo e de todos, com se julgar poeta e latino. Nem que fôsse um pajem de Sá de Miranda ou de mestre Rezende!

1.º Fidalgo

Sobretudo, em extremo ousado para com as damas. Luís de Camões aproxima-se e escuta disfarçadamente. Deveria ser afastado da Côrte. Catarina de Ataíde, da qual o poeta estaria enamorado, dirige-se ao grupo.

Catarina de Ataíde

Estais conspirando?

3.º Fidalgo melífluo e disfarçando.

Oh! não, senhora D. Catarina de Ataíde!... Como ousariam conspirar a qualquer respeito, uns discretos fidalgos?

Luís de Camões intervindo bruscamente.

Mentis! Mentis, abroquelando-vos numa falsa austeridade!... Conspiráveis contra mim! Assombro dos interlocutores.

1.º fidalgo com mostras de ofendido.

Senhor! Que desatino!...

Luís de Camões erguendo a voz.

Mentis como vilões! E não me desdigais!... Alguns circunstantes que se encontravam sentados, erguem-se para inquirir do incidente; outros, aproximam-se do grupo onde o conflito se desencadeia. Luís de Camões prossegue na sua invectiva. Esta casa é de El-Rei. Mas separados ou juntos, buscai-me onde quiserdes! Vira-lhes as costas e afasta-se. Silêncio dos fidalgos a quem Luís de Camões se dirigia, e que se entreolham, estupefactos. Catarina de Ataíde, tinha-se desviado um pouco, tentando dominar a sua comoção e era amparada por outra dama que lhe dirigia palavras de confôrto.

5.º EPISÓDIO

Uma dama curiosa e extremamente feia, indo ao encontro de Luís de Camões.

Que foi, que foi, senhor poeta?

Luís de Camões

Porfiávamos que Vossa Mercê, era a mais grada formosura de Portugal.

A Dama duvidosa.

Gracioso . . .

Luís de Camões

De mil graças, vós!

A Dama

Nem que eu vos acreditasse . . . Afasta-se, mas volta em seguida, preguntando ingènuamente a Luís de Camões: Na verdade, questionavam por isso, a meu respeito?

6.º EPISÓDIO

Uma vela acesa em um dos candelabros dispostos sôbre um fogão, comunica fogo aos cortinados próximos.

Erguem-se labaredas. Confusão. Pânico entre os assistentes.

Junto do local em que surge o incêndio, está D. Guiomar Blaesfet, dama da Rainha. O candelabro com as velas acesas, cai-lhe sôbre o rosto, causando-lhe leves queimaduras, mas podendo incendiar-lhe os vestidos, ao resvalar para o solo. Luís de Camões com serenidade e decisão, corre para D. Guiomar, defendendo-a das chamas e arrancando o cortinado incendiado, faz extinguir as labaredas que principiam a erguer-se assustadoramente.

Fim da Cena III. Mutação.

CENA IV

Um trecho umbroso na Quinta da Penha Verde, de D. João de Castro, em Sintra, por ocasião de uma merenda da Côrte. Mesas com iguarias e frutas. Bancos rústicos. Damas, fidalgos, cavaleiros, em grupos e aos pares, espalhados na clareira do arvoredo. Uns personagens, sentados; outros, em passeio; alguns pares afastam-se, embrenhando-se na espessura da vegetação, de mãos enlaçadas e por vezes, trocando beijos furtivos.

1.º EPISÓDIO

D. Francisca de Aragão dirigindo a palavra a Luís de Camões.

Dizei-nos as trovas que fizésteis, a propósito das queimaduras que recebeu no rosto, D. Guiomar de Blaesfet, quando vós lhe acudistes em tempo daquele serão no Paço. Já ouvi louvá-las. Chamando. Vinde escutar, D. Guiomar. Isto diz-vos respeito. D. Guiomar aproxima-se.

Luís de Camões a D. Francisca de Aragão.

Não ousarei, senhora. Mui pobres trovas são...

Um fidalgo

Dizei sempre. As damas vo-lo requerem. Não as impacienteis.

Outro fidalgo chamando.

Vinde cá, senhor Andrade Caminha! Vinde escutar o vosso émulo no favor das Musas. Caminha aproxima-se.

D. Francisca de Aragão a Luís de Camões.

Que aguardais?

Luís de Camões a D. Guiomar de Blaesfet.

Vós permitis, senhora?

D. Guiomar

Haveis siso nessas trovas que me destinais?

Luis de Camões

Não sei que vos diga. Sendo moço, não esperai de mim o siso de um ancião. Ouvireis o que me acudir aos lábios e estes não quererão molestar-vos.

D. Guiomar inquieta.

Mas por vezes, dais-lhes muito ousio. Cuidado, senhor!

D. Francisca de Aragão a Luís de Camões.

Vamos. Dizei! Os vates podem usar de alguma liberdade.

Luís de Camões recita.

MOTE

Amor, que todos ofende
Teve, senhora, por gôsto
Que sentisse o vosso rosto
O que nas almas acende.

VOLTA

Aquele rosto, que traz
O Mundo todo abrasado,
Se foi de chama tocado
Foi por que sinta o que faz.
Bem sei que amor se vos rende
Porém o seu pressuposto
Foi sentir o vosso rosto
O que nas almas acende.

D. Guiomar

Senhor! Poupai-me aos vossos desatinados galanteios!... Retira-se despeitada. Risos. As damas segredam entre si.

Luís de Camões a D. Francisca de Aragão.

Vêde o cruel desfavor em que me lançou o vosso pedido.

D. Francisca de Aragão irônica.

Não vos inquieteis e esperai que sare em D. Guiomar, a queimadura das vossas trovas.

D. Manuel de Portugal junto de D. Francisca de Aragão da qual anda enamorado, falando a Luís de Camões.

Dizei-nos o gracioso «Perdigão que perdeu a pena». Aos circunstantes. Sabeis quem é o Perdigão?

Um fidalgo

Sabemos. E' o desventurado Jorge da Silva, preso agora no Limoeiro... Em voz baixa a outro fidalgo. Por se ter enamorado da senhora Infanta D. Maria.

Vozes

Dizei-nos o «Perdigão»!... O «Perdigão»!

Luís de Camões

Pois seja! Mas não julgueis mal das trovas, pois sinto a desgraça de Jorge da Silva, de quem sou amigo... Recita.

Perdigão perdeu a pena
Não há mal que lhe não venha

Perdigão que o pensamento
Subiu a um alto lugar
Perde a pena de voar
Ganha a pena do tormento.
Não tem no ar nem no vento
Asas com que se sustenha
Não há mal que lhe não venha

Quis voar a uma alta tôrre
Mas achou-se desasado;
E vendo-se depenado
De puro penado morre.
Se a queixumes se socorre
Lança no fogo mais lenha.

Em um mal, outro começa
Que nunca vem só nenhum
E o triste que tem um
A sofrer outro se ofereça
E só pelo ver conheça
Que basta um só que tenha
Para que outro lhe venha.

D. Manuel de Portugal a Luís de Camões.

A vossa graça faz esquecer a desgraça de Jorge da Silva.

Um fidalgo em voz baixa, para outro.

Quando fará êle de Perdigão? Riem-se.

Outro fidalgo para Andrade de Caminha.

Agora, alegrai-nos com um dos vossos epigramas. Seja acêrca dos vossos amigos poetas, se vos apraz...

Andrade Caminha

Acêrca de poetas? Quereis então que os escarneça, depois de louvardes Luís Vaz? Irei satisfazer-vos com pouco, e adivinhai onde aponto...

Luís de Camões

Será a mim, senhor Andrade Caminha. Já estou costumado.

Andrade Caminha

Como quiserdes. Recita.

Ao teu saber, escreves o que escreves
A leis de outros poetas não te obrigas
Também tu és poeta e não deves
Atar a Leis de Poesia antigas.
Faze Leis e desfaze, como fazes
Ride-te dos outros, se te satisfazes.

2.º EPISÓDIO

Alguns fidalgos conversando com D. João de Castro.

Um fidalgo

Senhor D. João de Castro! O vosso paraíso da Penha Verde, foi hoje por nós assaltado, como se fôssemos uma horda de infiéis...

D. João de Castro

Salve-o Deus da comparação, senhor Conde. E não serei eu que repila os nobres assaltantes. Entreguei-vos a Praça e quási de vez a entrego, pois estou em vésperas de abalada para a India.

Outro fidalgo

Como honrado Vice-Rei e Governador que dela sereis.

D. João de Castro

Servindo El-Rei e a grandeza de Portugal, o melhor que puder, mas recordando sempre com saüdade, êste meu retiro da Penha Verde, onde me viésteis alegrar. Sabe Deus as tristezas e provações que me esperam, longe desta aprazível estância e da minha Pátria...

3.º EPISÓDIO

Execução de danças populares, por um grupo de camponeses de Sintra, acompanhados da sua música rústica. Os parficipantes da merenda, formam círculo, observando a diversão.

4.º EPISÓDIO

Beatriz, filha do Regedor das Justiças, João da Silva, aproxima-se de Luís de Camões que se encontra um pouco isolado da assistência.

Beatriz

Senhor Luís de Camões. Porque me evitais?

Luís de Camões

Porque sois perigosa.

Beatriz

Que perigos receais de mim, quando procuro atalhar os que vos ameaçam?

Luís de Camões

Permitis que diga quanto penso de vós?

Beatriz

Muito vos requeiro que o façais.

Luís de Camões

Que vos diga tudo, com rude franqueza?

Beatriz

Sim. Mas afastemo-nos um pouco. Toma, afàvelmente, Luís de Camões por um braço e encaminha-o de vagar para longe dos assistentes, emquanto conversam.

Luís de Camões

Julgo-vos, senhora, como digna filha do sr. Regedor das Justiças, um beleguim de saias. Dizem até, serdes vós que dirigis o despacho do senhor Regedor e o guiais no ingrato cargo. Bela sois na

verdade e bela como poucas, mas não deveis ter coração. Emfim. Sois uma galante mulher emburilada em feitos de Justiça.

Pouco aproveita
Que semeasse o amor em vós, amores,
Se vossa condição produz abrolhos...

Só me despertais desconfiança e temor. Creio adivinhar em vós, uma encantadora feiticeira, que pretende conduzir-me ao inferno, para se recrear com a minha perdição...

Beatriz consternada.

Que dizeis, meu Deus! Vós, por quem quebro o meu orgulho e toda a minha energia!

Luís de Camões

Assim é, senhora... Soltai-me! Desprende-se do braço de Beatriz. Não vos quero mal. Mas quero ser livre.

Vós só deveis saber escravisar por maldade. e jamais por amor. Perdoai a franqueza. Adeus, senhora... Luís de Camões afasta-se de Beatriz. Esta fica desolada, mal podendo conter as lágrimas.

5.º EPISÓDIO

D. Nicolás, fidalgo espanhol, ridiculamente jactancioso, falando com um fidalgo português.

D. Nicolás

Si Cristobal Cólon ha descubierto, por casualidad, la America, los Castellanos por su ciencia, han discubierto à Cólon.

En Castilla, todo se discúbre, y hasta una antigua practica es que todos, sin excepcion, hagan un gran descubrimiento.

Yo, por ejemplo, después de notables investigaciones genealógicas, he descubierto que el padre de mi esposa, fuè um noble muy desconocido...

Fidalgo português

E' espantoso, D. Nicolás!...

D. Nicolás

Gracias!

6.º EPISÓDIO

Três formosas damas, conversando com Luís de Camões.

1.ª Dama

Senhor Luís Vaz. A mocidade e grandes merecimentos vos favorecem, mas sois sempre mal sucedido!

Luís de Camões irónico.

Sabeis então, do meu constante desvalimento?

2.ª Dama

Viveis enganos de poeta que sempre vos deixam enganado!

3.ª Dama

Pretendeis subir alto com uma alta ambição que vos cega e atraiçoa...

2.ª Dama

E sem vos amparardes...

1.ª Dama

Não buscais quem vos auxilie.

Luís de Camões surprêso.

Sabeis tanto, senhoras, do que resguardo no meu coração?

2.ª Dama

Toda a côrte o sabe e murmura. Mas queremos ajudar-vos... Queremos valer a um trovador em desgraça. E' justo que as damas socorram as Musas.

Luís de Camões

Ah! Tornai-vos as Deusas protectoras dos meus tristes amores?

1.ª Dama

Desdenhais da protecção?

Luís de Camões

O trovador, assim tam mimosamente protegido, responde-vos com uma trova:

Pois a tantas perdições
Senhoras, quereis dar vida
Ditosa seja a ferida
Que tem tais cirurgiões,
Pois ventura
Me subiu a tanta altura
Que me sejais valedoras
Ditosa seja a tristura
Que se cura
Por vossos rogos, senhoras.

Pedi a quem vós sabeis
Que saiba de meu trabalho
Não pelo que eu nisso valho
Mas pelo que vós valeis;
Que o valer
De vosso alto merecer
Com lh'o pedir de geolhos
Fará que em meu padecer
Possa ver
O poder que tem os olhos.

Vossa muita formosura
Com a sua tanto vale
Que me rio do meu mal

Quando cuido em quem me cura;
A meus ais
Peço-vos que lhe levais
Damas de amor tam validas
Que nunca tal dor sintais
Que queirais
Onde não sejais queridas.

7.º EPISÓDIO

D. Nicolás, fidalgo espanhol, ridiculamente jactancioso, falando com um fidalgo português.

D. Nicolás

No me sorprende vuestra haraña con esse ferós espadachin. Yo tambien traigo al Leon de Castilla, durmiendo en mi cuero hidalgo. En Sevilla, una véz, he sacado mi espada enfrentando a trés justadores. Uno, de miedo se murió; los otros dos se marcharon, no llegando á saber, si muertos, si vivos!...

8.º EPISÓDIO

Gabriela, dama da Côrte, falando reservadamente com Luís de Camões.

Gabriela

Senhor Luís de Camões... Guardais um segrêdo?

Luís de Camões

Estai certa que o guardo. Não farei como vós, que mo ides revelar, pois não?

Gabriela

Gracejeis. Mas ouvi. D. Catarina de Ataíde tem empenho de falar a sós convosco. Zelos por alguém, quem sabe...

Luís de Camões

Andais nos seus segredos?

Gabriela

Sei de todos os vossos amores.

Luís de Camões

Grande sabedora sois, em tam verdes anos!

Gabriela

Não percais o ensejo. Procurai D. Catarina. Ela segue por além, sòzinha... Indica. Ide ao seu encontro, sem que alguém vos descubra. Escondei-vos ambos, depois, emquanto conversais...

Luís de Camões

Graças, senhora mensageira...

Gabriela

Mas não faleis em mim. Não me denuncieis...

Luís de Camões afasta-se, seguindo a direcção indicada por Gabriela. Esta dirige-se logo, a D. Francisca de Aragão e D. Guiomar de Blaesfet, que se encontram próximas.

9.º EPISÓDIO

Gabriela

Vinde comigo, senhora D. Francisca de Aragão, e vós, D. Guiomar... Encaminha-se com elas para um lado, falando também a outras duas damas que encontram. Ouvi também a novidade, senhora D. Leonor de Noronha... Aproximai-vos, D. Joana Vaz... Pausa. Estais atentas? Então sabei que extraviados há muito, nas sombras do Parque, assaz escondidos e juntinhos, vi D. Catarina de Ataíde, segredando amores com o escudeiro Luís de Camões...

D. Francisca de Aragão despeitada

Ah! Mas então...

Gabriela

Guardai-o de Suas Majestades e também da senhora Infanta...

D. Leonor de Noronha

Não creio que se arriscassem a tal...

Gabriela

Ide certificar-vos. Descei mansamente por ali. Indica o caminho seguido por Luís de Camões.

D. Guiomar

Sim. Vamos todas em passeio, e logo os descobriremos, como por acaso...

Joana Vaz

E se fôr preciso, desviemos o passo, a fim de suporem que os não vimos...

Encaminham-se na direcção em que seguira Luis de Camões, com excepção de Gabriela que se perde entre a multidão.

10.º EPISÓDIO

Gabriela conversa reservadamente com D. António de Lima, pai de D. Catarina de Ataíde.

Gabriela

Senhor D. António! Temo por vossa filha D. Catarina, a quem muito prezo...

D. António inquieto.

Que há? Dizei!

Gabriela

Vi-a em grande alvoroço, com o escudeiro Luis de Camões, ambos ocultos ali em baixo, na espessura do Parque. Indica o caminho seguido por Luis de Camões. Não ousei aparecer-lhes, mas vim correndo a prevenir-vos. Perdoai o aviso, que só desejo o bem dela e o vosso...

D. António

Muito vos agradeço.

Gabriela

Rogo-vos que não me denuncieis... Não me envolvais nesse caso...

D. António encaminha-se precipitadamente, na direcção que lhe foi indicada.

11.º EPISÓDIO

Parados a meio de um caminho do Parque, acham-se D. Catarina de Ataíde e Luís de Camões.

Catarina de Ataíde perturbada.

Certo que fui imprudente em me alongar sòzinha por êste caminho. Ia ao sabor dos meus tristes pensamentos. E vós, mal avisado fôsteis, em seguir-me. Há o vezo de levar à má parte os casos mais singelos e é o que farão, se nos virem assim isolados. Deixai-me voltar sòzinha, senhor...

Luís de Camões confuso.

Mas, senhora D. Catarina...

Catarina de Ataíde inquieta.

Olhai, que se aproxima um grupo de damas.

Luís de Camões

Mais estranho se julgará, se agora nos separarmos. Deixai-as aproximar, que nada temos de que haver pejo.

Catarina de Ataíde

Meu Deus! Que hão-de julgar!

Luís de Camões

Mas não era êste o vosso desejo bem singelo, a meu respeito?

Catarina de Ataíde surpreendida.

Que dizeis? O meu desejo?...

Luís de Camões

Sim. Mas não poderei explicar-vos... Prometi guardar segredo...

12.º EPISÓDIO

D. Francisca de Aragão, D. Leonor de Noronha, D. Joana Vaz e D. Guiomar Blaesfet, caminhando pela mesma vereda do Parque, onde se encontravam Catarina de Ataíde e Luís de Camões.

Joana Vaz indicando às companheiras, Catarina de Ataíde e Luís de Camões que se avistam ao longe.

Vêde-os... Já abandonaram o seu doce esconderijo...

D. Francisca de Aragão

Continuemos o passeio, como se nada surpreendêssemos...

D. Leonor de Noronha

E falemos-lhes sem reserva.

D. Joana Vaz

Olhai, que vem correndo ao seu encontro, o Senhor D. António de Lima, pai de Catarina...

D. Guiomar Blaesfet

Paremos uns instantes.

13.º EPISÓDIO

Catarina de Ataíde e Luís de Camões, encontram-se parados a meio do caminho do Parque, assim como nos dois episódios anteriores. Um pouco distanciado e em disfarçada espectativa, acha-se o grupo das quatro damas já mencionadas. D. António de Lima, caminha apressadamente, dirigindo-se para Catarina de Ataíde e Luís de Camões.

D. António de Lima chamando.

Catarina! Catarina!...

D. Catarina de Ataíde ao vê-lo, e respondendo ao chamamento.

Meu Pai!

D. Antônio de Lima ansiosamente, logo que se junta a D. Catarina e Luís de Camões, falando a D. Catarina.

Que se passou? Pausa. Não respondeis? Ah! Leio no vosso rosto! Estais sucumbida! Dirigindo a palavra a Luís de Camões. Que significa isto, senhor?

Luís de Camões plàcidamente.

Nada significa, senhor D. Antônio de Lima. Falava a propósito de ninharias, com D. Catarina, a quem encontrei por acaso, neste caminho... O mesmo caminho que vem fazendo aquelas damas... Indica as quatro damas que se avistam ao longe.

D. Antônio de Lima indignado.

Mentis!

Luís de Camões gravemente, a D. Catarina de Ataíde.

Senhora D. Catarina... Tendes alguma queixa contra mim?

D. Catarina de Ataíde

Oh! Não!...

Luís de Camões a D. Antônio de Lima.

Bem ouvis, senhor!

D. Antônio de Lima a D. Catarina, indicando-lhe as quatro damas que disfarçadamente se deliveram a distância, espiando-o.

Ide ter com aquelas damas. Catarina afasta-se, sucumbida. D. Antônio de Lima, invectiva depois, Luís de Camões. E vós, senhor escudeiro, não requesteis minha filha, nem ouseis mais desencaminhá-la! Eu vo-lo defendo! Ouvi isto, de uma vez para sempre!...

Luís de Camões altivamente.

Senhor D. Antônio. Quanto a vossa filha, nada tenho a dizer-vos. Sois senhor e pai. Guardai-a como puderdes. Quanto a mim, guardai vossas intimativas, como também vos cumpre. A uma só pessoa devo obediência: A El-Rei!...

D. Antônio de Lima com energia.

Pois a El-Rei obedecereis! Vira-lhe as costas e encaminha-se a juntar-se a D. Catarina e às outras damas. Luís de Camões fica imóvel, a considerar tam desgostosa e imprevista ocorrência.

Fim da Cena IV. Mutação.

CENA V

Gabinete da residência do Regedor das Justiças, João da Silva. Decoração e mobiliário austeros. Pelas paredes, retratos de nobres antepassados. Êle está sentado a uma grandiosa mesa,

sôbre a qual se vêem alguns livros respeitáveis, porventura Repertórios de Leis ou registos de serviços de sua alçada. Consulta ou lê silenciosamente, alguns papéis, inscrevendo-lhes por vezes, anotações ou assignaturas.

Beatriz, sua filha, sentada negligentemente a seu lado, acaricia um façanhudo molosso.

O Regedor suspende a análise dos papéis e olha para a filha, uns instantes.

Tam silenciosa permaneceis! Em que estais cogitando, Beatriz?

Beatriz

Que nunca se alcança quanto se deseja.

O Regedor

Isso já é das Sagradas Escrituras... E que desejais tam afincadamente?

Beatriz

Preferia ser homem.

O Regedor

Louquinha! Não vêdes o que sucedeu a vosso irmão que se encontra preso, certamente por ser homem... E que faríeis sendo homem? Encarcerar-vos-iam por causa das mulheres, como a vosso irmão.

Beatriz

Faria guerra aos demais homens, especialmente aos galanteadores e poetas!

O Regedor

Deus de Misericórdia! E de mim, que faríeis?

Beatriz

Com meu nobre pai, não implicava. Era o Regedor...

O Regedor

Dou-vos os emboras. Valha-me isso! Depois de perseguirdes os homens, a que outra façanha vos dedicáveis?

Beatriz

Exterminaria as mulheres! Sobretudo as jovens e formosas.

O Regedor

Virgem Santíssima! O Mundo seria um encantamento com tanta velhária que lhe deixáveis. Ri-se. Ora, mostrai siso!... Que peguilho tendes com os poetas e as mulheres formosas... Pausa. Voltemos a trabalhar. Prossegue na consulta dos papéis e diz depois de alguma pausa. O Marquês de Vila Real, queixa-se de um vizinho...

Beatriz

Quais as razões de queixa?

O Regedor acompanhando com a vista, um papel.

Descantes fora de horas. Bebedices. Mulherio destemperado. Contendas em alta grita, com palavras desonestas...

Beatriz

Não diz mais? Não diz quais as palavras? Não diz quais as mulheres?

O Regedor

Assossegai-vos que não seriam mimosas damas. Revê o papel. Só isto informa. Pausa. Que vos parece? Conheceis o génio agastadiço do Marquês...

Beatriz

Deixai ver. Estende a mão para o papel que o Regedor está lendo.

O Regedor

Para que? Só contém o que vos disse.

Beatriz

Como quereis que vos diga o meu parecer, não vendo o processo? Dai-mo. Imperiosa. Não me ouvis?

O Regedor

Seja. Aí tendes. Dá-lhe o papel. Beatriz depois de o analisar, rasga-o, num repente. O Regedor surpreende-se com êsse gesto. Que fazeis, Leonor!

Leonor

O Senhor Marquês de Vila Real, não desdenhou repetir as palavras que o molestavam? Pausa. Despachada a sua reclamação. Adiante...

O Regedor

Ó Leonor! Que dirá o Marquês?

Leonor

Que não diga nada e vá ouvindo os vizinhos, sem nos importunar. Pausa. Despachado, meu pai. Adiante!

O Regedor conformado.

Bem. A queixa extraviou-se e o caso resolve-se por si mesmo. Volta pacientemente, a consultar os papéis. A êste, sucede quási como a vosso adoidado irmão. Ordem para encerrar em lugar recatado, ou afastar da Côrte, Luís Vaz de Camões...

Beatriz sobressaltada.

Que dizeis? O poeta?

O Regedor intencional.

Tendes pena do vate? Pelo tanto, êsse escaparia à sanha com que odiais os poetas.

Beatriz dissimulando.

Não! Não me interessam os vates... Mas êsse é apenas um galanteador inofensivo, um boliçoso... Assaz moço, emfim, e isso o deveria desculpar...

O Regedor

Cá temos um moço que seria poupado. Pausa. Mas como sabeis tanto de Luís Vaz!

Beatriz

E' o que sabe toda a gente. Pausa. Sua Majestade quer, portanto, desembaraçar-se da sua presença na Côrte? Já o esperava. Seja feita a sua vontade. Irónica. Não lhe confiscam os bens?

O Regedor

Que bens?

Beatriz

As trovas, ao menos...

O Regedor

Isso não tem valor nem préstimo, senão contra êle. Mas acharam um requerimento seu, em mão de

um pajem da Senhora Infanta D. Maria. Notou-se que é realmente de sua letra. Um gracejo, afinal. Lê. Entrega-lhe um papel.

Beatriz lê em voz alta.

— «Senhora. Diz Luís de Camões, sem ventura, morador em tormento, termo da vila da Imaginação, que êle foi preso por vossos olhos, o que tudo nega e ao tempo da sua prisão lhe foi feita penhora de todos os seus cinco sentidos e perece à mingua por ser muito pobre de contentamento, pede à vossa Perfeição, havendo respeito ao que alega, lhe façais mercê da parte que para sustentar a vida lhe falece. Espera receber mercê» — Falando. O gracejo vai tornar-se-lhe amargoso. E seria destinado à Senhora Infanta?

O Regedor

Não sei. Mas há tempos que se moviam intrigas em seu desfavor. Invejas. Pleitos com Andrade Caminha. Ciúmes entre as damas talvez... Depois, foi tam desavisado, que escreveu a Comédia de *El-Rei Seleuco*, representada em casa de Estácio de Sá. Isso constou a Sua Majestade que percebeu a irreverente alusão. El-Rei anojou-se...

Beatriz

Ferros de El-Rei, com êle! Ou ferros de Sua Mercê o Regedor das Justiças, que é o mesmo.

Pausa. Mais sentidas trovas fará! Estendendo a mão para o papel. Deixai ver. Eu me ocupo disso.

O Regedor admirado.

Tu?

Beatriz

Não vos disse que desejaria acabar com os poetas?

O Regedor compadecido.

Apenas um descuidado... Um moço imprudente... E que faremos dêle, sem quebra das ordens de El-Rei?

Beatriz

Não o poupeis. E' preso de circunstância que derespeitou El-Rei e indispôs a Côrte. Vós mesmo o guardareis. Mandai-o a bom recato para a vossa Quinta do Monte Agudo, moradia abandonada que lhe dareis como destêrro. Estará fora da Côrte, mas ao vosso alcance, para mais duro castigo, se o merecer.

O Regedor

Que idea!

Beatriz

E na sua clausura, terá formosa vista para a cidade... Pode olhar de lá, mas a boa distância, os lugares onde assistem as damas dos seus perigosos amores. Sorri-se, contra-feita. Depois, em tom áspero, guardando o papel. Trato disto. Vereis, meu nobre pai e senhor Regedor das Justiças, que o vosso encarcerado não volta a importunar a Côrte!

O Regedor conformado.

Pois seja!...

Fim da Cena V. Mutação.

CENA VI

Gabinete particular de Beatriz, filha do Regedor das Justiças, João da Silva. Mobiliário gracioso, de uso feminino. Primor e delicadeza de conjunto, em contraste com a aparência agreste e insensível da pessoa que utiliza essa instalação. Beatriz, sentada a uma mesa, idênticamente a seu pai, na cena anterior.

Uma serva entrando.

Senhora minha. Pretendem falar-vos, os três cavaleiros que mandásteis buscar reservadamente. Causam mêdo, senhora...

Beatriz

Fazei-os entrar. A serva retira-se. Assomam à porta três cavaleiros armados de longas espadas. Chapéus fartamente emplumados que trazem nas mãos. Figuras petulantes, marciais, mas caricatas. Depois de fazerem exagerada vénia, perfilam-se impertigadamente. Sois os esgrimidores que me envia Sua Mercê, o Capitão-Mor?

1.º Cavaleiro

Os três audazes cavaleiros por êle escolhidos...

2.º Cavaleiro

Irmãos d'armas e esforçados nelas...

3.º Cavaleiro

Para vos servir... Os três fazem profundas vénias.

Beatriz

Aproximai-vos. Êles aproximam-se da mesa à qual está sentada Beatriz. Esta levanta-se, vai fechar a porta à chave e volta a sentar-se à mesa. Depois, diz-lhes: Sois realmente valentes e dextros no jôgo das armas, como vos inculcais?

1.º Cavaleiro

Que pregunta, senhora minha!

2.º Cavaleiro

Valentíssimos!

3.º Cavaleiro

Não hajais dúvida. Nem mais ardidos no terçar das armas, os encontrarieis em Portugal!

1.º Cavaleiro

Ou mesmo em Castela...

2.º Cavaleiro

Ou mesmo em Peniche, donde sou vizinho...

Beatriz

Vindes dispostos a tudo?

1.º Cavaleiro

Para vos obedecer, como honrados cavaleiros...

Beatriz

E sois discretos?

1.º Cavaleiro

Como três papagaios que tivessem perdido o bico e a língua...

3.º Cavaleiro

Como três papagaios surdos-mudos, de nascença...

Beatriz

Bem está. Agora, tomai boa nota da vossa missão ao serviço de El-Rei e de Sua Mercê, o Regedor das Justiças. Os três cavaleiros fazem exageradas vénias.

A'manhã de noite, ao soarem as doze badaladas, no Convento de Nossa Senhora da Graça, estareis emboscados junto ao portão da Quinta do Monte

Agudo, que olha para o Nascente, no Caminho da Penha. Percebeis o local?

1.º Cavaleiro

Como um retrato que nos fizésseis em painel.

Beatriz

Pouco depois, vereis chegar alguém...

2.º Cavaleiro

Um homem?

Beatriz

Sim. Um homem assaz moço.

3.º Cavaleiro

Armado?

Beatriz

Talvez...

1.º Cavaleiro

Ainda melhor. Depois?

Beatriz

Devereis acometê-lo de surprêsa e feri-lo levemente.

1.º Cavaleiro

Onde escolheis o ferimento?

Beatriz

Numa das mãos... Num braço... Levemente, ouvis?

1.º Cavaleiro

Compreendido. Será tratado com galanteria, e nada mais fácil, o golpe. Êle saïrá raivoso, com um fendente, para acutilar. Eu, paro em quarta verdadeira. Aqui, o D. Bazílio, (Indica o companheiro da direita) simula um talho largo e um revés de primeira. Eu, como chefe, deixo-me à cóca... Ali, o D. Segismundo, (indica o companheiro da esquerda) ameaça com um corte na segunda guarda, e eu entro no remate, com meia espada, a tentear uma beliscadura de amigo... Agrada-vos?...

Beatriz

Isso é convosco. Em seguida, empurrai-o para dentro do portão que estará entreaberto. E nada mais. Partireis desde logo, sem cuidar do resto.

2.º Cavaleiro

Claro como água. O melhor resto, será convosco...

Beatriz

Agora, qual a vossa paga?

1.º Cavaleiro reflectindo.

Provocação e briga, jeitosamente ensaiada... Injúrias com palavras ásperas... Motim... Ferimento leve num membro à vossa escolha... Tudo limpamente executado, como obra de fidalgos... Pausa. Seis escudos de ouro!

Beatriz

Seja!

1.º Cavaleiro reconsiderando.

Perdoai-me. Não julgareis demasiado outros três escudos de ouro, pelo risco das nossas vistosas capas que podem receber alguma beliscadura?

Beatriz entregando ao 1.º cavaleiro, uma bôlsa com dinheiro.

Aqui tendes 12 escudos e cumprireis o serviço que vos digo.

1.º Cavaleiro

Graças vos damos, nobre senhora. Faz tilintar o dinheiro dentro da bôlsa. Depois, guarda-a.

Beatriz

Se o ferirdes dasastradamente, mandarei prender-vos e desterrar-vos!

1.º Cavaleiro

Sêde tranqüila.

Beatriz

Eu própria, vos estarei vigiando.

3.º Cavaleiro

Magnífico! Vereis então a mais bela proesa de três esforçados cavaleiros, para os quais, o jôgo das armas não tem segredos.

Beatriz

Ide! Ergue-se e vai abrir a porta que fechara à chave. Os três cavaleiros fazem respeitosas vénias e saem.

Beatriz volta para junto da mesa e faz soar uma campainha.

Uma serva entrando.

Senhora!

Beatriz

Um pajem de confiança que vá procurar o escudeiro Luís Vaz de Camões, no local que aí se indica ou onde estiver, e escondidamente lhe entregue essa carta, mas sem revelar quem a manda. Entrega à serva, uma carta.

A serva

E se lhe preguntarem, senhora?

Beatriz

Dirá que é de uma nobre dama. A serva retira-se. Beatriz depois, num assômo de triunfo: Emfim! Tenho-o preso!...

Fim da Cena VI. Mutação.

CENA VII

Noite de ténue luar. Um caminho solitário, entre muros bordados por algumas árvores. A' esquerda, um vélho portão gradeado. Soam as 12 badaladas da meia noite. Surgem das sombras irregulares formadas pelo arvoredo, três vultos emboçados em amplas capas, os quais, depois de alguns rodeios, verificando o local, vão ocultar-se na mancha de escuridão, sob uma árvore próxima. Silêncio, apenas interrompido pelo cantar de um galo. Poucos instantes decorridos, aproxima-se o vulto de Luís de Camões, caminhando plàcidamente. Um dos emboscados adianta-se para êle, e estando mais próximo, diz-lhe:

1.º Emboscado

Passai de largo, senhor, que me empeçais o caminho!

Luís de Camões defendo-se.

Por êle caberiamos ambos, mas como sois exigente, serei eu que passe por cima de vós! Surgem os outros dois emboscados, que se aproximam ràpidamente dos contendores.

2.º Emboscado para Luís de Camões.

Vilão que assim vos dirigis a um fidalgo!

Luís de Camões

Que fidalgos sois vós que andais às sortidas numa estrada, por altas horas? Sois bandoleiros ou assassinos por certo!

Os três emboscados simulando indignação.

Oh! Ah! Vamos castigar-vos a irreverência! A êle!...

Trava-se luta. Luís de Camões, numa violenta investida, atira a distância com um dos emboscados, prostrando-o.

Emboscado contorcendo-se no chão e gritando em altos brados.

Aqui d'El-Rei!... Aqui d'El-Rei!... Gemendo, depois. Ai!... Ai!...

Depois de alguns momentos em que os outros dois emboscados tentam opor-se às rudes acometidas de Luís de Camões, êles viram-lhe costas, e desaparecem ràpidamente na sombra.

Abre-se o portão, e por êle saem Beatriz, seguida de três aguazis, um dêles transportando uma lanterna.

Beatriz para Luís de Camões, com ansiedade.

Estais ferido?

Luís de Camões

Não estou.

Beatriz indicando o homem estendido no chão e que continua a gemer.

E aquele?

Luís de Camões

Não sei.

Beatriz para dois dos aguazis.

Levai-o para dentro e tratai dêle...

Os dois aguazis pegam no emboscado que jaz no solo, um pelos pés e outro por debaixo dos braços.

O Emboscado gemendo.

Ai!... Ai!...

Levam-no para dentro do portão, ficando à parte de fora, apenas Beatriz, Luís de Camões e o aguazil com a lanterna.

Luís de Camões a Beatriz.

Quem sois vós, que por artes de Satanás, me aparecesteis? Tira a lanterna da mão do aguazil, aproxima-se do rosto de Beatriz e solta uma exclamação de surprêsa. Ah!... Vós, aqui!... Entrega a lanterna ao aguazil. Era uma cilada urdida por vosso nobre pai, e vós ajudais nela!

Beatriz com ressentimento.

Senhor!

Luís de Camões

Querieis fazer-me assassinar? Mas que vos fiz eu, senhora? Quem vos encomendou o negregado feito?

Beatriz aflita.

Não! Não julgueis isso!... Por Deus!...

Luís de Camões indignado.

Basta! De mulher, só tendes o vulto enganador, mas de fera são vossas entranhas!...

Beatriz

Juro-vos que não é como pensais! Só queria valer-vos... Só queria salvar-vos de maiores penas!...

Luís de Camões irónico.

Chamando-me enganosamente a uma emboscada dos vossos sicários? E tínheis outros de reserva?...

Beatriz

Se vos ferissem, trataria de vós carinhosamente... Não vos abandonaria um instante... Oh! meu Deus! Antes vos ferissem gravemente!... Soluça.

Luís de Camões

Mentis! Mentis em tudo! Mentis com essas estranhas lágrimas!

Beatriz suplicante.

Senhor Luís de Camões, ouvi-me! Ouvi uma infeliz que vos estima... Que vos admira... Que vos tem defendido sempre, sem o avaliardes...

Luís de Camões

Agora mudais de farça?

Beatriz

Ouvi-me, senhor... Deixai a Côrte... Escondei-vos... Porque tramam a vossa perdição... Querem a vossa desgraça...

Luís de Camões

Ah! Mulher enganadora!

Beatriz

Cegam-vos... Cegam-vos... Não me acreditais... Quereis ser livre... Mas perdereis a liberdade...

Luís de Camões

E vós procurásteis tirar-me a vida!

Beatriz desolada.

Ah! Que não me compreendeis! Resoluta. Seja! Parti! Nada posso fazer por vós!

Luís de Camões

Graças vos dou pela generosidade.

Beatriz

Segui o vosso mau destino. Adeus! Um dia me lembrareis... Indicando o aguazil. Este homem vos acompanhará e irá guardando.

Luís de Camões

A boas horas, senhora! Dispenso as companhias e os encontros que me destinais. Adeus! Caminha, a afastar-se.

Beatriz chamando-o ansiosamente.

Não parti, ainda!... Reflecti!... Recolhei-vos nesta casa que fareis vossa, até que melhor vos delibereis!...

Luís de Camões ao longe.

Nunca! Dai ao demo, as vossas prisões!...

Desaparece na sombra. Beatriz fica a soluçar, junto do portão. Silenciosamente, o aguazil abana a cabeça, e limpa os olhos, com a manga da veste.

Fim da Cena VII e da 2.ª Jornada. Mutação.

3.ª Jornada — No Destêrro

CENA I

No ano de 1546, contando então, Luís de Camões, 22 anos de idade. Patenteia-se um trecho de formosa paisagem, na confluência do Zêzere com o Tejo. Emquanto decorre a Cena, ouve-se uma música que evoque a vida campesina e pastoril. Passam rebanhos que andam em pascigo conduzidos por zagais e pastoras.

Luís de Camões, sentado sôbre um rochedo, donde se avista um pedaço do curso do Tejo, olha o panorama com melancolia e vai discreteando nos versos seguintes, durante o que, a música apenas se ouve levemente, como subtil comentário aos dizeres do poeta.

Luís de Camões

D'est'arte me figura a fantasia
A vida com que morro desterrado
Do bem que em outro tempo possuia.

Aqui vejo caduca e débil glória
Desenganar meu êrro, co'a mudança
Que faz a fácil vida transitória.

Aqui me representa esta lembrança
Quão pouca culpa tenho; e me entristece

Ver sem razão a pena que me alcança.

. . . . . .

Não vejo se não montes pedregosos;
E sem graça e sem flor os campos vejo
Que já floridos vira e graciosos.

Vejo o puro, suave e rico Tejo
Com as côncavas barcas, que nadando
Vão pondo em doce efeito o seu desejo.

Ó fugitivas ondas, esperai;
Que pois me não levais em companhia
Ao menos, estas lágrimas levai.

. . . . . .

Fim da Cena I. Mutação.

CENA II

Um rebanho pastando numa encosta pedregosa, das margens do Zêzere. A pastora Domingas, guardadora do rebanho, está sentada num dos penedos.

Luís de Camões ouvindo-se ao longe.

Domingas! Ó Domingas!...

Domingas erguendo-se sobressaltada.

Aqui estou!

Luís de Camões aparece um pouco distante, acena-lhe amigàvelmente e chegando junto dela, diz:

Que tardia fôste, minha esquiva!

Domingas

Eu ando à feição do gado, meu senhor, e êle apeteceu hoje, outro pascigo mais arrèdio que o costumado.

Luís de Camões

Praza a Deus que eu fôsse do teu rebanho, para andares à feição do meu apetecer! E suponde que eu era um cordeirinho, e que me agradava o pascigo de um beijo teu?

Domingas

Nanja que eu tivesse a contas, um brutinho tam alfanado como Vossa Mercê!... Luís de Camões enlaça-a pela cintura e tenta beijá-la. Ela esquiva-se. Não... Isso, não... Solta-se dêle, foge-lhe e desaparece em ligeira corrida.

Luís de Camões fica estático, como surpreendido e chama:

Domingas!

O Eco

Domingas!

Luís de Camões

Ó Domingas!

O Eco

Ó Domingas!

Luís de Camões recita:

Qualquer cousa, busca o rio
A fonte vai para o Tejo,
E tu para o teu desejo,
Por te vingares do meu.
De mim te esqueces Domingas
Como eu faço do teu gado.
Praza a Deus, que se te vingas,
Que morra desesperado.

Na fantasia te pinto;
Falo-te, responde o monte;
Busco o rio, busco a fonte,
Endoudeço e não o sinto.
Domingas! — no vale brado;
Responde-me o eco: — Domingas!
E tu ainda te vingas
De me ser doudo tornado.

. . . . . .

Fim da Cena II. Mutação.

CENA III

Uma fonte rústica, onde as camponesas vão buscar água. Um caminho, irregular, em descida, conduz a ela.

Arvores frondosas, nas proximidades dêsse caminho. A' sombra de uma delas, está sentado Luís de Camões.

Leonor, uma camponesa, passa junto dêle, em direcção á fonte, a fim de encher o seu cântaro.

Luís de Camões, como que retrata Leonor, nos seguintes versos que vai pronunciando. Música suavíssima, acompanha a sua voz.

Descalça vai para a fonte
Leonor, pela verdura;
Vai formosa e não segura...

Leva na cabeça o pote
O testo, nas mãos de prata
Cinta de fina escarlata
Saínha de chamolote.

Traz a vasquinha de cote
Mais branca que a neve pura;
Vai formosa e não segura.

Descobre a touca, a garganta,
Cabelos de ouro entrançado
Fita de côr de encarnado,
Tam linda que o mundo espanta;
Chove nela graça tanta
Que dá graça à formosura;
Vai formosa e não segura!

Leonor, chegando à fonte, fala às outras camponesas e depois chora. Elas procuram confortá-la.

Luís de Camões vai referindo, em verso, o que se está observando. A música prossegue em melodias tenuíssimas e sentimentais.

Na fonte está Leonor
Lavando a talha e chorando,
Às amigas preguntando:
Viste lá o meu amor?

Pôsto o pensamento nêle
Porque a tudo amor obriga
Cantava, mas a cantiga
Eram suspiros por êle.
Nisto estava Leonor
O seu segrêdo enganando
A's amigas preguntando:
Viste lá o meu amor?

O rosto sôbre uma mão
Os olhos no chão pregados,
Que de chorar, já cansados
Algum descanso lhe dão.
Desta sorte, Leonor
Suspende de quando em quando
Sua dor; e em si tornando
Mais pesada sente a dor.

Não deita dos olhos, água,
Que não quer que a dor se abrande.
Amor, porque em mágoa grande
Seca os olhos à mágoa.
Depois que de seu amor
Soube novas preguntando,
De improviso a vi chorando.
Olhai que extremos de dor!
. . . . . .

Fim da Cena III e da 3.ª Jornada. Mutação.

4.ª Jornada — Em Ceuta

CENA I

No ano de 1547. Trecho da praia do Restelo, avistando-se a Tôrre de Belém. Alguns marinheiros e soldados, dispõem-se a embarcar numa lancha que está abicada na praia. Entre êles se encontra o escudeiro ou soldado Luís de Camões. Transportam-se para dentro da lancha caixas e fardos de bagagem. Raras pessoas assistem à despedida dos que partem. D. Ana de Sá, mãi de Luís de Camões, chorosa, abraça o filho. Luís de Camões teria a êsse tempo 23 anos e sua mãi cêrca de 50.

D. Ana de Sá

Adeus, meu Luís! Tam moço te apartas de mim, indo passar trabalhos em terras de Africa!

Luís de Camões

E' o destino! E' o meu fadário!

D. Ana de Sá

Que desolada fico! Tudo ali vos será mofino!...

Luís de Camões

Não tanta ruindade como por cá. E assim me alongo de vistas saudosas que também molestam. Dois anos passam lestes...

D. Ana de Sá

Dois anos! Um ror de tempo! Praza a Deus que ainda venhas a encontrar a tua vélha mãi! Que destêrro cruel, meu Luís!

Vozes gritando da lancha.

Embarcai! Embarcai!...

Luís de Camões

Oh! maldito o primeiro que no mundo
Nas ondas velas pôs em sêco lenho!...

Abraçando a mãi.

E' fôrça que nos separemos... Adeus, senhora mãi! Aos que preguntarem por mim, dizei que vou alegre. Adeus!

Solta-se dos braços da mãi. Embarcam todos e a lancha afasta-se, a remos, até desaparecer, encoberta com a Tôrre de Belém. Emquanto a embarcação está à vista, acenam-se lenços. Desaparecida ela, ainda as raras pessoas que se encontram na praia ali ficam, imóveis, olhando o Tejo, solitário e triste.

Fim da Cena I. Mutação.

CENA II

Uma caserna da Fortaleza de Ceuta. Ali se encontram alguns soldados ocupando-se em tratar do seu armamento; outros, do seu vestuário. Em diversos grupos trava-se amigável conversação. Descantes à guitarra. Jogam-se as cartas ou os dados. A soldadesca senta-se nos catres, nas caixas dos seus efeitos ou em bancos, junto de tôscas mesas, além dos que estão de pé. Um ou outro dorme regaladamente. Luís de Camões acha-se num dêsses grupos.

Luís de Camões

Aqui viveremos encurralados dentro destas soturnas muralhas e, por mais sortidas que se façam, não alcançamos afugentar êsses arrenegados que nos rondam de perto!

1.º Soldado

Mal avisado sacrifício, a conquista e sustentação desta Praça, onde, em vez de senhores, parece que somos cativos.

2.º Soldado

Acabaremos às lançadas dêsses perros, sem ganharmos um palmo de terra para além das franqueiras.

Nem uma hortazinha que nos refrigerasse as negras comedorias.

Luís de Camões

Portugal, em Africa, amigos! E' a divisa com que haveis de servir, esquecidos de Portugal, mas recordando-o a toda a hora.

2.º Soldado

E assim cobraremos a morte, sem cobrar um ceitil!

1.º Soldado

Uma vez se há-de morrer! Abonda seja em Ceuta, como na minha cabana de Salvaterra.

2.º Soldado

Menos isso! Antes morrer em paz, com a absolvição do nosso abade, do que raivando, trespassado com a lança de um infiel!

Outro soldado entrando na caserna e dirigindo-se a Luís de Camões.

Alvíçaras, Luís Vaz!... Alvíçaras!...

Luís de Camões

Que há?

3.º Soldado

Chegou de Lisboa a caravela de aviso, e trago-vos três cartas que nela vieram. Entrega-as a Luís de Camões.

Luís de Camões com alvorôço.

Que dizeis! Alguém se lembra de mim? Uma delas, será de minha boa mãi. Todavia as outras... Analisa-as exteriormente.

1.º Soldado

Dalguns judeus que vos recordam antigas dívidas...

Luís de Camões

Pela certa. Afentando numa das cartas. Eis a de minha mai. Reconheço-lhe a letra pouco firme. Observando as outras duas. Estas, não sei. Em qualquer delas a escrita é de mulher. As mulheres, em tudo, têm jeitos assaz diferentes.

2.º Soldado

Então porque não as abris?

Luís de Camões

De vagar, amigo. Deixai-me saborear a dúvida... Quem poderá lembrar-se de um mísero que foi desterrado para que se não lembrem dêle? Hesita em abri-las. Vou sabê-lo. Mas primeiro, a de minha mãi... Coitada! Abre uma das cartas e percorre com a vista, o seu conteúdo. Manda-me as suas tristes saudades, os amargos conselhos de meu pai e até algum dinheiro... Uma santa!

3.º Soldado

Como é bom ter mãi! Eu já não posso experimentar êsse consôlo...

1.º Soldado irónico.

Mas não vos consola a vossa Bernarda?...

3.º Soldado

Calai-vos! Não me azoineis o miolo!...

1.º Soldado

Pois ela não é vossa «metade»?

3.º Soldado

Qual metade! E' toda!... Riem-se.

Luís de Camões examinando as outras cartas.

Agora estas. Abre uma delas e verifica a escrita. E' da Rôsinha, minha afilhada de Coimbra! Um anjo, aquela môça! Acreditais que neste mundo se encontrem anjos?

3.º Soldado

Anjos maus? A minha Bernarda, por exemplo.

2.º Soldado

E ela pertenceu-vos?

Luís de Camões

Não. Eu não devia cobiçar aquela alma simples, aquele coraçãozinho de ouro! Considerando a outra carta que resta por abrir. Agora, esta última carta? Letra fidalga. Letra firme, guiada por um coração áspero, com certeza! Analisa-a, demorando em abri-la, mas num repente, rasga o sobrescrito e verifica o que encerra. Beatriz! A filha do Regedor das Justiças! Quem havia de cuidar que tal mulher me escrevesse!

1.º Soldado

Pelo cariz do vosso espanto é alguma dama horrenda!

Luís de Camões

Não. E' formosa... Tam formosa que dela me guardo...

1.º Soldado

Perdêsteis o juízo!

Luís de Camões

Talvez. Examinando a carta. Três palavras apenas. Mas enchem-me de mágoa, sem que eu atine o que buscam, se contentar-me, se entristecer-me...

3.º Soldado

Quem pode compreender as mulheres?

1.º Soldado

Pois não compreendeis de sobra, a vossa Bernarda?

3.º Soldado

Calai-vos, sarnoso de uma figa!

Luís de Camões meditativo.

Quem compreenderá aquela! Guarda as cartas. Amigos! Vamos dar uma volta pela cidadela e beberemos alguma cousa que se depare, ainda que seja da lavra de Belzebú! Deixai-me enganar o pensamento... Deixai-me afugentar a saudade... Sabeis o que é a saudade?

2.º Soldado

Sabemos. Abonda que é uma confiada, a espremer cá no âmago, a alegria de uma criatura, como se fôsse bagaceira da vindima... E por fim, azeda-se o môsto.

1.º Soldado para o 3.º

A vossa Bernarda também há-de espremer-vos uma grande saudade...

3.º Soldado arreliado.

Gafado! Tinhoso!... Riem-se, encaminham-se para a porta da caserna, com Luís de Camões.

Fim da Cena II. Mutação.

CENA III

Parte dos terrenos exteriores, contíguos às muralhas da Praça de Ceuta, em cujas muralhas se abre uma das portas da mesma Praça. Atalaias rondam nas ameias. Aparecem três mouros desarmados, acompanhando como pastores, várias cabeças de gado. Segredam entre si. Sentam-se depois, no solo, como vigiando o gado.

Abre-se a porta da cidadela, e um grupo de quatro soldados portugueses aproximam-se dos mouros, que se deixam ficar tranqüilos. Procuram entender-se. Riem. Os soldados portugueses voltam para dentro da Praça. Decorrido algum tempo, sai da Praça um esquadrão de 10 ou 12 cavaleiros, dirigindo-se para os mouros; alguns apeiam-se, rodeiam os mouros e amarram-lhes os pulsos; outros procuram impelir o gado para a porta da Cidadela; vários dêles galopam até longe, em perseguição de algum dêsse gado que se tresmalhou. Surge uma cáfila de mouros armados, que ataca os portugueses. Luta encarniçada. Caem por terra alguns portugueses e mouros. Os portugueses, amparando os seus feridos, tentam acolher-se à fortaleza, mas são perseguidos rijamente pelos mouros. Alarme na Praça. Sai dela um forte trôço de gente em socorro dos portugueses. Alguns mouros conseguem pôr-se em fuga, outros caem em poder da nossa gente. No solo, jazem alguns corpos. Entre os gravemente feridos na escaramuça, conta-se Luís de Camões.

Fim da Cena III. Mutação.

CENA IV

1.º EPISÓDIO

Sala no Hospital da Fortaleza de Ceuta. Vários doentes, soldados no maior número, ocupam os humildes leitos arrumados ali. Luís de Camões, acha-se num dêles, com o tronco erguido, apoiado em almofadas, a fronte cingida por ligaduras que lhe encobrem o ôlho direito. Uma religiosa, servindo de enfermeira, ajeita-lhe carinhosamente o penso.

Religiosa

Agora, estais livre de perigo, mas ajudai o tratamento. Sossegai. Fazei por dormir...

Luís de Camões

A vida vos devo, minha boa irmã... Mesmo entorpecido, como se já pela morte, nunca deixei de sentir as vossas doces mãos.

Religiosa

Roguei a Deus por vós, e isso vos acudiu. Mas sossegai e não faleis por emquanto. Deixo-vos para que repouseis.

Luís de Camões

Sim. Quando me tornardes a aparecer, o farei.

Religiosa

Ah! Como sois mau de suportar! Sorri-se e sai.

2.º EPISÓDIO

Luís de Camões dirigindo a palavra a um doente que se encontra numa cama um tanto distante:

Olá, vós que estais aí! Não sois o Brás? Não vos enxergo bem, porque fiquei sem uma vista, e turvado da cabeça...

Brás

Sou o Brás, sou, amigo Luís...

Luís de Camões

Então essa famosa cutilada que levásteis quando me ieis socorrer, ainda sangra? Não soube mais o que fôra feito de vós... Aqueles arrenegados também queriam acabar comigo...

Brás

Pois não sabeis?

Luís de Camões

Nada sei, amigo. Tenho estado no outro mundo.

Brás com tristeza.

A cutilada já se foi e o braço também.

Luís de Camões

O braço?

Brás

Apartou-se de mim. Tiveram que mo decepar...

Luís de Camões consternado.

Ah! pobre amigo!... Pobre amigo!... Com exaltação. Senhores de Portugal! Vinde ver isto, e

fazei ao menos, que não nos paguem, só em cutiladas como estas, as soldadas em atraso! Pausa. Amigo Brás. Dão mais a quem mais fala, do que a quem mais peleja...

3.º EPISÓDIO

A religiosa, fazendo de enfermeira, aproxima-se de Luís de Camões.

Religiosa

Ah! que teimoso! Não faleis. O cirurgião o proíbe.

Luís de Camões

Dieta na vista, dieta nas comedorias, e também dieta no falar, minha boa irmã?

Religiosa

Não sabeis que estivésteis bastantes dias entre a vida e a morte?

Luís de Camões

Verdade? Então aqueles arrenegados deram-me a valer?

Religiosa

Trouxeram-vos para aqui, como morto.

Luís de Camões

Não pude com tanta multidão de assanhados cachorros.

Religiosa

Mas agora, descansai. Acomoda as almofadas em que êle repousa.

Luís de Camões

Por certo que ajeitado pelas vossas santas mãos e embalado pelas vossas doces palavras, irei agora adormecer e até sonhar...

Fim da Cena IV e da 4.ª Jornada. Mutação.

5.ª Jornada — Regresso a Lisboa

CENA I

Uma locanda popular no Bairro da Mouraria onde morava Luís de Camões, em 1550, depois do seu regresso de Ceuta. Em tôrno de mesas, falando, jogando e conversando, gente de baixa condição e um ou outro grupo de estudantes e foliões.

Ao fundo, sôbre um estrado, algumas mulheres dansam ao som de violas de arco e pandeiros; outras acercam-se, com intimidade, de alguns dos circunstantes ou bebem com êles.

A uma das mesas, acham-se sentados António Ribeiro «o Chiado», António Prestes, António Dias e Luís de Lemos. Em pé, junto dêles, o trovador mulato Afonso Álvares.

António Dias

Sabeis quem hoje me apareceu em casa e que volta a ser da nossa companhia, depois de longo apartamento? Ganhará um pichel de Caparica aquele que o adivinhe.

António Prestes

Quiçá, é Diogo do Couto, que voltou da Índia.

António Dias

Branco... Branco... Amigo António Prestes!

O Chiado

Branco? Então já sabemos que não foi o nosso escuro Afonso Álvares, ali presente, mas chegado ontem das regateiras de S. Gião...

Afonso Álvares

... se me tocas na côr
Nunca outro mal me digas
Mormente com essas ligas
Me deu Deus honra e favor...
E dou-te quarenta figas! Risos.

António Dias

Tréguas aos remoques e vamos à adivinha.

Luís de Lemos

É valdevinos e trovador como amigo Chiado que embuchou com as figas do Afonso Álvares?

O Chiado

É escudeiro e beberrão, como vós, Luís de Lemos?

Afonso Álvares

Se andou longo tempo ausente, é algum embarcadiço. Será o piloto Belchior Dias?...

O Chiado

Não acertas.

Mas o que eu de ti diria
Para acertar sem mentir
Profetiso que hás-de vir
Ser mais negro cada dia
Sem o poder encobrir... Risos.

Afonso Álvares

Ladra tanto êste cão
Que eu me cerro
De o ver assim ladrar;
Se se acende o tição
Em que venha todo o mar
Não o poderá apagar...

Acabando de dizer os versos, vai para sair, com mostras de arrenegado.

O Chiado

Espera. Não te vás sem o trôco.

Afonso Álvares detem-se para escutar o Chiado, que diz:

Noite de inverno fechada
De corisco peçonhento
Escura, mal assombrada!
Que se há mister candeia benta
Para a tua trovoada!

Afonso Álvares saindo.

Não vês tu, que S. Francisco
Faz regra de abstinência... Risos.

António Dias

Como não adivinhais, sou eu que me vou regalar... Bate as palmas e dirigindo-se a um servo que acorre. Trazei-me um pichel do bom Caparica. Para os companheiros. E vós, fazei cruzes na bôca!

António Presles

Agora, venha o segrêdo!

António Dias

Dou-vos uma... Dou-vos duas... Dou-vos três... Nada? Pausa. Pois é Luís Vaz!

António Presles surpreendido.

Luís de Camões!

António Dias

O «Trinca Fortes», em pessoa.

O Chiado

Vem de Africa? E como o achásteis?

António Dias

Com uma vista de menos. O ôlho direito...

Todos

Ah!...

António Dias

Peleja com os mouros de Ceuta. Como sabeis, é bravo e assomadiço. Aqueles sequazes de Mafamede quiseram liquidá-lo...

Luís de Lemos

E o desterro?

António Dias

Deram-lho por findo. Influência de alguma dama... Elas o afastaram... Elas o trouxeram...

O Chiado

Má peste, que nos faz andar aos baldões! E a fortuna?

António Dias

Tanta como a nossa. Nenhuma!

António Presles

E um ôlho de menos...

António Dias

Mora neste Bairro da Mouraria... Aqui perto. Vê-lo-eis em breve, pois assegurou-me que vinha agora. Não faltará.

O Chiado vendo Luís de Camões que assoma à porta.

Ei-lo!

Luís de Camões detem-se por instantes, à porta, a fim de reconhecer os circunstantes. Trajo pobre. Barba curta, um pouco alourada, contornando-lhe o rosto. Erguem-se o Chiado, António Prestes, António Dias e Luís de Lemos, indo ao seu encontro.

António Prestes abraçando-o vigorosamente.

Ah! grande Luís!... Grande amigo!...

Luís de Camões abraçando todos.

Tam rijo não, que me arrombais!...

Luís de Lemos

Quem ousará arrombar o «Trinca Fortes?»

Dirigem-se para a mesa onde se tinham situado anteriormente, e em tôrno da qual se sentam. Olhares curiosos dos assistentes, especialmente das mulheres.

Luís de Camões

Até que emfim, vos revejo, meus amigos! Erguendo os braços num impulso de desafogo. Até que emfim, oh!

Lisboa dos meus amores!... Inferno da minha perdição! Em alta voz para um servo da locanda. Moço! Vinho do melhor, para toda a companhia! Servi a todos, essas *carochas* de bom Caparica ou Termo! Sou eu que pago!...

Um assistente para o companheiro, em voz baixa.

Ouvísteis? Será a primeira vez que beba *carochas* tam baratas...

Luís de Camões

E de comer, também! Cousa que conforte estômagos de trovadores e chocarreiros afeitos ao jejum...

António Dias

Carne assada no espêto! Que dizeis?

O Chiado

Pois seja! A carne para nós e o espêto para o amigo António Dias, um magrissela sem interior para manjares fartos.

António Prestes a Luís de Camões, com pesar.

Ah! Luís!... As pelejas de Africa vos assinalaram!

Luís de Camões irónico.

Ficarei sendo um varão assinalado! Riem-se.

Luís de Lemos

E agora, que fazeis?

Luís de Camões

Mato saudades que me não mataram...
Males contra mim vos conjurastes
Quando há-de durar tam duro intento?...

O moço traz dois grandes cangirões de vinho que distribue pelos pichéis. Luís de Camões indicando ao moço, todos os assistentes. Servi toda a companhia!

O moço executa. Risos e segredar entre êles que olham com curiosidade para o grupo formado por Luís de Camões e os seus companheiros. Camões erguendo a voz, para que todos o oiçam: Senhores! Hoje é dia grande cá na freguesia do tio Ambrósio, o Deus Baco da Mouraria. Festejai a volta do amigo pródigo, que terminou o seu destêrro entre a moirama de Ceuta! Animação da assistência. Algumas das mulheres aproximam-se. Camões e um ou outro dos seus companheiros, puxam-nas para si, rodeando-lhes as cinturas.

Luís de Camões, para os circunstantes: Folgai!... Bailai!... E agora, amigos... Bebamos primeiro, pelas mulheres!... Dirigindo-se a elas, em geral: Olá, moças!... Nós, trovadores, vamos beber pelos vossos amores!

Risos. Bebem. Salvé as lindas moças de Lisboa, que chiam como um pucarinho novo com água!... Salvé! Bebem.

O Chiado para o servente da locanda.

Vinho!... Mais vinho!... Rapaz! Não nos deixeis arrefecer!

António Prestes às moças.

E agora, bebei vós pelos nossos amores!

Entregam-lhes copos e servem-nas de vinho. Quási todos, bebem copiosamente. Risos.

Luís de Camões a um assistente, mal encarado.

Olá, tu! Porque não bebeis do vinho que vos ofereci como amigo, e olhais para mim como um bezerro degolado?... Eu roubei-vos a mulher ou foi ela que veio para aqui porque lhe aprouve? Indica outras que lhe estão próximas. E também esta... E também esta... E todas! Voltando-se para o homem de semblante desconfiado. Todas me querem e todas me enganam, como a vós do carão trombudo. Dirigindo a palavra a uma das mulheres. Como vos chamais, meu anjo?

1.ª mulher

Helena!

Luís de Camões para outra.

E vós, meu diabinho?

2.ª mulher

Maria!

Luís de Camões para outra.

E vós, minha Vénus?

3.ª mulher

Joana!

Luís de Camões ao assistente mal encarado.

Pois amigo, que vos encrespais por mor delas: Dizei como eu: Canta:

Não sei se me engana Helena,
Se Maria, se Joana.
Não sei qual delas me engana.

Uma diz que me quer bem
Outra jura que me quer
Mas em juras de mulher
Quem crerá, se elas não crêem?
Não posso não crer em Helena
A Maria, nem Joana,
Mas não sei qual mais me engana.

Uma faz-me juramentos
Que a meu amor só se inclina
A outra diz que se fina,
Joana que bebe os ventos.
Se eu cuido que mente Helena
Também mentirá Joana
Mas quem mente, não me engana...

Risos. Bebem. Conversam.

Genebra Pereira conhecida pela «Bruxa do Borratem», tendo-se aproximado de Luís de Camões, diz-lhe:

Senhor que trovais!... Quereis ser bem sucedido nos vossos amores?

Luís de Camões

Que pregunta, avòzinha! Tendes vós alguma receita para enfeitiçar as damas?

Genebra Pereira

Ide a minha casa, que lá encontrareis quem vos enfeitice muito a vosso agrado... Depois, com as minhas receitas e orações, ganhareis quanto quiserdes, meu rico senhor...

Luís de Camões para os companheiros.

Ouvis isto, amigos? Belzebu envia-me um emissário, esta senhora bruxa que já me chama rico, e me promete quantos bens apeteça!

Vozes

E' a «Bruxa de Borratem»!

Genebra Pereira aos assistentes.

Não zombeis. A muitos fidalgos e fidalgas, tenho prestado valimento...

Luís de Camões

A fidalgas, também? Quero avaliar o prodígio com que as consolais!

Genebra Pereira em confidência, a Luís de Camões.

Ide a minha casa, amanhã pelas Avè-Marias, que lá encontrareis quem vos espera...

Luís de Camões falando-lhe em voz baixa.

Que dizeis? Espera-me alguém? Oh! má cainça que vos coma e às vossas alcovitices!... Pausa. Afinal, dizei. Onde é a vossa toca infernal!...

Genebra Pereira continuando, em confidência.

Aqui pertinho... No Bêco da Barbadela. Logo à esquina. O sobrado por cima do estanco...

Luís de Camões em voz baixa.

Pois amanhã vos procurarei, para conhecer o que o diabo ainda quer de mim!...

Fim da Cena I. Mutação.

CENA II

1.º EPISÓDIO

Em casa da bruxa Genebra Pereira, ao enfardecer. Aposento iluminado escassamente por uma candeia colocada sôbre a mesa que se encontra ao centro. Noutra mesa mais distante, dois tocheiros com velas, mas apagadas. Estranhos objectos suspensos nas paredes ou do teto: molhos de ervas, um lagarto empalhado, chifres, caveiras e peles de animais, etc. Mobiliário extravagante e decadente. Armários contendo bugigangas absurdas. Um gato preto está sôbre a mesa, indiferente ao que se passa. Genebra Pereira, sentada à referida mesa, vai lançando atentamente sôbre ela, e a uma por uma, as cartas de jogar que tem na mão, ao passo que diz:

Mau cortiço e mau sumiço
Maus lôbos e maus lagartos
Nunca de pão sejam fartos;
Mau criado e mau serviço
Má montanha e má campanha
Má jornada, má pousada
Má achada, má entranha
Má aranha, má façanha.

Negro é o corvo e negro é o pez
Negro é o rei do enxadrez
Bode negro anda no mato
Gato negro, negro é o gato...

Batem à porta. O gato, assustando-se, salta da mesa. A bruxa Genebra Pereira, ergue-se, acende as velas dos tocheiros e vai abrir cautelosamente a porta.

2.º EPISÓDIO

Genebra Pereira falando para o exterior.

Entrai minha santinha! Entra Beatriz, a filha do Regedor das Justiças João da Silva, trazendo o rosto resguardado por uma mantilha preta. Estava fazendo as minhas orações para serdes bem sucedida...

Beatriz ansiosa.

Êle virá? É tam desconfiado, tam agastadiço...

Genebra Pereira

Todos os homens são levados pelo beiço. Mas é mister geitozinho e prometer-lhes alguma cousa... É bicho muito interesseiro!

Beatriz

Aquele, vereis que é diferente.

Genebra Pereira

Qual diferente, minha santinha! Ontem mesmo o trazia comigo, se tivessemos ajustado o encontro. Deixaria tudo para vir ver-vos, mesmo sem cuidar quem éreis. Que faria se soubesse!

Beatriz

Se soubesse que era eu, não viria!

Genebra Pereira

Desvairais, minha lindeza! Os moços são todos uns cordeirinhos, ao cheiro de qualquer regalo... Batem à porta, com arreganho. Ouvis? Aí está o vosso trovador, mais enamorado que nunca!

Beatriz sempre de pé, desvia-se para a parte menos iluminada do aposento. Genebra Pereira, abre a porta. Luís de Camões entra, sem reparar em Beatriz.

3.º EPISÓDIO

Luís de Camões irónico.

Eis-me caído nas vossas garras, senhora bruxa, matrona de Belzebúth!

Genebra Pereira extática, com os olhos fixos no teto.

Bico de prego. Asa de morcego
Bafo de drago, tudo te trago
Eu não juro nem esconjuro
Mas galo negro suro
Cantou no meu monturo...

Luís de Camões que acaba de reparar no vulto de Beatriz.

Acabai com essa ladainha infernal, e respondei! Quem é aquele fantasma? Indica Beatriz.

Genebra Pereira

Não vos apresseis. Em boa ocasião, ireis sabê-lo...

Luís de Camões

Quereis zombar de mim, vélha tonta! Indicando Beatriz. E mais aquele morcego?... Dirigindo-se a Beatriz. Quem sois vós e que fazeis aqui?

Beatriz

Justiça de El-Rei que vos colhe em práticas de feitiçaria abominável!...

Luís de Camões irado.

Traição! Quem me convocou para elas? Não fôsteis vós que me acusais? Pausa. E quem sois vós, afinal?

Beatriz descobrindo o rosto.

Reconheceis-me?

Luís de Camões surprêso.

Beatriz! A filha do Regedor das Justiças, João da Silva! Vós aqui, neste antro? Estou sonhando!... Avança para Beatriz, e tomando-a violentamente pelos braços. Que pretendeis de mim?... Respondei ou agora mesmo vos faço pagar o que tramais de vil!...

Genebra Pereira tentando intervir.

Poupai a dama, senhor!

Beatriz subjugada por Luís de Camões, inclina-se a estreitar-se ao peito dêle, entre os seus braços e murmura docemente:

Castigai-me... se vos apraz...

Luís de Camões repelindo-a.

Oh! tentação do inferno! Não desesperais de me perder!...

Quanto vos prometeram para me armardes esta nova cilada?

Beatriz com amargura.

Por Deus! Como sois injusto! Como sois ingrato!... Ouvi-me, senhor... Já procurei valer-vos para não serdes preso e desterrado, como sucedeu, e não me acreditásteis!... Fôsteis mesmo cruel para quem só vos queria bem e sentia mágoa porque os vossos despropositados amores e as vossas brigas, vos malquistassem na Côrte e vos perdessem...

Luís de Camões

Falais assim, vós, a filha do Regedor das Justiças, de quem partem as ordens com que tenho sido vexado e perseguido.

Beatriz

Não vos lembrais que até meu irmão esteve preso no Limoeiro, por causa dessas malquerenças da Côrte?

Luís de Camões

Sim... Jorge da Silva, o «Perdigão que perdeu a pena...»

Beatriz

Por não me terdes ouvido, também sofrêsteis depois, as asperezas do destêrro em Ceuta. E sabeis porque vos permitiram voltar de lá?

Luís de Camões

Cumpri o meu dever de soldado e perdoaram-me.

Beatriz

Quem vos perdoou? El-Rei?... Pausa. Não! Sois tam mau, tam cruel, que só uma pessoa vos desculpa e vos perdoa... Suplicante. Escutai-a, pois... Escutai-me, senhor Luís Vaz... Emendai-vos, por Deus vos peço. Privais com gente de má condição... Andais em arruído pelas alfurjas da Mouraria, vós que vivêsteis no Paço e que sois de nobre família... Tendes rivais, tendes inimigos que espreitam os vossos desvarios e que estimarão a vossa desgraça!... Em que conta tivésteis o que vos re-

comendei nalgumas cartas que vos remeti, quando desterrado!...

Luís de Camões

Mesmo lá me alcançáveis, por certo da parte do senhor Regedor das Justiças, vosso pai! E agora, para me apontardes êsses perigos, lançais mão de uma bruxa!...

Beatriz

Aceitaríeis ouvir-me de outra forma? Ah! Eu já conheço o vosso génio intratável!...

Luís de Camões

Mas insistis? Pois ficai-vos com a vossa feiticeira. Dispenso que me ajudeis a ir para o inferno, mesmo com tam fagueiras palavras...

Beatriz procurando retê-lo.

Acreditai-me, senhor Luís Vaz! Ouvi-me... Ouvi-me, Luís...

Luís de Camões interrompendo-a.

Não sois mulher!... Sois o mais negregado esbirro do senhor Regedor!... De vossa vista fujo, para salvar-me!... Repele-a bruscamente e sai, atirando com violência a porta.

Beatriz caindo prostrada numa cadeira, a soluçar.

Mas eu amo-o!...

Genebra Pereira cìnicamente carinhosa.

Não vale a pena chorar por um homem, minha santinha...

Fim da Cena II. Mutação.

CENA III

No Rossio, junto ao Convento de S. Domingos, por ocasião da procissão de «Corpus Cristi», no ano de 1552. Transeuntes. Danças judengas. Alegorias do Gigante e do Menino, a «Serpe» e o «Sagitário». Alguns mascarados. Passam as bandeiras dos vários ofícios.

Por um antigo Regimento das festas do Corpo de Deus, estabelecia-se:

— «... Os forneiros davam uma «judenga» com sua «toura», e o juiz do ofício era obrigado a apresentar seis homens que andem na dita «judenga», com boas canas e vestidos, segundo se requer para o tal «auto». Os ferreiros, apresentavam o «Sagitário». Os carpinteiros davam a «Serpe» com uma silvagem grande. Os barqueiros traziam um S. Cristóvam muito grande, com um Menino Jesus ao pescoço, todo bem corrigido. Os pedreiros eram obrigados a levarem todos os Castelos nas mãos, bem obrados, assim como se costuma na cidade de Lisboa. Os alfaiates eram obrigados de fazer um Imperador com uma Imperatriz, com oito damas. Os correeiros eram obrigados de fazerem Santa Maria da asninha e Jochym (S. Joaquim), tudo bem feito e corrigido. Os ataqueiros, obrigados de fazerem S. Miguel e dois diabos grandes, tudo bem feito e como se cumpre no «auto». Os barbeiros hão-de fazer S. Jorge pintado...»

Num grupo de transeuntes, Miguel Dias e Luís de Lemos, mascarados, conversam com Luís de Camões.

1.º EPISÓDIO

Luís de Camões

Ainda tendes gôsto para foliar, Miguel Dias? E vós, Luís de Lemos, fazeis um arremêdo de bobo que daria engulhos ao próprio Gil Vicente...

Miguel Dias indicando um moço imperfigado, que passeia a cavalo.

Ali vai o parvoez Gonçalo Borges, moço de arreios de El-Rei, como em parada de galantes!...

Luís de Lemos

Vamos a êle!... Os dois mascarados encaminham-se para o cavaleiro.

2.º EPISÓDIO

Os mascarados Luís de Lemos e Miguel Dias, dirigem-lhe algumas chocarrices. O cavaleiro detem-se e replica-lhes, exasperando-se. Êles insistem. O cavaleiro investe com ambos, desembaïnhando a espada e acutilando-os. Motim. Acode Luís de Camões, que cruza a sua espada com a do cavaleiro. Esgrimem vigorosamente e Luís de Camões fere-o no rosto. O cavaleiro cai, sendo socorrido. Os dois mascarados somem-se. Luís de Camões é rodeado e preso por oficiais de Justiça que acodem ao local da briga.

Fim da Cena III. Mutação.

CENA IV

Numa viela da cidade, de noite, cruzam-se Andrade Caminha com Gonçalo Borges, moço de arreios de El-Rei D. João III.

Andrade Caminha defendo Gonçalo Borges.

Deus vos salve, Gonçalo Borges!... Não vos fazia agora, tam longe do vosso amo.

Gonçalo Borges

É a minha folga, senhor Caminha... E vós, não a tendes?

Andrade Caminha

Outros cuidados me ocupam...

Gonçalo Borges

Cuidados com as damas, talvez... Fazei-lhes trovas...

Andrade Caminha

E vós, livrai-vos de maus encontros. Recordai a escaramuça do ano passado, com os mascarados a sôldo de Luís de Camões. E a propósito? Ouvi dizer que lhe ieis perdoar... É certo?

Gonçalo Borges

O senhor Bispo D. Gonçalo Pinheiro, empenha-se muito... Diz que Luís de Camões, estando

preso desde então, há quási um ano, já expiou bastante o seu crime...

Andrade Caminha

Que despropósito, amigo! Mas, se não ides muito apressado, conversemos um pouco. Vinde beber um pichel do mais cristão dos moscatéis de Setúbal, e que me é reservado. Vinde!... Segue, tomando Gonçalo Borges pelo braço.

Fim da Cena IV. Mutação.

CENA V

Interior de uma locanda de bebidas. Andrade Caminha e Luís de Lemos, sentados a uma das mesas.

Andrade Caminha para o serviçal.

Trazei-nos daquele rico moscatel que é para fidalgos... Sabeis?

Serviçal

Não o procureis algures. Êste é da lavra do próprio Baco.

Andrade Caminha

Ide-vos com essas manhas e volvei num pronto com o néctar. O servo afasta-se. Ora, amigo Borges. O senhor Bispo interessa-se porque perdoeis a Luís

de Camões, a fim de que êste seja liberto... Não vos confieis nisso. Deixai o caso com a Justiça de El-Rei.

O serviçal traz o vinho que serve a Caminha e Gonçalo Borges.

Serviçal

Bebei a regalar-vos, e quando chorardes por mais eu acudirei. Retira-se, fazendo uma mesura.

Andrade Caminha oferecendo o pichel a Gonçalo Borges.

Emfim. Saboriai essa maravilha!

Gonçalo Borges depois de beber gostosamente.

É divinal! Á mesa de El-Rei, não se logra melhor!...

Andrade Caminha

Atentai no aroma perturbador, no sabor a rosas, na côr de topázio!... Aproveitai o ensejo de travar boas razões com êste mimo que vos faço conhecer... Serve-lhe outro copo que Gonçalo Borges esgota.

Gonçalo Borges dando estalinhos com a língua.

Em verdade vos digo, que é uma tentação!

Andrade Caminha

Mas voltando ao que dizíamos: O perdão não pode ser bem visto de El-Rei que foi agravado na pessoa de vós, seu fiel servidor... Alheai-vos disso... Sou eu que vos digo e sei porque o digo...

Gonçalo Borges inquieto.

Ah! vós sabeis?...

Andrade Caminha

Muito sei que não posso contar-vos por agora... Pausa. Mas não deixeis esfriar o paladar... Serve-lhe vinho e saüdando-o com o pichel. Pelos vossos amores!... Bebe ligeiramente.

Gonçalo Borges saüdando Caminha.

Pelo vosso renome de trovador! Bebe esgotando o pichel.

Andrade Caminha enchendo-lhe o pichel.

Repeti o voto, amigo Borges... Isso me apraz...

Gonçalo Borges saüdando-o.

A's vossas glórias no trovar! Bebe.

Andrade Caminha

Bom ou mau no trovar, é certo que o vosso agressor Luís de Camões, tem feito correr como suas, algumas das minhas trovas...

Gonçalo Borges falando com dificuldade.

E' isso que êle diz de vós... Mas, valha a verdade, não sei por que me acometeu, pois nunca lhe quis mal...

Andrade Caminha

Êle odeia-vos, de certo, por algum motivo que ignorais. E temei dêle! E' uma alma ruim, e um inimigo para temer. Mas, acabou-se! Não transaccioneis o seu perdão. Lembrai-vos do meu conselho...

Gonçalo Borges

Sim... Mas se El-Rei, por solicitação do senhor Bispo...

Andrade Caminha

Então... Então... Pausa, como meditando. Concordai, desde que seja afastado para longe... Outra vez para África... Ou para mais longe, ainda... Para a Índia, por exemplo. E' um belo destino, como soldado e trovador... Ri-se e depois, interrogando Gonçalo Borges. Ficais esclarecido?

Gonçalo Borges pegando no pichel.

Sim... Sim... Mau grado êste mofino me haver subido à cabeça... Bebe. Isto é feito com pólvora, senhor Andrade Caminha!

Andrade Caminha

Talvez, mas com pólvora fina, de bom travo... Pausa. Ora pensai no que importa. Indo o vosso inimigo para longe, continuareis livre dêle, como se ainda estivesse em ferros, no Limoeiro! Tomando o copo. Ah! amigo Borges!... Que rico néctar!... Bebe com calculada moderação.

Fim da Cena V. Mutação.

CENA VI

Em 1553, tendo Luís de Camões, 29 anos. Interior de uma lúgubre prisão, no Limoeiro, onde o poeta se encontra encarcerado há cêrca de um ano, desde o conflito com Gonçalo Borges, no dia da procissão do Corpo de Deus.

Luís de Camões sentado no humilde catre.

Perdigão, perdeu a pena
Não há mal que lhe não venha...

Perdigão que o pensamento
Subiu a um alto lugar
Perde a pena de voar
Ganha a pena do tormento.
Não tem no ar nem no vento
Asas com que se sustenha.
Não há mal que lhe não venha...

Sente-se ruído na fechadura da prisão.

Quem me procura neste sepulcro?...

Abre-se a porta. A esta, assoma Jorge de Montemor, amigo de infância do poeta. Abraçam-se. A porta volta a cerrar-se. Luís de Camões, com exaltação para Jorge de Montemor: Ah! meu bom Jorge de Montemor, amigo de sempre!...

Jorge de Montemor

Alegrai-vos. Boa notícia vos trago hoje...

Luís de Camões

Boa?... Para mim? Como posso acreditar-vos?...

Erros meus, má fortuna, amor ardente
Em minha perdição se conjuraram...

Jorge de Montemor

Desta feita não vos desconsoleis. Gonçalo Borges anuiu ao vosso perdão. Aqui tendes a carta de El-Rei... Mostra-lha.

Luís de Camões com alegria.

Finalmente! Dirigindo-se ràpidamente a uma janela gradeada, donde se avista a cidade e o Tejo.

Longo tempo me chamasteis, em vão! Até breve, até breve, meus amores, minhas Tágides!...

Jorge de Montemor

O senhor Bispo D. Gonçalo Pinheiro que conhecêsteis em Ceuta, intercedeu por vós, com a promessa que partiríeis para a Índia... Concordais?

Luís de Camões

Para a Índia? Pausa. Sim... Sim... Para onde queiram! Muito vos agradeço, Jorge! Não calculais quanto é doloroso para um coração ainda moço, ter de palpitar entre ferros!...

Jorge de Montemor

Emfim! Vinde comigo!... Trouxe a ordem de El-Rei. Sois livre!...

Luís de Camões

Livre, para tornar a ser desterrado! Ingrata Pátria que não receberás meus ossos! Mas...

Cá vos ficará minha lembrança
Sepultada no vosso esquecimento...

Pausa. Índia!... Índia!... Lá irei consumir-me nessa fogueira de cobiças!...

Fim da Cena VI e 5.ª Jornda. Mutação.

6.ª Jornada — A caminho da Índia

CENA I

Em fins de Março de 1553, a praia do Restelo, por ocasião do embarque da gente que seguiria na armada de quatro naus, capitaneada por Fernando Álvares Cabral.

Na praia, espalha-se grande multidão de tripulantes de todas as classes, predominando soldados e marinheiros, além de amigos, conhecidos e simples curiosos que pretendem assistir ao embarque. Pelo solo, acham-se dispersos os volumes de bagagem, e próximos desta se encontram os seus donos, aguardando ordem para tomar as embarcações que as transportem aos respectivos navios. Alguns dêsses indivíduos estão sentados sôbre as caixas, fardos ou sacos. Num grupo, Luís de Camões, conversa com outros soldados.

1.º EPISÓDIO

Luís de Camões contemplando o Tejo.

Eu me aparto de vós, Ninfas do Tejo
Quando menos temia esta partida,
E se a minha alma vai entristecida
Nos olhos o vereis, com que vos via...

Soldado interrompendo o poeta, na sua meditação.

Senhor Luís Vaz... Pausa. De quê?... Não me explicais o nome exquisito?...

Luís de Camões

De Camões, amigo. E' geração de antigos cavaleiros.

Soldado

E vós ficasteis soldado?

Luís de Camões

Antes de me desterrar, dizem que era «bacharel latino», mas tanta latinidade me perdeu.

Soldado

Embarcais por vos caber o alistamento?

Luís de Camões

Não. Para ser livre, me prendi a isto, e vim tomar a vez de outro soldado, certo Fernando Casado...

Soldado

Sei. É da minha criação. Pausa. De vosso grado fazeis a viagem?

Luís de Camões

Faço-a por minha sina, fugindo aos laços que nesta terra me armaram os acontecimentos...

Soldado

Não tendes sorte, assim como eu que sou um pobre de Cristo, ao passo que vós sois filho de algo e sabeis latinidades...

2.º EPISÓDIO

Um embarcadiço aproximando-se e falando para os grupos de soldados bisonhos que se encontram próximos.

Olá, seus *reineis!* Vossas mercês, com caras de belonios, ides estrear-vos na carreira da Índia?... Muito biscoito haveis de comer, com gusano!... E haveis de acostumar-vos ao saboroso conduto!...

Luís de Camões em voz bastante alta.

Então a gente, antes de embarcar, é mister que nasça na água salgada, como os peixes?...

Embarcadiço para um marcante.

Oh! «estoira vêrgas»!... A data de frangãos que vão nesta viajem! Olha-me para essa chusma de espantados!... Indica a multidão.

Luís de Camões dirigindo-lhe a palavra.

Oh! senhor marinheiro!...

Embarcadiço

Estrinqueiro, rapaz!... Chama-me pelo nome do meu ofício.

Luís de Camões com altivez.

E vossa mercê, chamou pelo nome do meu, que não é de «espantado», nem me espanto com cousa alguma?...

Outro embarcadiço dirigindo-se ao primeiro.

Oh! «tóninha»! Olha que êsse é o «Trinca-fortes» da Mouraria! Eu bem o conheço...

1.º Embarcadiço

«Trinca-fortes»?... Pois lá a bordo, após seis meses de balanço, veremos o que haveis de trincar!...

Luís de Camões

Isso é convosco que sereis estrinqueiro pelo cargo da estrinca ou só por trincardes as comedorias.

3.º Embarcadiço gritando e abrindo passagem.

Olá, gentes!... Arredem a fardagem e deixem passar o senhor piloto-mor e os oficiais da nau capitânia!...

3.º EPISÓDIO

Atravessa a multidão, o grupo de indivíduos a que o último interlocutor se refere.

Um embarcadiço a outro que está junto dêle, e indicando certo personagem.

Lá vai o piloto Afonso Peres, que anda com cartas e astrolábios todos dourados, e só fala em Ptolomeu e Estrabão.

Outro embarcadiço

De olharem sempre para o Sol, para a Lua e para as Estrêlas, dão mais topada que uma besta que embica!... Assim fez êsse, há dois anos, com a nau «Algarvia Nova» ...

1.º Embarcadiço

E mofa daqueles que trazem as cartas rotas e os astrolábios cheios de azinabre...

4.º EPISÓDIO

Um homem do povo, bastante idoso, procura alguém entre a multidão.

O Velho do Restelo dirigindo-se a um soldado.

Conheceis por acaso, um soldado Crispim?... O Crispim de Alemquer?...

Soldado

Não conheço... Êles são tantos!...

Velho do Restelo

É verdade... São muitos... Com amargura. E quantos voltarão?... Tornarei a ver o meu Crispim?...

Luís de Camões

Sabe-se lá, bom velho!... Mas confiai em Deus. Não confieis nos homens...

Velho do Restelo

De que serve essa Índia que nos leva os filhos em enganos?...

O velho, perde-se entre a multidão, ouvindo-se-lhe preguntar repetidas vezes, até que a sua voz se extingue: Vísteis o meu Crispim?... O Crispim de Alemquer?... O filho que vou perder?...

Luís de Camões como meditando.

Ó glória de mandar, ó vã cobiça
Desta vaidade a quem chamam Fama!
Ó fraudulento gôsto, que se atiça
C'uma aura popular, que honra se chama!
. . . . . .
¿Que promessas de reinos e de minas
De ouro, lhe farás tam fàcilmente?
Que famas lhe prometerás? Que histórias?
Que triunfos? Que palmas? Que vitórias?...

5.º EPISÓDIO

Uma mulher jovem, do povo, procura atravessar entre a multidão, com mostras de ansiedade, mas os soldados e marinheiros estorvam-lhe o caminho.

Moça

Deixai-me!... Deixai-me!... Preciso vê-lo!...

Soldado jovial.

Aqui me tendes!

Moça com tristeza.

Não. É a outro que procuro...

Luís de Camões de longe.

Que é?... Que é? Aproxima-se da mulher. Moça!... Vindes por mim?... Ah! que ditoso sou, pois ainda há um rosto lindo que vem adoçar-me a partida!

Moça

Não é a vós...

Luís de Camões

Que dizeis, cruel? Oh! Ninfas de Lisboa, que de todo me esquecesteis! Para a moça. Buscais o vosso noivo?...

Moça

Não. Busco o pai de meu filho!...

Luís de Camões carinhosamente.

Buscai-o azinha, moça, que a Índia vo-lo rouba!... Arredando os circunstantes. Amigos! Deixai-a procurar um amor que lhe foge! A moça, auxiliada por Luís de Camões, atravessa a multidão e some-se nela.

Fim da Cena I. Mutação.

CENA II

Saída solene do Mosteiro dos Jerónimos, onde tinham ido ouvir missa, como era prática naqueles tempos, o Capitão-mor Fernão Álvares Cabral, capitães e oficiais da armada que partia para a Índia, em Março de 1553.

Povo, marinheiros e soldados, assistindo à passagem do cortejo. Este desfila solenemente, precedido de tambores e charamelas.

A imponência dêstes cortejos que se formavam por ocasião da partida ou chegada das Armadas da Índia, especialmente quando nelas seguiam os Vice-Reis ou Governadores nomeados, avalia-se pela descrição de Gaspar Corrêa, contemporâneo dêsses acontecimentos, descrição que faz parte das suas *Lendas da Índia*, relativa à partida da armada de D. Francisco de Almeida, em 1505.

—«... e se foram à Ribeira a embarcar nos batéis, o Vice-rei com os Capitães a cavalo, e toda a gente a pé. O Vice-rei vestido com um tabardo frisado, e pelote de setim preto e barrete de duas voltas e uma cadeia de ombros muito delgada e uma mula guarnecida de veludo preto, franjada de fio de ouro; o Vice-rei, de meão corpo, honrada presença, um pouco calvo e de muita autoridade, adiante, e atrás oitenta homens de alabardas douradas com jaquetas de veludo preto e mangas de setim roxo, espadas douradas, calças de grã bigarradas, cortadas, sapatos brancos, barretes na mão, de setim roxo e penas brancas; postos em ordem, tanto

atrás como adiante, com seu capitão que ia antre, a cavalo, à estardiota, vestido em roupeta de veludo e setim roxo com uma cana e barrete na mão e detrás dêle, um pouco adiante do Vice-rei, seu filho em um cavalo branco à brida, com guarnimentos de brocado raso, chapeados com rosas e guornimentos de prata branca e grande testeira com trunfa de penachos. Levava êle um pelote francês de grandes mangas de brocado de pelo, forrado de setim encarnado, com muitos golpes tomados com rosas de ouro, esmaltades e um rico colar de ombros e uma cinta com bracamarte todo de ouro de esmalte e calças inteiras brancas forradas de brocado raso cortadas até ao joelho e sapatos franceses do teor e deitado sôbre o ombro esquerdo, por um tafetá azul, um chapeu de guedelha de sêda carmezim, com um penacho branco, com argenteira de ouro, pôsto em uma rica medalha; e êle sem barrete que tinha grandes crespolouros os cabelos, de mui formoso rosto e corpo; e diante dêle, vinte e quatro moços de esporas, de jibões franceses de setim branco e encarnado, com muitos cortes, calças brancas, forradas de setim encarnado cortadas, sapatos de veludo azul, espadas douradas nas mãos, e gorras de veludo azul, com penas brancas, deitadas sôbre as costas, com fitas encarnadas; e diante dos alabardeiros, atabales e trombetas. Os capitães e fidalgos, todos vestidos ricamente, com todas suas gentes assim vestidos e galantes de muitas librés, que o Vice-rei mandara aos Capitães que nos Paços estivesse toda a gente, para virem com êle, a se embarcar, e com êle toda a fidalguia da Corte...»

CENA III

Em viagem para a Índia, no convés da nau «S. Bento», sentados no chão, sôbre a caixaria da bagagem ou nos reparos da artelharia, marinheiros e soldados, em boa camaradagem, comem a sua frugal refeição, em gamelas de fôlha, à beira das quais se juntam grupos. Num dêsses grupos acha-se Luís de Camões.

Um soldado

Que saudades tenho de Óbidos!

Luís de Camões

Do Castelo?

Soldado com indignação.

Qual Castelo, nem qual raio! Que mil diabos comam todos os castelos e todas as armas de peleja, com a gana com que eu devoro esta má peste de carne salgada!...

Luís de Camões

Mas porque é todo êsse penar, lembrando-vos de Óbidos?...

Soldado

Que gostosos leitões eu lá comia, por esta temporada!...

Outro soldado

Buscai outro conversar, que não nos enfade. Se eu vos falasse no meu queijo de Borba, à vista desta côdea com um século de porão, também vos aprazia?

1.º Soldado

Antes uma perdiz no bucho, que uma brasa no coração...

Luís de Camões

Assim não vos aproveita o mantimento! Pensai que a bordo da nau «Santa Catarina», até houve de se comer o cabedal dos borzeguins. Para um soldado. Dai-me um pouco do vosso Caparica, para me animar, visto que o meu já se evaporou, como essência de dama.

Soldado dando-lhe o seu cantil.

Aqui tendes, mas sêde poupado que isto não é soalheiro da Betesga.

Luís de Camões depois de beber.

A quem o dizeis! Se fôsse o soalheiro da Betesga, ou qualquer outra ermidinha da minha antiga devoção, em lugar de vós, eu teria a par de mim uma moça lisboeta, à qual estaria fazendo trovas mais doces que o açúcar da Ilha da Madeira!

Soldado

E agora, não trovais?

Luís de Camões

Ah! amigos!... Se vós calculásseis o que trago entre mãos! Uma obra mais custosa que o vosso Castelo de Óbidos!

Outro soldado

Em verso?

Luís de Camões

Versos, com efeito, mas que desejava fazer de pedra rija, como são os muros do vosso antigo Castelo, para também, nunca mais se esquecerem!...

2.º Soldado

Sonhais. Isso é fraqueza...

Luís de Camões

Talvez. Ora ajudai-me com uma isca da vossa carne, para me fortificar, e logo vereis como as trovas me acodem jeitosas!...

Outro soldado

Na Índia, não poderíeis trocar isso das trovas, por cousa mais sólida?

2.º Soldado

Comida?

1.º Soldado

Porque não? Um patrício meu escreve sermões para o abade da freguesia, que lhe paga em bom centeio.

Luís de Camões

Pois com as trovas, nem cevada ainda consegui dos homens, nem um amor consegui das mulheres...

2.º Soldado

Não é isso que dizem...

Luís de Camões

E que dizem?

2.º Soldado

Que tendes sido mimoseado pelas moças, com menos salgados acepipes que estes de bordo.

Luís de Camões

Nanja os leitões e as borregas de Óbidos, que nunca provei!...

Fim da Cena III. Mutação.

CENA IV

Na tolda da nau «S. Bento», durante a mesma viagem. Tripulantes que passam; outros estacionam, conversando. Entre estes, acha-se Luís de Camões.

Um marinheiro em voz alta, para a gente amontoada no convés:

Deixai passar o senhor Capitão-Mor!...

A gente ergue-se, desviando-se respeitosamente, abrindo passagem ao Capitão-mor Fernão Álvares Cabral, acompanhado de alguns oficiais da nau «S. Bento».

Capitão-Mor dirigindo a palavra a Luís de Camões, junto do qual se detem com os que o acompanham.

Como perdêsteis essa vista?... Brigando?...

Luís de Camões

Certo, senhor, que brigando com os mouros de Ceuta, sob a capitania de D. Afonso de Noronha...

Capitão-Mor

Praza a Deus que experimentemos a vossa espada com os mouros de Calecut...

Luís de Camões

Ao serviço de Vossa Mercê...

Capitão-Mor

Mas dizem que sois fragueiro e brigão?

Luís de Camões

Um soldado de El-Rei, é levado a brigar com quem o afronte.

Capitão-Mor

E tendes fama de trovador e poeta. Dizem também, que as damas brigaram convosco...

Luís de Camões

E por desdita minha, me cegaram, tal como fizeram os mouros de Ceuta...

Capitão-Mor sorrindo-se.

Emendai-vos, para que elas vos não ceguem de todo... Caminha para ré, juntamente com os oficiais da nau.

Fim da Cena IV. Mutação.

CENA V

No quarto de alva, a nau «S. Bento», debaixo de rijo temporal, nas proximidades do Cabo da Boa Esperança. Negrume que por bombordo fecha o horizonte, a pequena distância da nau. Para o lado da proa, pende a vela grande, enfunada pelo vento muito rijo. Grandes balanços da nau, de pôpa à proa. De quando em quando, golpes de mar, galgam por cima da amurada de estibordo; o vento assobia no aparelho. Fulguram relâmpagos amiüdados; ribombam trovões. Ouve-se o marulhar das vagas, ao desfazer-se a rebentação da sua crista espumante. Vozes de comando, do Capitão da nau. O apito do mestre, chama a marinhagem para as manobras. Alam-se cabos. Vários tripulantes correm a um e outro ponto, a fim de executar essas manobras. Sente-se o violento sacudir de alguma vela que fôsse rasgada pelo vento impetuoso, e que a marinhagem tenta abafar.

1.º EPISÓDIO

Luís de Camões e um soldado, observam o mar embravecido, abrigados junto da amurada da nau.

Soldado

Grande cousa é o Mundo e pequena cousa é esta nau, senhor Luís Vaz!...

Luís de Camões

Queria-la tamanha como o Rossio?

Soldado

Não. Mas prazenteira como o Terreiro do Paço, em dia de justa de touros.

Luís de Camões

Estais a lembrar-vos de vossa mulher, com quem íeis à função?... Cousas impossíveis, é melhor esquecê-las que desejá-las.

2.º EPISÓDIO

Na tolda da nau, o Capitão-mor e alguns oficiais do navio, observam preocupadamente o tempo e perscrutam a cerração da tormenta.

Capitão-Mor

Senhor Piloto-mor!... Ainda se avistam os faróis de algumas naus da nossa conserva?

Piloto-Mor

Nenhuma, senhor... A cerração dos aguaceiros não deixa vê-las. Devem seguir ao mar de nós, menos de uma légua, pela alheta de bombordo.

Capitão-Mor

Julgais que avistemos o Cabo da Boa Esperança neste quarto de alva?

Piloto-Mor

Assim creio, senhor, pois a tormenta nos fará maior caminho que o dado pela carteação. Mas nada se pode garantir, com êste cariz de tempo que trazemos há dias.

3.º EPISÓDIO

Um marinheiro, corre desvairado para junto do Capitão-mor.

Marinheiro exclamando aflitivamente.

Senhor Capitão-mor! A nau alaga-se!...

Capitão-Mor com violência.

Cala-te, vilão!... O calafate aparece correndo para ré. O Capitão-mor, interpela-o: Senhor calafate! Que diz o porão.

Calafate

O trabalho das bombas e gamotes, não vence a água!...

Capitão-Mor

Quantas polegadas?

Calafate

Agora, trinta. Mas vai subindo...

Capitão-Mor

Rendei mais breve a gente das bombas, e tentai descobrir as vias de água, para as ir calafetando... Ide!... Ao mestre da nau, que está próximo. Senhor mestre! Mandai com presteza passar boas arrotaduras ao costado da nau!... E sem alarido, ouvis?...

O mestre afasta-se, correndo. Ouvem-se os seus apitos para a faina. Alguns homens da marinhagem seguem rápidos, a executá-la.

4.º EPISÓDIO

Luís de Camões para um soldado que está junto dêle.

Que vos parece? Há água demais cá dentro, e lá fora também sobeja, como vemos...

Soldado

Bem dizia a minha Dionísia, que o mar é às vezes mais bruto de que eu!... Que faria se ela visse aquela montanha de água que ali vem, parece a Serra de Sintra!...

Luís de Camões

Amigo. Vamos desenferrujar os braços, virando à bomba, pois ao menos castigamos o malvado, emquanto êle nos não engole...

Soldado

Esperai um pouco. Gozemos esta vista. Pausa. Olhai o tição negro que se aproxima... Indica. E' a carranca do próprio Satanaz!... E cresce para nós!... Atemorizado. Senhor Luís Vaz!... Senhor Luís Vaz!... Não tendes mêdo?...

Luís de Camões com serenidade.

Deixai-me observar essa estranha aparição...

Transição para a Cena VI.

CENA VI

Avoluma-se o negrume que fecha o horizonte, por bombordo da nau. Recrudesce a tormenta, com o fuzilar de relâmpagos e o ribombar dos trovões. Luís de Camões, conserva-se sòzinho, junto

da amurada, observando o mar. Mal definida, negrejante, aparece e amplia-se, a pequena distância da nau, a enorme, temerosa e vaga figura, simbolizada no episódio do Adamastor, dos *Lusíadas*.

Vozes de tripulantes, amedrontados com a aparição.

Misericórdia! Misericórdia!

Luís de Camões como em alucinação.

Que ameaço divino ou que segrêdo
Êste clima e êste mar nos apresenta
Que mor cousa parece que tormenta?...

Uma voz formidável

Ó gente ousada mais que quantas
No mundo cometeram grandes cousas!...
Sabe que, quantas naus esta viajem
Que tu fazes, fizerem, de atrevidas,
Inimiga terão esta paragem
Com ventos e tormentas desmedidas!...

Luís de Camões com intimativa.

Quem és tu?...

A voz do Adamastor

Eu sou aquele oculto e grande Cabo
A quem chamais vós outros Tormentório...

Fuzila um raio deslumbrante, logo seguido pelo ribombar formidável do trovão. Dissipa-se a aparição fantástica do Adamas-

for. A tempestade desencadeia-se mais tremenda e a visão do conjunto perde-se gradualmente em negrume espesso.

Fim da Cena VI e da 6.ª Jornada. Mutação.

TRECHO DOS «LUSÍADAS», A QUE ALUDE ESTA CENA

... uma noite, estando descuidados
Na cortadora proa vigiando
Uma nuvem que os ares escurece
Sobre nossas cabeças aparece.

Tam temerosa vinha e carregada
Que pôs nos corações um grande mêdo;
Bramindo, o negro mar de longe brada
Como se desse em vão nalgum rochedo.
Ó Potestade, disse, sublimada:
¿Que ameaço divino ou que segrêdo
Este clima e êste mar nos apresenta,
Que mor cousa parece que tormenta?

Não acabava, quando uma figura
Se nos mostra no ar, robusta e válida,
De disforme e grandíssima estatura;
O rosto carregado, a barba esqualida,
Os olhos encovadas, e a postura
Medonha e má e a côr terrena e pálida;
Cheios de terra e crespos os cabelos,
A bôca negra e os dentes amarelos.

Tam grande era de membros que bem posso
Certificar-te que êste era o segundo
De Rodes estranhíssimo colosso
Que um dos sete milagres foi do mundo,
C'um tom de voz nos fala horrendo e grosso,
Que parece sair do mar profundo.
Arripiam-se as carnes e o cabelo,
A mim e a todos, só de ouvi-lo e vê-lo!

E disse: Ó gente ousada mais que quantas
No mundo cometeram grandes cousas,
Tu, que por guerras cruas, tais e tantas,
E por trabalhos vãos, nunca repousas,
Pois os vedados terminos quebrantas
E navegar meus longos mares ousas,
Que eu tanto tempo ha já que guardo e tenho,
Nunca arados de estranho ou próprio lenho.

. . . . . .

Sabe que quantas naus esta viagem
Que tu fazes, fizerem, de atrevidas,
Inimiga terão esta paragem,
Com ventos e tormentas desmedidas!
E da primeira armada que passagem
Fizer por estas ondas insofridas,
Eu farei de improviso tal castigo
Que seja mor o dano que o perigo!

. . . . . .

Lhe disse eu: Quem és tu? Que êsse estupendo
Corpo, certo me tem maravilhado!
A bôca e os olhos negros retorcendo
E dando um espantoso e grande brado,
Me respondeu, com voz pesada e amara,
Como quem da pregunta se pesara:

Eu sou aquele oculto e grande Cabo
A quem chamais vós outros Tormentario,
Que nunca a Ptolomeu, Pompónio e Estrabo,
Plínio e quantos passaram fui notório.
Aqui toda a Africana costa acabo
Neste meu nunca visto Promontório,
Que para o Polo Antártico se estende
A quem vossa ousadia tanto ofende!

. . . . . .

7.ª Jornada — Na Índia

CENA I

Um mercado em Goa. Gente portuguesa de várias categorias. Homens e mulheres orientais. Vendedores ambulantes, percorrendo o arruamento onde se encontram as instalações do mercado ou Bazar. Multidão de compradores seguem ao longo das barracas, examinando ou adquirindo os variados e exóticos artigos expostos à venda.

1.º EPISÓDIO

Luís de Camões, conversando com dois amigos e companheiros de trabalhos, na Índia.

1.º Amigo

Repousaremos agora das nossas fainas sôbre o mar?

Luís de Camões

Pois não sabeis? Voltamos a embarcar para uma expedição de socorro ao Rei de Cochim, e depois iremos, por ventura, fazer um cruzeiro na Costa da Arábia, embaraçando a navegação moura do Mar Roxo. E' o que me disse Heitor da Silveira.

2.º Amigo

Outra vez para o mar! Ao menos em Goa, o chão não vacila, como a bordo, e um homem é livre de beber alguma cousa sem ser água salgada...

1.º Amigo

Aí está a consolação de um ôdre!

2.º Amigo

E a vossa qual é, sempre a gemer saudades?

Luís de Camões

As minhas, dei-as ao esquecimento.

2.º Amigo

E não bebeis?

Luís de Camões

Se bebo, é para mais as esquecer. Pausa. Mas que há nesta terra de danados, que se possa lembrar, ou que se possa beber?

1.º Amigo

Procurando bem, ainda se encontra algum sumo do nosso Seixal...

Luís de Camões

Já feito mouro ou tornado a baptizar pelos dispenseiros das naus.

2.º Amigo

Amigos! Não cuidemos da qualidade, mas da quantidade que não será tanta como havemos mister.

Luís de Camões indicando uma vendedeira moura.

Atentai naquela galanteria de Maomet... Ainda valeria a pena comprar-lhe a mercadoria, e vender a alma ao demo!...

1.º Amigo

Sois mais esperdiçado no amor que o Brás Quebrado!...

Luís de Camões

Com que fruto?

1.º Amigo

Os frutos não se colhem com trovas que o vento leva, mas deitando-lhes a mão... Tomai nota, e o conselho não vos custa uma mealha...

Luís de Camões

Onde aprendêsteis essas ideas ferrugentas?

1.º Amigo

Com uma moça mais atilada do que eu, e que de ferrugenta não tinha nada. Estava quási nova...

2.º Amigo

Ali vem Manuel Serrão, questionando com um soldado.

2.º EPISÓDIO

Aproxima-se do grupo, Manuel Serrão, em irritada contenda com um soldado.

Luís de Camões intervindo e para Manuel Serrão.

Em que porfiais tam assomado?

Manuel Serrão indicando o soldado que o acompanhava.

É esta cara de funil que me chamou mexeriqueiro, e eu não lho consinto!...

Soldado com energia.

Nem eu, que me deis nomes chocarreiros!

Manuel Serrão para o soldado.

Retirai já o que dissésteis!...

Soldado

E vós retirai o chamamento injurioso! Eu repeti o que me haviam dito, e já sabeis aonde... Retirai as vossas más palavras!

Manuel Serrão

Já vos digo como as retiro!... Pretende lançar-se contra o soldado, que o defronta resolutamente, mas são ambos contidos pelos assistentes.

Soldado a Manuel Serrão.

Não vos temo!

Manuel Serrão

Nem eu!

Luís de Camões intervindo com energia.

Escutai! Basta de porfiar e vamos a razões. A Manuel Serrão. Qual é o vosso agravo?

Manuel Serrão

Dizer-me feito com mexericos!

Luís de Camões ao soldado.

Vós que alegais sôbre isto?

Soldado

Referi-lhe quem o dissera, a fim de o precaver. Disso nada mais sei.

Luís de Camões ao soldado.

E vós, de que vos agravais com Manuel Serrão?

Soldado

Sem mais tento, chamou-me nomes mofinos!...

Luís de Camões

Só isso? Silêncio dos dois. Pois retratem-se ambos, da língua muito sôlta que tiveram, e como homens de boas contas, que não viram as costas aos acontecimentos, ficam amigos e abracem-se já! Hesitação de ambos. Sentenciei? Quer-se dito e feito!... Impele um para o outro, a fim de se abraçarem. Êles abraçam-se.

1.º Amigo

Sentença do «Trinca-fortes», não tem delongas.

2.º Amigo

Agora, que já estamos todos de acôrdo, não discordemos em saborar uma copa de Seixal...

Luís de Camões ao 2.º amigo.

És um Golias, para beber!

Afastam-se, em grupo.

Fim da Cena I. Mutação.

CENA II

Em 1554, a bordo de uma nau da armada portuguesa que anda no cruzeiro da Costa da Arábia, sob a capitania-mor de Manuel de Vasconcelos. No convés, junto da amurada, um grupo de soldados e marinheiros conversando.

1.º EPISÓDIO

Um marinheiro

Maldito cruzeiro!

Luís de Camões

E virmos nós de Portugal, a passar trabalhos, para andarmos a apodrecer aqui, à vista dêste sêco, duro e estéril monte, em que acaba a Etiópia e nos acabará a nós!...

Um soldado

Êste calor que sufoca, parece vir do próprio inferno!

Luís de Camões como meditando.

Terra inútil, despida e informe
Onde nem ave voa, ou fera dorme!

Outro soldado para um grumete.

Quem inventou o mar, ó grumete?...

Grumete

Foi minha tia.

Luís de Camões

Acaso vossa tia foi mãi de Neptuno?

Grumete

Não senhor. Foi mãi de um birbante que me fez embarcar para eu ter juízo.

Marinheiro

Afinal, não ganhásteis juízo, nem pimenta, nem mulher cristã ou moura...

Grumete

Ainda que fôsse moura, eu já não dizia nada. Se calhar elas são cristãs por dentro, assim como temos lá em Portugal, algumas cristãs muito judias no âmago!...

Luís de Camões

Calai-vos que me lembrais toda a judiaria das moças de Lisboa...

2.º EPISÓDIO

Uma voz gritando.

Duas naus mouras, pela amura de bombordo!...

Soldados e marinheiros, aparecem na tolda, a observar os navios que se avistam. O capitão da nau, no chapiteu da pôpa. junto do pilôto e de alguns oficiais do navio, analisa o horizonte, Depois ordena:

O Capitão

O condestável que vá preparando a artelharia! Os soldados, a postos!... Gente armada, para as gáveas! Senhor mestre! Marcie-se o pano de jeito a podermos aproar ao navio que está mais próximo, e façamos fôrça de vela, porque se não tiverem cartaz do senhor Governador, iremos apresá-los!...

Ouvem-se os apitos do mestre, o rufar de tambores e o clangor das trombetas, tocando a reünir. A tripulação agita-se, a executar os serviços indicados. Luís de Camões e os companheiros, separam-se, a ocupar os seus postos.

Luís de Camões a um soldado.

Camarada! Iremos, desta feita, desenferrujar as espadas?

Soldado

Mostrareis ser o «Trinca-fortes», e eu, ao jantar, vos mostrarei como se trinca o nosso biscoito de Vale de Zebro, feito de chifre.

Luís de Camões abstrato.

No mar, tanta tormenta e tanto dano
Tantas vezes a morte apercebida;
Na terra, tanta guerra, tanto engano,

Tanta necessidade aborrecida!...
¿Onde pode acolher-se um fraco humano
Onde terá segura a curta vida,
Que não se arme e se não indigne o Céu sereno
Contra um bicho da terra tam pequeno?...

3.º EPISÓDIO

A nau portuguesa vai combatendo a nau moura, com os tiros das bombardas que guarnecem esfibordo, indo-se aproximando da nau inimiga. Activa faina dos bombardeiros, servindo as peças. O condestável percorre a bateria, para dirigir o serviço. Os soldados e marinheiros que se não empregam nos trabalhos da navegação, armam-se de espadas, chuços ou espingardas, aguardando o momento da abordagem. O capitão dirige os preparativos para esta, e achando-se próxima a nau inimiga, ordena que se lhe façam tiros de mosquetaria. Ouve-se cada vez mais intenso, o disparo da artelharia dos mouros, cujos projécteis atingem por vezes, a nau portuguesa. Aumenta o fragor da peleja e a gritaria dos combatentes. Atingido pelos projécteis inimigos, rasga-se o velame nalguns pontos e dão-se avarias no aparelho da nau portuguesa. Tombam alguns feridos que são retirados para a coberta. O capitão manda preparar para a abordagem e dá ordem aos homens do leme para fazerem rumo a encostar à nau moura. Súbito, prolongam-se os dois navios, um com outro. Cessa o trabalho da artelharia. Trava-se luta, corpo a corpo, entre a gente das duas naus. Dos cestos de gávea, fazem-se tiros de mosquetaria, lançam-se frechas, pedras e panelas de pólvora. O inimigo fraqueja. A gente da nau portuguesa toma de assalto a nau moura.

Fim da Cena II. Mutação.

CENA III

Salão em Goa, onde se realiza, no ano de 1555, um banquete solenizando a nomeação do Governador Francisco Barreto. Luís de Camões, conta cêrca de 31 anos de idade.

O recinto engalanado com festões de verdura, flores e colgaduras orientais. Vasta mesa, ricamente guarnecida, em tôrno da qual se sentam fidalgos, cavaleiros e damas. Luís de Camões ocupa um lugar, junto de dois personagens ostentosos, e nas proximidades de algumas vélhas damas.

1.º EPISÓDIO

Um comensal para outro, que está a seu lado.

Neste banquete, festejando a nomeação do novo Governador da Índia, senhor Francisco Barreto, se reüniram na verdade, os representantes da melhor nobreza de Portugal.

Outro comensal

Ainda moço, Francisco Barreto sobe a Governador, após D. Pedro de Mascarenhas que tinha mais de 70 anos...

Um Fidalgo

Que idade terá Sua Mercê, o senhor Francisco Barreto?

1.º Comensal

Menos de 40 anos, por certo.

2.º Comensal

Aos 30, foi meu nobre pai Capitão-mor.

Fidalgo

Onde?

2.º Comensal

Não vos posso dizer, ao certo.

Luís de Camões

Permiti, senhor, que vos lembre, pois mui bem o conheci. Foi Capitão-mor de umas galés que largaram vazias para cruzeiro na Costa, e voltaram ricas de fazenda moura que o vosso nobre pai baptizou como cristã e sua. Sensação nos ouvintes.

2.º Comensal despeitado.

Vós não sabeis disso!

Luís de Camões

Sabem-no quantos andaram nesse cruzeiro, como eu, que continuo pobre, por não me dedicar àqueles baptismos...

Heitor da Silveira conciliador.

Senhor Luís de Camões. Estais perdendo a ocasião de saborear essa empada. Já não sois tam saboreador como noutro tempo.

Luís de Camões

E' que outrora, quando me conhecêsteis mais guloso, ainda me não tinham corrompido o paladar, com estes fumos da Índia...

2.º EPISÓDIO

Noutra situação da mesa, uma dama idosa, para um comensal que está a seu lado, e indicando Luís de Camões, com o olhar.

Dama

Aquele, é o assaz falado Luís de Camões, que na Côrte ergueu as vistas para altas damas?

O Comensal com desdem.

E' aquele escudeiro, senhora.

Dama

Escudeiro, soldado apenas? Mas bom trovador?

O Comensal

Não sei, senhora minha. Disso não entendo. Sei apenas, que é um brigão e um aventureiro.

Dama

Nessas aventuras perdeu uma vista?

O Comensal

Algum rival que se desagravou.

3.º EPISÓDIO

Um comensal, para outro, muito nutrido, que lhe está próximo.

1.º Comensal

Têm-me desagradado as iguarias. E vós, que dizeis?

2.º Comensal comendo sôfregamente.

Por emquanto, nada vos digo. Falarei depois. Sòmente julgo as comidas assaz ligeiras, para banquete de circunstância.

1.º Comensal

Insípido êste fricandó, não vos parece?...

2.º Comensal

Logo, logo vos falarei... Prossegue comendo com avidez.

1.º Comensal

Tendes bom apetite, louvado seja Deus!...

2.º Comensal

Talvez, se nos servirem cousa que se veja... Por agora, não vos digo nada...

4.º EPISÓDIO

Heitor da Silveira a Luís de Camões.

Amanhã ouviremos a vossa comédia *Filodemo*, que composésteis para estes festejos. Estais satisfeito com os vossos figurantes?

Luís de Camões

Decerto. Mas Luís Correia, que faz a parte de moço Vilardo, está doente.

Heitor da Silveira

E tendes muito avançado o livro onde reünis as vossas trovas? *O Parnaso* lhe chamais... Pois não?

Luís de Camões

Será *O Parnaso* meu, para que não venha a dizer-se que de outrem furtei essas pobres trovas. Vós, é que sois um inspirado trovador, senhor Heitor da Silveira!...

Uma dama a Luís de Camões.

E são de amor, as vossas trovas, segundo creio?

Luís de Camões

De desprazer quási todas e, portanto, de amor.

Dama

Se muito vos dedicais a amavios, como oiço dizer, porque dirão também serdes homem de pendenças e destempêros?

Luís de Camões

Por isso mesmo, e pena é que vós, nobre dama, o não tivésseis experimentado. Recita.

Não pode quem quer, muito ser culpado
Em nenhum êrro, quando vem a ser
Este amor, em doudice transformado.

Amor não será amor, se não vier
Com doudices, deshonras, dissenções,
Pazes, guerras, prazer e desprazer.

Um comensal com altivez.

Falai antes de cavalaria e nobreza, que a assemblea é de gente de escol!...

Luís de Camões agressivo.

Gente de escol? Mas apurai-a bem, descontando aqueles que andam sempre metidos no gôsto da cobiça; descontai outros, que cujdam ser prudente taxar com mão rapace os trabalhos alheios que não sofrem; rejeitai muitos, que só usam do seu poder, para servir o seu desejo; não contai ainda com os

varões esforçados, que vingam com as línguas, o que não podem com o braço!... Vereis, depois, em que fica essa escol, numa terra que é mãi de vilões e madrasta de homens honrados!...

O comensal

" Não vos ouço mais! Ergue-se arrebatadamente e sai. Surprêsa da assistência.

Luís de Camões irónico.

Bem fazeis em vos separar da escol!

Fim da Cena III. Mutação.

CENA IV

Num salão, em Goa, na noite de representação da comédia *Filodemo*, de Luís de Camões, nas festas solenisando a nomeação do Governador Francisco Barreto. Ao fundo, está armado um palco, cerrado por cortinados ricos. Assistentes em grande número, homens e damas, preenchem o salão, travando animada conversa. Em estrado, disposto a um dos lados, sentam-se o Governador Francisco Barreto, e outros fidalgos do seu séquito.

1.º EPISÓDIO

Uma dama chamando a Luís de Camões.

Senhor Luís de Camões! Vinde explicar-nos uma circunstância do enrêdo...

Outras damas acenando-lhe.

Chegai aqui, senhor poeta!...
Ouvi! Temos que dizer-vos...

Luís de Camões aproximando-se de um grupo, donde era interpelado.

Mandai, senhoras minhas...

Uma dama

Quando poderemos ouvir as vossas comédias *El-Rei Seleuco* e *Anfitrião*?... Fazei-as representar, sim?...

Uma dama idosa

Não composésteis uma colecção de trovas, a que chamais *Parnaso*? São trovas de amor?

Luís de Camões com gentileza.

Certo que são... E de muito amor.

Dama idosa interessada.

Muito?... Deixai-mas ler, sim?... Não será perigoso que as leia uma dama respeitável?...

2.º EPISÓDIO

Um pajem dirigindo-se de longe, a Luís de Camões.

Senhor Luís de Camões! Preciso falar-vos já!... Luís de Camões vai ao seu encontro. Luís Correia, que

mesmo doente, veio fazer o papel de Vilardo, sentiu-se muito pior, com grandes quenturas, e houveram de o conduzir a casa. Que fazer? Lá dentro, todos ficaram transtornados.

Luís de Camões

Que fazer, preguntas? Isso já se acomoda. Vou eu figurar de Vilardo!...

Pajem

Ainda bem. Vinde sem detença, para darmos começo ao 4.º acto...

Encaminha-se para o fundo.

3.º EPISÓDIO

Uma voz

Senhor Luís de Camões, Sua Mercê, o Governador Francisco Barreto, vos chama! Luís de Camões dirige-se ao Governador.

O Governador

Senhor Luís de Camões! O que há?

Luís de Camões

Luís Correia, que figurava de Vilardo, já muito doente, piorou, e foi levado para casa.

Governador

E continua a representação?

Luís de Camões

Farei de Vilardo, em sua vez.

Governador

Eu vos felicito. Tal como o nosso famoso Gil Vicente, ides figurar na vossa própria comédia. Assim multiplicareis o vosso engenho, que já me tinham louvado. Agora o verifico nesta comédia *O Filodemo*. Também vos agradeço a lembrança da representação, para fazer parte dos festins que me destinam pela nomeação de Governador.

Luís de Camões

Graças me fazeis com o vosso louvor e, se me permitis, daremos começo, já, ao quarto acto da comédia.

Governador

Pois sim. Luís de Camões afasta-se e desaparece ao fundo.

4.º EPISÓDIO

Uma voz

O poeta João Lopes Leitão vai dizer um soneto dedicado a Luís de Camões, autor da comédia.

Algumas vozes pedem silêncio, que se estabelece pouco depois.

No pavimento do tablado, são dadas algumas fortes pancadas, prevenindo o comêço da representação. Descerram-se as cortinas do proscénio e aparece João Lopes Leitão, que recita:

João Lopes Leitão

Quem é êste, que na harpa lusitana
Abate as Musas gregas e as latinas?
E faz que ao Mundo esqueçam as plantinas
Graças, com graça e alegre lira ufana?

Luís de Camões é, que a soberana
Potência lhe influiu partes divinas,
Por quem expiram as flores e as boninas
Da Homérica Musa e Montuana.

Se tu, triunfante Roma, êste alcançáras
No teu teatro e cena luminosa
Nunca do grão Terêncio te admiráras.

Mas antes, sem contraste, curiosa
Estátua de ouro ali lhe levantáras,
Contente de ventura tam ditosa.

A assistência aplaude João Lopes Leitão e chama por Luís de Camões.

João Lopes Leitão falando para os assistentes.

Luís de Camões não pode comparecer, porque se está preparando para figurar no papel de Vilardo, por doença de Luís Correia.

Cerram-se os cortinados. Murmúrio de conversa entre os espectadores.

5.º EPISÓDIO

Um pajem figurante da comédia, aparecendo fora dos cortinados.

Vai começar o 4.º acto da comédia *O Filodemo!*

Retira-se para detrás dos cortinados. Soam algumas pancadas no tablado. Abrem-se os cortinados. A cena representa uma sala, onde estão Dionísia e Solina, personagens da comédia.

I CENA DA COMÉDIA

Dionísia

O' Solina, minha amiga
Que todo êste coração
Tenho pôsto em vossa mão;
Amor me manda que diga,
Vergonha me diz que não.
Que farei?
Como me descobrirei?
Porque a tamanho tormento
Mais remédio lhe não sei.

Solina

Senhora, em tanto desgôsto
Não posso meter a mão;
Mas como diz o rifão

Mais vale vergonha no rosto
Que mágoa no coração.

Dionísia

Ah! mana, que tenho mêdo
Que s'eu em tal consentisse
Que logo o mundo o sentisse,
Porque nunca houve segrêdo
Que, emfim, se não descobrisse.
Sabeis que tenho em vontade?

Solina

Que podeis, senhora, ter?

Dionísia

Falar-lhe, só para ver
Se é por ventura verdade
O que dizeis que me quer.

Solina

Bofé! mana, dizeis bem,
E eu o mandarei chamar
Como para lhe rogar
Que um anel que lá tem
Que mo mande consertar.

Dionísia

Dizeis mui bem.

Solina

Vou-me lá
Chamar o seu moço à sala;
E s'êste parvo vem cá,
Com êle um pouco rirá,
Que sempre amores me fala.

Chamando. Vilardo, moço!...

II CENA DA COMÉDIA

Entra Luís de Camões, desempenhando o papel de Vilardo.

Vilardo

Quem chama?

Os espectadores interrompem a representação, aplaudindo Luís de Camões, que agradece, com discretas vénias.

Acabados os aplausos, fala Solina.

Solina

Vem cá moço. Eu te chamo.
Qu'é de teu amo?

Vilardo

Ah! Que dama!
Preguntais-me por meu amo
E não por um que vos ama?

Solina

E quem é êsse amador
Que quer ter comigo passo?
Será êle algum madraço?

Vilardo

Eu sou o mesmo que o amor
Me quebra pelo espinhaço.
E mais para namorado
Não sou ora tam madraço.

Solina

Sois muito desmazelado.

Vilardo

Mas antes, de delicado,
Caio pedaço a pedaço.

Solina

Ora estou aviada!

Vilardo

Cupido, por vida tua,
Que não a faças tam crua!
Pois que te não faço nada!...
. . . . . .

Solina

Já fazes coplasinhas?
Ainda tu trovarás?

Vilardo

Quem? Eu? Por estas barbinhas,
Que se vós virdes as minhas
Que digais que não são más.

Solina

Ora, pois me quereis bem,
Dizei-me uma.

Vilardo

Ei-la aqui,
E veja que saibo tem. Recita:

Passarinhos que voais
Nesta manhã tam serena
Sabei que só minha pena
Pode encher mil cabeçais.

Solina

Essa pena te dou eu?

Vilardo

Vós e Amor, que de malvado
Me tem melhor empenado. Pausa.
Pois se me ouvireis cantar!

Solina

E tu és também cantor?

Vilardo

Canto melhor que um açor.
Quereis que vos venha dar
Musiqueta de primor,
E que vos mande tanger
Muito melhor que ninguém?

Solina

Já isso quisera ver.

Vilardo

Querer-me-eis, se o eu fizer
Algum pedaço de bem?

Solina

Querer-te-ei trinta pedaços.

Vilardo

E êsse querer dará fruto
Que me tire dêstes laços?

Solina

E que fruto?

Vilardo

Dois abraços.

Solina

Esse fruto custa muito.

Vilardo

Esse é o amor qu'em vós há?
Pesar de minha mãi torta!

Solina

Ora aí, chamai logo lá
Vosso amo que venha cá
Porque é cousa que importa.

Vilardo

Logo?

Solina

Logo nessas horas.

Vilardo

Não estareis aqui mais?

Solina

Não. Pausa. Ainda aí estais?
Vós haveis mister esporas.

Vilardo

Irei, por que me mandais. Sai.

Ovação dos espectadores. Chamadas a Luís de Camões, que volta à cena, para agradecer. As damas, aplaudem-no com frenesim.

Fim da Cena IV. Mutação.

CENA V

Na noite de 23 de Junho de 1555, véspera do dia de S. João. Uma praça, na cidade de Goa, por ocasião dos festejos solenizando a nomeação de Francisco Barreto, para Governador da Índia.

Iluminação com lanternas e balões, segundo os costumes orientais. Arcos e festões de verdura. De quando em quando, lançam-se foguetes e disparam-se morteiros de regosijo.

Multidão de portugueses e indianos, perpassa em alegres descantes. Mulheres de Goa, acompanhando soldados e marinheiros. Alguns grupos de fidalgos, cavaleiros e outros portugueses de categoria, disfrutam os folguedos populares.

1.º EPISÓDIO

Martim Afonso de Miranda estacionando a conversar com outro fidalgo.

Tanto folgar com a nomeação de Francisco Barreto para Governador da Índia, oxalá não venha a amargar-se no seguimento da sua governança.

Fidalgo

E' homem arrogante, amigo de mandar, mais do que lhe cabe, e quem governa, antes precisa ser compassivo, ter mão larga e bôca prudente, o que Francisco Barreto nunca teve nem terá.

Martim Afonso de Miranda

Lembrai-vos, quando em Pondá, sendo capitão de companhia como eu, me mandou avisar por um pajem, para ir vigiar o quarto de rolda?

Fidalgo

E vós, vos deitásteis na cama, dizendo que se outra vez tornasse alguém com recado, não vos acordassem...

Martim Afonso de Miranda

E' certo. A Índia na mão de Francisco Barreto nos fará prantear o Vice-Rei D. Pedro de Mascarenhas, homem bem avisado e de inteira justiça.

Fidalgo

Ora não façamos profecias, e vamos festejar como toda a gente, o novo Governador! Toma pelo braço Martim Afonso de Miranda, e desaparecem ambos entre a multidão.

2.º EPISÓDIO

Luís de Camões, em companhia dos seus amigos, João Toscano, Calisto de Sequeira e Manuel Serrão, vêm passar os transeuntes.

Luís de Camões

Estes folguedos ao novo Governador Francisco Barreto, em vésperas de S. João, fazem-me tristeza.

João Toscano

Lembrai-vos do S. João da nossa terra?

Luís de Camões

Certo que me lembro. Quando se tomava nos braços uma mocinha dengosa, para a fazer rodopiar num bailete campezino... Furtar-lhe um beijo... Ouvir-lhe uma graça... Suportar-lhe até, um arremêsso... E agora...

Calisto de Sequeira

Agora, tendes essas damas de Goa, mais sorvadas que pêras pardas.

Luís de Camões

Carne fumada, que nenhum amor dá de si.

João Toscano

Oh! Luís!... Quanto daríeis por voltardes a uma noite de S. João, em Coimbra, onde fizésteis as primeiras trovas?

Luís de Camões

Coímbra da minha juventude!

Manuel Serrão

Das mimosas tricanas!

Luís de Camões

Sabei que lá conheci uma tam linda, Rosinha de nome, e Rosinha era, que só me apetecia admirá-la, como uma santa num altar!...

João Toscano

Vós, tanta devoção com uma moça!

Luís de Camões

Oh! amigo! Toda a vida hei-de levar a fazer-lhes votos e penitências!

Manuel Serrão indicando uma preta que vai passando,

Mesmo àquela?

Luís de Camões

A preta? Uma escrava, terá mais sabor para quem anda sempre cativo...

Manuel Serrão

Com efeito, é a Bárbara escrava...

Luís de Camões

Bárbara, aquela pretidão de amor? Conhecei-la?

Manuel Serrão

Mora junto da minha pousada.

Luís de Camões

Vamos falar-lhe.

João Toscano

Melhor é, irmos folgar num descante.

Luís de Camões

Sigamos no encalço da Bárbara escrava...

Calisto de Sequeira

Ou vamos beber uma copa dessa *urraca*, com que na Índia se faz negaças ao nosso Caparica ou ao nosso Têrmo.

Luís de Camões

Primeiro, à Bárbara, que me despertou a curiosidade, tanto negrume em terra de escravidão!...

Canta:

Aquela cativa
Que me tem cativo
Porque nela vivo
Já não quer que viva.

Pretidão de amor
Tam doce a figura
Que a neve lhe jura
Que trocara a côr.

Leda mansidão
Que o riso acompanha
Bem parece estranha
Mas bárbara, não.

Esta é a cativa
Que me tem cativo,
E pois nela vivo
E' fôrça que viva.

Fim da Cena VI. Mutação.

CENA VII

Uma praça, na cidade de Goa, em festa, como na Cena V.

1.º EPISÓDIO

Luís de Camões em companhia de Manuel Serrão, e de outros amigos.

Estes festejos são pretexto para bebedices e provocações de néscios. Não me apraz esta desordem, donde sempre me vem mal, pois não sofro que me ladrem atrevimentos.

Manuel Serrão

E nesta terra, os maliciosos fazem a justiça de teias de aranha, e chamam a El-Rei, compadre.

Soldado que também acompanha Luís de Camões, indicando um grupo de embriagados.

Reparai como aqueles já não se entendem.

Luís de Camões

Mas entendo-os eu, que para andarem assim doudejando, hão-de roubar a mouros, o que desperdiçam como cristãos pecadores, que nem na Barca do Inferno, hão-de caber.

Manuel Serrão

Esta terra maldita, está merecendo o castigo de Deus!

2.º EPISÓDIO

Sente-se o badalar dos sinos, chamando por socorro. Suspendem-se os descantes. Um clarão se ergue do lado da Ribeira de Goa, aumentando ràpidamente de intensidade.

Vozes em grita.

Fogo! Fogo na Ribeira das naus!

A multidão corre para o local do incêndio.

Luís de Camões a Manuel Serrão.

Pedisteis um castigo de Deus? Aí tendes o fogo do inferno! Pausa. Já combati com os rufiões da Mouraria, com os mexeriqueiros da Côrte, com a malícia das moças, com os mouros de Ceuta, com a tempestade do Cabo da Boa Esperança, com os turcos do Mar Roxo, com os valentões de Goa... Falta-me lutar com o fogo de Satanás... Vinde, amigos, que a obra também é para soldados!...

Os companheiros

Vamos! Vamos depressa! Caminham apressadamente, para o lado em que se ateia o incêndio, cujas labaredas já se descobrem.

Um marinheiro de entre a multidão.

Lá se queima o nosso rico galeão *S. Mateus!*...

Outro marinheiro

Estão lá 6 galeões, 4 caravelas e duas formosas galés!... Tudo é consumido!...

Fim da Cena VII. Mutação.

CENA VIII

Sala do despacho, do Governador da Índia, Francisco Barreto, em Goa, no ano de 1556.

O Governador está sentado à sua mesa de escrita. Junto dêle acham-se dois fidalgos, também sentados.

1.º EPISÓDIO

Governador

Despachá-lo-ei para bem longe.

1.º Fidalgo

Que seja para o fim do mundo, onde não vos inquiete.

2.º Fidalgo

Como sabeis, já não o poderam tolerar na Côrte, apesar de ser sobrinho de D. Bento de Camões. Com o seu veso de trovar, influía nas damas, para seu desprimor, e aqui, reservadamente poderemos dizer, que até consta haver requestado a senhora Infanta D. Maria.

1.º Fidalgo

Por essas e outras façanhas, desterraram-no para fora da Côrte, e mais tarde, para África. Depois, para a Índia, por nossos pecados.

2.º Fidalgo

Aqui, em vez de fazer jus ao perdão e esquecimento de seus erros, agrava a gente honrada. Ultimamente, com a mui atrevida sátira do Torneio, que fez divulgar, injuriou as mais nobres pessoas que se encontram em Goa.

Governador

Tenho pena. E' moço valoroso, e de tais homens necessita a Índia, necessita El-Rei. Quando sucedeu o fogo na Ribeira, com tal denôdo o vi proceder, sobressaíndo aos demais, que ali mesmo o galardoei... E é bom poeta.

1.º Fidalgo

Será tanto como julgais? Depois de Sá de Miranda, acabaram-se os nossos poetas, segundo creio.

Governador

E' bom poeta, ficai certo. E não me surpreenderá, que venha a produzir uma obra famosa. Todavia é confiado, é agressivo, e terei que o afastar. Irá para a nossa ocupação em Macau.

1.º Fidalgo

Também penso que seja o melhor. Ambos os fidalgos se levantam.

2.º Fidalgo

Assim nos tranquilisais, senhor Francisco Barreto.

Governador

Tenho-o resolvido! Os fidalgos cortejam o Governador, e saem.

2.º EPISÓDIO

O Governador Francisco Barreto faz soar um tam-tam, para chamar um pajem que acode a êsse chamamento.

Governador ao pajem.

Dizei que entre, o soldado Luís de Camões.

O pajem sai. Pouco depois, assoma à porta, Luís de Camões.

Governador

Entrai. Luís de Camões aproxima-se. Despachei-vos para a ocupação portuguesa, em Macau. Partireis sem falta, na armada de Francisco Martins, que se apresta...

Luís de Camões

Como me despachais? Fazeis-me a mercê de o dizer?

Governador

Como curador dos defuntos e ausentes. Mais cuidadamente tratareis com os mortos, do que usais lidar com os vivos.

Luís de Camões

Permiti, senhor, que vos pregunte, se tendes agravos de mim. Acaso roubei ou falseei alguém, como vejo outros praticar, sem castigo?

Governador

Sêde prudente no falar, que muito vos aproveitará, ao menos quando em presença do vosso Governador. Pausa. Ora vós, em verdade, não praticásteis depredações nem falsidades. Pelo contrário, usais dizer abertamente o que pensais, e chamar às pessoas ou aos acontecimentos, os nomes que talvez lhes caibam, mas que é escusado publicar. Emfim, não sabeis tentear a vossa fortuna, embora procedeis honradamente. Mesmo na valentia, sois desmedido, como dei conta no incêndio da Ribeira, e por isso então vos censurei e também vos premiei. Procurai agora tornar-vos esquecido, sobretudo daqueles que murmuram os vossos agravos. E fazei por serdes prestável ao serviço de El-Rei, mas sem contendas... E' o que vos recomendo por uma vez.

Luís de Camões

Se me dizeis honrado, é quanto me basta. Em vossas mãos me ponho. Fazei de mim o que vos aprouver.

Governador

E o que julgo de vosso proveito. Ide! Luís de Camões, faz-lhe uma reverência, e retira-se.

Fim da Cena VIII e 7.ª Jornada. Mutação.

8.ª Jornada — Em Macau

CENA I

Uma sala da residência de Luís de Camões em Macau, em 1.557, tendo o poeta 33 anos de idade. Decoração e mobiliário oriental de bom gôsto, denotando a condição desafogada do poeta, a êsse tempo.

1.º EPISÓDIO

Luís de Camões, trajando fatos leves, à europeia, consulta documentos, sentado a uma mesa. Junto dêle, de pé, o seu escravo Jau, António.

Luís de Camões

Quer-me então falar êsse famoso pirata San-ki? Vem só?

António

Acompanha-o um ajudante, ou quem quer que é, de tam má cara como a de seu amo. Pausa. Senhor. Não vos fieis dêles. Tudo nesta terra de amarelos, é fingimento e maldade...

Luís de Camões

Aprazia-vos que toda a gente fôsse da vossa côr? Tranquilisai-vos, António. Sei com quem trato.

Pausa. Dizei a San-ki, para entrar, mas sòzinho. O negócio só respeita a êle. Mas vigiai o outro cachorro.

António

Senhor, sim... E acautelai-vos... Sai.

2.º EPISÓDIO

Entra San-ki, antipático chinês, com vistoso trajo oriental. Faz grande reverência no lumiar da porta.

Luís de Camões

Vindes em boa hora, senhor San-ki, e aconchegai-vos nêsses coxins, como usais. Indica os coxins dispostos ao centro da sala. San-ki acomoda-se nêles. E agora vamos tratar do nosso negócio, ou antes, do vosso, pois vós é que negociais e com mui agudas manhas de traficante. Acaba hoje o prazo que vos marquei, para a entrega da fazenda roubada pelos vossos marinheiros, ao falecido Francisco Toscano, e que seus filhos reclamam. Como não as restituísteis, dar-me-eis agora o resgate em ouro que vos fixei. Entendido? Decerto, vindes fazer essa entrega...

San-ki consternado.

Senhor! E' impossível!... Assim tenha vida o cedro plantado junto da sepultura de meu pai!

Luís de Camões

Deixai o cedro em paz, se não quereis plantar-vos também à sua sombra. Movimento de susto de San-ki. Não vos desculpeis, e vamos a contas...

San-ki

Glória a vós, magnífico filho do Ocidente, mas que o divino Hainan me confunda com a sua maldição eterna, se vos não falo verdade tam pura como a água do Si-Kiang!...

Luís de Camões enérgico.

Já vos disse. As vossas lorchas, roubaram a nau com a fazenda de Francisco Toscano, e até hoje deveríeis ter devolvido as mercadorias ou o valor delas.

San-ki

Poderoso senhor! Magnífico senhor! Os marinheiros das lorchas queixam-se das violências dos mercadores portugueses, e tomaram a fazenda de Francisco Toscano, em paga do que lhes fizeram perder.

Luís de Camões violento.

Mentem os vossos marinheiros, e mentis vós, senhor pirata San-ki, que vos disfarçais em honrado mercador. Severamente têm sido castigados todos os portugueses que ousam praticar violências. Portugal onde nascemos, eu e aqueles a quem acusais, não é ninho de piratas da vossa qualidade. Em nome do meu Rei e do seu Capitão nestes portos, o qual se encontra ausente em Lampacau, exijo que indemnizeis os filhos de Francisco Toscano!

San-ki

Luminosissimo astro do Ocidente! Que um luar de safiras vos esclareça para julgardes êste caso!... Se eu obrigar os marinheiros a essa entrega, era má acção que êles me fariam pagar com a vida!

Luís de Camões

Maior temor sentis dos vossos companheiros na pirataria, que de mim?

San-ki com humildade.

Que um grande raio de Sol ilumine o vosso coração!

Luís de Camões erguendo-se.

Basta de iluminações, senhor jacaré. O tempo voa, e o prazo que vos marquei dou-o por findo agora! Ou me entregais em bom ouro português a importância do resgate pela fazenda roubada a Francisco Toscano, ou ireis adubar o cedro que dá sombra ao vosso magnífico pai!

San-ki afflitivamente.

Êste vosso obediente servo não pode pagar a quantia que lhe exigis!... Não pode!... Não pode! Finge chorar, esganiçando-se.

Luís de Camões irónico.

Não podeis vós, sendo armador de uma caterva de lorchas que enchem de contrabando estas Costas? Acabai de ganir miséria, e venha a quantia que deveis!

San-ki implorativo.

Senhor bondoso!... Senhor mel de abelha! Meu rico senhor com entranhas de açúcar! Sou um pobre que ficou arruinado com a navegação dêsses barcos, e que mal ganha para o seu arroz!

Luís de Camões agastado.

Basta! A' fé de português vos juro, que não ficareis com a fazenda que pertence aos filhos de Francisco Toscano, e vou fazer-vos pesar num tronco, suspenso de uma corda, para saber quanto valeis, como mercadoria!...

San-ki em afflição.

Ai!... Ai!...

Luís de Camões

Gritais alto, como aviso ao outro jacaré que espera lá fora? Vou fazê-lo entrar, para que assista. Faz soar um tam-tam. O escravo António surge à porta. O outro que entre!

António

Fugiu, apenas ouviu gritar... Levava cara de mêdo, senhor.

Luís de Camões

Paciência. Ide!... António sai. Luís de Camões aproxima-se de San-ki, e diz-lhe enèrgicamente: Venha o dinheiro, ou outra forma de pagamento! São oitocentos e vinte cruzados em ouro, correspondentes a 540 taeis da vossa prata.

San-ki implorando.

Senhor!

Luís de Camões apertando-lhe um braço.

Já!...

San-ki atemorizado.

Basta!... Basta, meu amo!... Pausa. Aqui tendes. Entrega-lhe uma bôlsa.

Luís de Camões irónico.

Vínheis prevenido, como eu esperava, mas também ajuízo que vos tereis enganado na conta. Verifica o conteúdo da bôlsa. Com efeito, faltam 200 cruzados.

San-ki com simulada estupefação,

Será possível, vaporoso espírito do Ocidente?...

Luís de Camões aborrecido.

Venha o resto, e não me evaporeis o juízo!...

San-ki depois de olhar alguns instantes para o rosto de Luís de Camões, que se mantém impassível.

Tomai! Entrega-lhe outra bôlsa.

Luís de Camões

Sois de boas contas, que já trazíeis apartadas em dois saquitéis. Verifica o conteúdo da segunda bôlsa. Agora, sim! Já ficais sabendo, como se terão de concluir todos os negócios entre Luíz Vaz e o pirata San-ki!... Podeis ir!... Acompanha-o até à porta, emquanto êle vai repetindo grandes reverências.

3.º EPISÓDIO

Logo que San-ki desaparece, entra o escravo António.

António

Senhor. Quer falar-vos já, aquela bailadeira china que vos costuma visitar...

Luís de Camões

A bela «Flor da Acácia»?

António

Todas as mulheres julgais belas e dizeis serem flores...

Luís de Camões

E porque não? O mesmo julguei da Bárbara que era uma escrava e negra como tu...

António

A côr não diz nada. De dentro é que vem a mentira. Receai da bailadeira, que deve estar entendida com êsse mau San-ki... Ao verem-se, trocaram olhares que querem dizer alguma ruindade. Lembrai-vos, senhor, que a acácia tem espinhos...

Luís de Camões

Tem. Mas eu gosto das suas flores rubras e macias.

António

O macio das bailadeiras, é que vos há-de perder! Senhor. Não vos fieis destas mulheres que bailam...

Luís de Camões resoluto.

Pois manda-a entrar.

António

Cuidado, senhor! Ela hoje vem por mal, que também vejo bailar-lhe nos olhos. Sai.

Camões, junto da mesa, brinca destraìdamente com um punhal oriental, que está sôbre ela, juntamente com outras curiosidades artísticas.

4.º EPISÓDIO

Flor da Acácia entrando e com ternura.

Mil suspiros de ver-te, meu «Alecrim»!

Luís de Camões aparentando indiferença.

A que vindes?

Flor da Acácia

Aborreço-te?

Luís de Camões

Sempre me agradais. Mas dizei-me. Conheceis San-ki?...

Flor da Acácia

E' um mau homem, que tem serpentes no coração!

Luís de Camões

Mas é rico.

Flor da Acácia

O mar também é rico, e eu tenho-lhe mêdo.

Luís de Camões

E de mim?

Flor da Acácia

Tu és doce, e tenho-te amor.

Camões aproxima-se dela e enlaça-a pela cintura. Ela esquivando-se um pouco, solta o quimono em tôrno do peito e deixa propositadamente que êste se descubra um pouco em suaves contornos de flor oriental.

Luís de Camões

Dizeis o mesmo a San-ki?...

Flor da Acácia

Gostas de magoar a tua «Flor da Acácia»...

Luís de Camões

Gostava de saber quando falais verdade.

Flor da Acácia

Falo sempre verdade ao meu «Alecrim». Pausa. Vem comigo. Vamos ao Bazar.

Luís de Camões

Não. Não quero mais êsse veneno. Prefiro o dos vossos lábios...

Flor da Acácia

Mas o dos meus lábios, tens tu sempre que queiras. Beija a Luís de Camões voluptuosamente, e com disfarce, procura verificar se êle tem consigo, o dinheiro que lhe entregou San-ki. Vem comigo. Não entristeças a «Flor da Acácia»...

Luís de Camões

Sereis flor venenosa? Mas é tam gostoso êsse veneno!... Vamos! Toma-a pelo braço e sai com ela.

Fim da Cena I. Mutação.

CENA II

Num arruamento da povoação de Macau onde é situado um refúgio de fumadores de ópio.

Luís de Camões e «Flor da Acácia» caminham, estreitando-se amorosamente. O escravo António, vem correndo no seu encalço, até que se aproxima de ambos.

António a Luís de Camões.

Senhor! Não fazeis caso do que vos disse!

Luís de Camões

Deixai-me! Que mais quero eu da vida? Encanta-me a «Flor da Acácia»!... Agrada-me o seu perfume de pecado e tentação... Acabou-se. Não a deixo agora...

António

Senhor! Largai os perfumes! Não lhe cheireis as manhas!...

Flor da Acácia a Luís de Camões.

Tenho mêdo dêsse escravo! O que nos quer êle?

Luís de Camões

Não façais caso. E' um doido! Para António. Deixai-nos.

António ficando parado a considerar, seguindo ambos com a vista.

Eu é que estou doido? Apalpa a cabeça, e depois chamando por Luís de Camões. Senhor!... Senhor!...

Luís de Camões de longe.

Estais doido!... Estais doido!... Pouco depois entra com «Flor da Acácia», no retiro dos fumadores de ópio. António fica imóvel, olhando para onde desaparecera Luís de Camões, como desolado.

Fim da Cena II. Mutação.

CENA III

O interior de um recinto de fumadores de ópio, em Macau. Bailadeiras executam danças orientais, com o acompanhamento de música executada por chinesas, sentadas no chão, a um lado do recinto. Coxins diversos onde se reclinam vários freqüentadores da casa, europeus e orientais, fumando longos cachimbos, na companhia de chinesas que lhe preparam o narcótico, os acariciam ou abanam com ventarolas. Alguns dêsses fumadores, acham-se adormecidos. Entram Luís de Camões e «Flor da Acácia». Esta, conduz o poeta para um dos coxins ainda vagos. Servos trazem bebidas especiais a Luís de Camões e a «Flor da Acácia». Depois de beberem, «Flor da Acácia» despe a túnica e vai dançar, ao ritmo da música. De quando em quando, aproxima-se de Luís de Camões, em requebros dolentes. Interrompendo a dança, por instantes, fornece-lhe o cachimbo especial, dos fumadores de ópio, e volta a dançar. Logo que o poeta fica adormecido, aproxima-se dêle, tira-lhe dissimuladamente, as duas bôlsas com dinheiro que lhe entregou San-ki, e sai do recinto.

Fim da Cena III. Mutação.

CENA IV

Uma gruta cavada nos rochedos, à beira-mar, em Macau Luís de Camões, sentado sôbre um ressalto das pedras, escreve num caderno que apoia sôbre os joelhos. Suspende a escrita, e lê:

Já a manhã clara dava nos outeiros
Por onde o Ganges murmurando soa,
Quando da celsa gávea os marinheiros
Enxergavam terra alta, pela proa.
Já fora da tormenta e dos primeiros
Mares, o temor vão do peito voa.
Disse alegre o piloto Melindano
Terra é de Calecut, se não me engano!

Esta é por certo, a terra que buscais
Da verdadeira Índia, que aparece;
E, se do mundo mais não desejais
Vosso trabalho longo aqui fenece.
. . . . . .

Fim da Cena IV. Mutação.

DESCRIÇÃO DA «GRUTA DE CAMÕES», EM MACAU, POR WENCESLAU DE MORAIS.

O que se impõe ao nosso espírito, é a grandeza desta mesma vegetação rude e expontânea que espadana cheia de seiva, zombando da tezoura dos serviçais; é a face limosa das pedras abruptas, chorando pelas fendas, pequenas gôtas de água, como lágrimas de saüdade; é a solidão das áleas sombreadas, que o acesso pedre-

goso torna pouco apeteciveis aos passeantes; é o encanto dos panoramas...

. . . . . .

Se alongamos depois o passeio, embrenhando-nos sempre por entre as matas sussurrantes, onde reina uma meia luz esverdeada, chegamos ao limite natural do jardim, o despenhadeiro quási a pique das rochas, em parte mascaradas pelas moitas das mimosas e pelas ramadas das trepadeiras.

. . . . . .

Quantas vezes, sôbre esta eminência da «Gruta de Camões», êle, o poeta expatriado e perseguido pelas intrigas e prepotências dos mandões, não alongaria a vista desolada, assistindo talvez ao jubiloso embarque dos forasteiros, para a nau de viajem, prestes a largar para Lisboa! Estas pedras devem ter sido molhadas pelas suas lágrimas de fel; devem ter assistido, mudas e frias, aos seus longos desesperos de homem ardente, ferido no seu grande coração por tantas ingratidões e por tantos revezes! No sussurrar dêste arvoredo majestoso, na humidade lacrimosa que ressuda destas rochas, nos descantes amorosos destas aves, no volutear dêstes insectos, há alguma cousa efectivamente que lembra a efervescente agonia, intervalada de fogazes esperanças, do pobre procurador dos defuntos e ausentes, ou cousa que o valha, que se chamou Camões...

(Traços do Extremo Oriente).

CENA V

Sala na residência de Luís de Camões, em Macau, como na Cena I. O capitão da nau «N.ª S.ª da Conceição», acompanhado de dois oficiais, fala com Luís de Camões, achando-se todos de pé.

Capitão

A ordem do senhor Governador Francisco Barreto, é terminante. Embarcareis preso, com destino a Goa e entregareis a êste oficial (indica-o) os vossos cargos de Provedor dos Defuntos, de Alcaide-mór, e Provedor das Obras.

Luís de Camões

Mas não podereis dizer-me de que me culpam, assim levando sob ferros um leal servidor de El-Rei e de Sua Mercê, o Governador?

Capitão

Perante êle respondereis em Goa. Nada mais posso dizer-vos, porque nada sei. Em Goa vos acusam. Lá o conhecereis...

Luís de Camões

E quem me acusa? Não podereis dizê-lo, às claras? O que sabem lá do que é passado neste extrêmo do mundo, onde não chega a lembrança de um Governador, senão pelos ferros com que recompensa meus trabalhos? São os raros capitães que aqui passam uns dias, em regalos, como vós fazeis, que levam para Goa êsses mexericos?

Capitão

Basta, senhor! D. Francisco Barreto vos dará a resposta que desejais. Eu cumpro a sua determinação, em nome de El-Rei que Deus guarde. Tenho dito.

Luís de Camões

Ou o guarde Deus ou o diabo, com essas determinações que só o próprio Satanás inventaria para minha desdita! Levai-me preso e bem preso! O meu ofício é cubiçado, pois souberam que um antigo soldado, que sempre fôra pobre, já pudéra juntar alguma roupa.

Capitão

Em Goa, tudo sabereis... Já disse!...

Luís de Camões

Certo o hei-de saber e premiar. Pausa. Permiti, senhor, que leve comigo um escravo negro, que me é afeiçoado, e que me compensará do malefício dos brancos, meus irmãos.

Capitão

Podereis levá-lo em vossa companhia. E aviai-vos na entrega dos vossos ofícios. Dentro de 5 dias, o mais tardar, partirei.

Luís de Camões

Tendes pressa de concluirdes o recado... Bem está. Não vos detereis, por causa de tam mesquinho preso.

Fim da Cena V. Mutação.

CENA VI

Uma nau portuguesa, em viagem de Macau para Goa, surpreendida por um violento temporal, junto à costa de Cambodja, na Cochinchina. A nau acha-se em situação crítica, tendo parte do velame esfarrapado com a fúria do vento. As ondas alterosas, galgam por cima das amuradas. Raros tripulantes se arriscam a aparecer no convés, mesmo para acudir a alguma indispensável manobra; entre êsses, vê-se Luís de Camões, que se sustém agarrado aos cabos de laborar, do aparelho do mastro grande, e procurando abrigar-se com êste mastro.

Fim da Cena VI. Mutação.

CENA VII

A nau dá à costa e perde-se. Alguns tripulantes lançam-se à água, a fim de tentarem alcançar a praia. Um dêles, é Luís de Camões.

Fim da Cena VII. Mutação.

Na relação do naufrágio do galeão «S. João», em 1552, que faz parte da clássica compilação denominada *História Trágico-Marítima*, se recorda um transe idêntico:

— «... a nau deu a primeira pancada e em tocando, foi logo partida pelo meio; convém a saber, o plão que ficou no fundo, as outras cobertas e as obras mortas, que foram atravessadas rolando à terra, ficando tudo arrazado de água até às bordas, e aparecendo sòmente os castelos descobertos e chapitéus, por riba dos quais passavam os mares tam amiúdo, e assim grossos como pesados que não menos andavam a nado os que se a êles recolhiam, que os que pelas outras partes da nau estavam; e desta maneira, pegado cada um o melhor que podia, no lugar em que lhe a sorte caiu, nos iam

as ondas botando a terra; soando neste tempo por todas as partes, um confuso, alto e miserável grito com que todos a uma voz, pediamos a Nosso Senhor misericórdia ...»

CENA VIII

Uma praia na costa de Cambodja, em frente do local do naufrágio e na ocasião em que alguns náufragos conseguem alcançar a terra, agarrados a pedaços do madeiramento da nau. Luís de Camões nada para a praia, procurando erguer fora de água, o manuscrito dos *Lusíadas*. Alcança a praia, emfim, onde chega extenuado.

Fim da Cena VIII e da 8.ª Jornada. Mutação.

9.ª Jornada — Em Goa

No Palácio dos Vice-Reis, em Goa, no ano de 1558. Sala onde se encontra de pé, o Governador Francisco Barreto e na sua frente Luís de Camões, entre dois soldados. Ao lado um oficial. Junto do Governador o secretário e dois capitães.

CENA I

Governador a Luís de Camões.

Recolhei preso à fortaleza de Goa, até que o vosso caso se aclare...

Luís de Camões

Mas qual é o meu caso, senhor, para que, de tam longe venha em ferros, com esta incerteza.

Governador

Com efeito, muito longe estáveis da acção da Justiça. Agora, ficareis mais perto.

Luís de Camões

Mas que justiça é essa tam mundanal e torpe que mais parece uma nojenta alcoviteira?

Governador com violência.

Levai-o preso e em ferros!

Luís de Camões fitando-o com desprezo e altivez.

Mas não me prendereis em ferros a língua que terei livre para clamar bem cruas verdades contra vossa prepotência! Vira-lhe as costas e sai, acompanhado pelos soldados e oficial.

Fim da Cena I. Mutação.

CENA II

A prisão em Goa, onde está encarcerado Luís de Camões. A luz do dia que vai a findar, coa-se amortecida, através das grades de uma estreita janela.

Luís de Camões repousa num miserável catre. Os únicos acessórios que se encontram nesse recinto, são uma tôsca mesa, um banco, uma caixa para roupa e uma bilha para água. Sôbre a mesa alguns livros, papéis e um tinteiro. Grandes ratos, passeiam no solo esburacado da enxovia.

Sente-se o arrastar do ferrolho da porta que se abre. Luís de Camões ergue-se e fica sentado no catre. Isabel, mulher do carcereiro, de meia idade e fisionomia agradável, entra acompanhada pelo escravo António. Traz, dobrada no braço, uma ampla capa e na mão uma lanterna acesa, que coloca sôbre a mesa.

Isabel

Deus vos dê uma boa noite, senhor Luís Vaz. Aqui vos trago, como de costume, a visita do vosso servo, António.

Luís de Camões

Servo, não. Amigo.

António

Ora, senhor. Sou vosso escravo e nada mais...

Isabel

As noites, agora, esfriaram. Deixo-vos esta vélha capa do meu homem, que êle dispensa, porque se aquece com «urraca», benza-o Deus, que até parece gentio... Pousa a capa sôbre o banco.

Luís de Camões

Sois um anjo, senhora Isabel, e fazeis o possível de abrandar o meu inferno.

António

Eu trago-vos também esta garrafinha de licor de manga, feito por uma escrava de Java, que veio parar a Goa, como eu. Perdoai a obra de escravos... Apresenta-lhe a garrafa.

Luís de Camões

Não, António. Reservai o mimo para vós, que o mereceis.

António

Senhor. Eu já me esqueci de beber e também de comer, assim como vos sucede...

Isabel tomando a garrafa da mão de António e colocando-a sôbre a mesa.

Não descontenteis o vosso servo e ficai com o licor, senhor Luís Vaz. Eu me entenderei com o António, que não há-de ficar mal.

Luís de Camões

Estais, pois, associados para me favorecer? Deus vos pague.

Isabel

E ainda hoje vos trarei uma taça de café de Moca. Quando vos soltarem, não ireis praguejando dos carcereiros. E se não tendes melhor pousada, é porque não dispomos de outra, mas já vos disse que o senhor capitão autoriza que, durante o dia, passieis na cêrca, embora contra a ordem do senhor Governador.

Luís de Camões

Obrigado, mas não aceito. As instruções de Sua Mercê, o Governador, devem cumprir-se rigorosamente. Aqui permanecerei.

António

Que ordens me dais, senhor?

Luís de Camões

Nenhumas. Passai bem, meu amigo. Abraça-o. Boa noite, senhora Isabel!...

Isabel

Até logo, senhor Luís Vaz. Encaminha-se para a porta, juntamente com António.

António defendo-se.

Esperai, que já me esquecia! Esta carta, do Reino, para vós... Apresenta-lhe uma carta.

Luís de Camões com arrebatamento.

Leva-a!... Que me quer o mundo?... Eu não vivo!... Eu não o recordo!...

António fica perplexo, conservando a carta na mão. Êle e Isabel entreolham-se, penalizados.

Luís de Camões reconsiderando.

Dai-me êsse fel e ide-vos! Recebe a carta, e depois, com exaltação, despedindo António e Isabel: Deixai-me!... Deixai-me!... Até vós me atormentais!...

António e Isabel saem, mostrando-se contristados. A porta do cárcere fecha-se. Luís de Camões, junto da lanterna, abre a carta e lê-a. Depois, exclama: Meu pai, é degradado para o Brasil!... E' morto El-Rei D. João III!... E' morta Catarina de Ataíde!... Foge para Deus, a bela Catarina! Pausa. Que mais espero?... Enternecidamente, murmura:

Alma minha gentil, que te partiste
Tam cedo desta vida descontente,
Repousa lá no céu, eternamente,
E viva eu, cá na terra, sempre triste...

Fim da Cena II. Mutação.

CENA III

De noite, na humilde residência de Luís de Camões, em Goa. Ao centro do aposento, uma mesa disposta para refeição, podendo servir a oito ou dez comensais.

1.º EPISÓDIO

Luís de Camões ao escravo António.

Não tardam os meus amigos para o banquete. Ponde na mesa a loiça e a baixela que encontrardes.

António surprêso.

Como, assim? Dais um banquete?

Luís de Camões

A solenizar ter ordenado, Sua Mercê o Vice-Rei D. Constantino de Bragança, que eu fôsse sôlto. ¿Não julgais motivo para festim e ceia lauta, aos meus amigos que chegaram com o novo Vice-Rei, e a outros que ainda tenho em Goa?

António incrédulo.

Sim... Sim... Mas um banquete! Na vossa casa... A' vossa custa... Recordai que ainda hoje não pudésteis jantar.

Luís de Camões

Isso que importa! Darei de cear. E os meus amigos não tardam... Aprontai a mesa.

António

Mas que tendes vós para banquete, ou sequer para ceardes sòzinho?

Luís de Camões

Para êsses amigos, tenho delicadas iguarias.

António

Que dizeis, senhor! Ainda as não vi, nem me cheirou a elas...

Luís de Camões

Disso não entendeis. Ponde na mesa toda a nossa loiça.

António

Num pronto o farei, que ela não abonda.

António vai arrumando sôbre a mesa, alguns pratos e outros modestos acessórios de refeições.

Luís de Camões

Belo! Colocai também algumas flores, para alegrar a vista.

António dispondo, na mesa, algumas flores.

Se os vossos amigos encherem a barriga com isso...

Luís de Camões

E todas as cadeiras que achardes, fiquem prontas a ser ocupadas, pois êles não tardam e hão-de vir ansiosos de saciar o apetite.

António arrumando, em tôrno da mesa, as cadeiras e bancos disponíveis.

De minha parte, está findo o trabalho.

Luís de Camões

Antes de chegarem os meus amigos, deixai-me ver uma garrafa de bom vinho do Reino, para eu o provar...

António

Se quereis ver uma garrafa de vinho, olhai-a por essa janela, no armazém fronteiro...

Luís de Camões

Pois sim, mas vou já servir-lhes as iguarias.

Vai buscar, de sôbre uma pequena mesa de escrita, vários papéis que distribue pelos pratos.

António

Chamais a êsses papéis, iguarias? Aflito. Senhor! Transtornaram a vossa cabeça, emquanto permanecêsteis no cárcere!...

Luís de Camões

Não, António. Deixaram-me sem dinheiro. Por isso as iguarias com que festejo amigos, são versos que nada me custam. Percebêsteis?...

António

Agora, percebo. Mas não queria hoje ser convidado para tal banquete. Sente-se rumor de vozes.

2.º EPISÓDIO

Luís de Camões

Ei-los que chegam!... Vai abrir a porta e entram alegremente D. Vasco de Ataíde, D. Francisco de Almeida, Heitor da Silveira, João Lopes Leitão e Francisco de Melo.

Heitor da Silveira

Salvé o «Trinca-Fortes», que hoje nos oferece de trincar à grande!... Juntamo-nos pelo caminho, a fim de não retardar o vosso banquete.

João Lopes Leitão

A mesa está pronta. Chegamos na hora própria.

Luís de Camões

Está tudo prestes. Só faltavam os gulosos.

D. Vasco de Ataíde

Eis-nos e sentemo-nos, que hoje não passaria sem uma boa ceia.

Francisco de Melo

Nem eu. Sentemos-nos onde calhar.

Luís de Camões

Isso, não, que os lugares já estão destinados. Buscai o vosso nome, nesses papéis, e sentai-vos depois.

Consultam os diversos papéis e sentam-se. Luís de Camões senta-se também, entre os seus amigos.

Vasco de Ataíde observando o papel colocado no seu prato.

Mas o que tem escrito?

Lê:

Se não quereis padecer
Uma ou duas horas tristes
Sabeis que haveis de fazer?
Volvei-vos por onde venistes,
Que aqui, não há que comer.

E pôsto que aqui leais
Trovinha que vos enleia,
Corrido não estejais,
Porque, por mais que corrais
Não heis-de alcançar a ceia.

Todos riem. António solta gargalhadas estrepitosas, que logo contém, quando olham para êle. Vasco de Ataíde, diz para Luís de Camões: Que zombaria é esta?...

D. Francisco de Almeida

Quvi a sorte de iguaria que me destinou o traidor!... Lê:

Heliogabalo zombava
Das pessoas convidadas
E de sorte as enganava
Que as iguarias que dava
Vinham nos pratos, pintadas.

Não temais tal travessura
Pois já não pode ser nova,
Porque a ceia está segura
De vos não vir em pintura,
Mas há-de vir toda em trova!...

Riem-se todos, sobressaindo o escravo Antônio.

Heitor da Silveira

Renego da chacota!... Atentai como é logrado um amigo que vinha com o fito, na ceia prometida. Lê:

Ceia não a papareis,
Contudo, porque não minta,
Para beber, achareis
Não Caparica, mas tinta,
E mil cousas, que papéis.

¿E vós torceis o focinho
Com esta amfibologia?

Pois sabei que a poesia
Vos dá aqui, tinta por vinho,
E papéis, por iguaria.

Risos. Antônio continua a rir gostosamente.

João Lopes Leitão

Olhai cá, se isto é jeito de receber um amigo, capaz de cear hoje, as tôrres da Sé!... Lê:

Porque, os que vos convidaram
Vosso estômago não danem,
Por justa causa ordenaram
Se trovas vos enganaram,
Que trovas vos desenganem.

Vós tereis isto por tacha,
Converter tudo em trovar,
Pois se me vêdes zombar
Não cuideis, senhor, que é cacha,
Que aqui não há que cachar.

Falando, para Luís de Camões: Já vos respondo:

Eu juro pelo céu bento
Que se de comer não me dão
Que eu não sou camaleão
Que me hei-de manter no vento...

Luís de Camões

Amigos. Não vos agasteis. Aqui está a ementa das iguarias que vos fiz destinar: Lê o papel colocado no seu prato.

Tendes nem migalha assada,
Cousa nenhuma de molho,
E nada feito em empada,
E vento de tijelada,
Picar no dente, em remolho.

De fumo, tendes tassalhos,
Ave de pena, que sente,
Quem de fome anda doente,
Bocejar de vinho e d'alhos,
Manjar em branco, excelente...

José Lopes Leitão erguendo-se.

Traição!... Traição!... Mas sem boa ceia não ficaremos, e levamos connosco o traidor, para que sofra a tortura de nos ver mexer os queixos, sem precisão de trovas!... Vão-se erguendo todos, e alegremente saem, arrastando consigo, Luís de Camões.

Antônio para Luís de Camões, quando êste vai a sair:

Então eu fico sòzinho, no vosso banquete de fome?...

Fim da Cena III. Mutação.

CENA IV

Recinto público, em Goa, onde se joga e se vendem bebidas orientais, como urraca, jagra e outras, ou se fornecem manjares asiáticos de consumo popular. Várias mesas, em tôrno das quais se encontram os jogadores ou companheiros que assistem ao jôgo, emquanto saboreiam qualquer bebida.

Num estrado, algumas bailadeiras executam as suas danças características, ao som de música própria.

Lopes Mendes, no seu livro *A India Portuguesa,* retrata pela forma seguinte, as bailadeiras de Goa:

— «As bailadeiras estão vestidas com ricos panos de musselina azul, branca ou rosada, bordados de seda, prata ou ouro. Os cabelos atados no alto da cabeça, são envolvidos por grinaldas de flores naturais excessivamente aromáticas; e o pescoço, orelhas, naris, mãos e pés, estão ornados de jóias. As bailadeiras dão princípio à dança, cantando separadamente, e depois todas ao mesmo tempo, emquanto os músicos ou *murdangueiros* tangem com as mãos sôbre as *murdangas* que têm ligadas à cintura. Em certas ocasiões, o canto e a dança das bailadeiras, são acompanhadas pelos sons de uma espécie de rabeca denominada *serungui.* O canto das bailadeiras é monótono e cadenciado. Se elevam a voz, é só para formar os sons guturais tam freqüentes e tam desagradáveis ao ouvido europeu. A dança, reduz-se a algumas contorsões dos dedos das mãos e a um fraco movimento de progressão, obtido com grande esfôrço sôbre os calcanhares, e com as pontas dos pés, quando recuam. Nestes movimentos, fazem grande sonido com os guizos que trazem em volta dos tornozelos.» —

Numa das mesas, encontram-se jogando com dados, Luís de Camões, Miguel Coutinho, por alcunha «O Fios-Secos», Aires de Sousa e Duarte de Abreu.

1.º EPISÓDIO

Duarte de Abreu

Perdêsteis mais uma vez, Luís Vaz! Desafortunado ao jôgo, afortunado nos amores...

Luís de Camões

Enganai-vos, assim como o jôgo e os amores me têm enganado. De ambas as cousas tenho desvalimento.

Aires de Sousa indicando Miguel Coutinho.

Ali, o senhor «Fios Sêcos», é que está em maré de sorte!

Duarte de Abreu

O' senhor Miguel Coutinho! Porque vos chamam «Fios Sêcos»?

Miguel Coutinho

Porque não tenho fé com os boticários, em casos de feridas e cortaduras. A minha regra é pôr-lhes fios sêcos...

Duarte de Abreu

Mesmo quando se fique estropiado, como João Gomes «O Cheira-dinheiro», que a combater os Rumes, em tempo de D. Francisco de Almeida, teve 18 feridas?

Miguel Coutinho

Talqualmente. Sempre fios sêcos, e jamais outras boticas. Quando fui guerrear o Idalxá, também me castigaram com algumas lançadas, e não as curei doutra guisa.

Aires de Sousa

E que empregais, para sarar as frechadas de Cupido? Já não sois criança, mas dizem que vos expondes muito a elas...

Miguel Coutinho

Então, ensopam-se os fios sêcos, numa mão cheia de cruzados, e o «Deus-Menino» deixa de nos magoar.

Luís de Camões

Fácil receita de vossa parte, que tendes amealhado para essas mèzinhas. Só hoje me levásteis, ao jôgo, o melhor de 80 cruzados.

Miguel Coutinho

Lembrai-vos que desde o comêço da semana me deveis 320 cruzados!

Luís de Camões

Pois continuemos a partida, que eu não hei-de ficar-me por aí.

Aires de Sousa

E continuemos também, a beber, para que nos esqueçamos de quanto vai perdido.

Duarte de Abreu

Ou festejarmos o que vai ganho.

Continuam jogando e bebendo, a esvaziar os copos que têm na sua frente.

2.º EPISÓDIO

Um soldado português e uma mulher de Goa, conversam sentados a uma das mesas.

Mulher de Goa

A vossa terra é muito rica?

Soldado

Nem podeis fazer idea? Há lá uma Rua dos Ourives, onde é tudo de ouro, e as pedras das calçadas são pedras finas. Dizem que as pérolas se botam aos porcos, mas eu nunca vi. O nosso Rei, tem um cetro feito de um só diamante, e a Raínha não tem cetro, mas tem duas esmeraldas nos olhos, que parecem dois carbúnculos de zinabre...

Mulher de Goa

E as mulheres, andam com mais rica vestimenta que essas damas que trazeis para cá?

Soldado

Nem se compara. Todas elas parecem casulos de sêda das mais espantosas côres e quando passam, deixam um rasto de aljôfar, como se fôssem a desfazer-se em pó de ouro ou de prata brilhante como a lua...

Mulher de Goa

E porque se desfazem nesse pó?...

Soldado

Por se sacudirem muito, com a graça do andar...

3.º EPISÓDIO

Como pormenor de que alguns viciosos tiram proveito da distracção dos companheiros, ver-se-á que numa das mesas, em que estão quatro jogadores, emquanto três dêles seguem atentamente as fases do jôgo, o outro vai esvaziando, com simplicidade, os copos dos parceiros.

4.º EPISÓDIO

Na mesa em que se encontram Luís de Camões e os seus amigos, como no primeiro Episódio.

Luís de Camões

Basta! Não quero teimar. A Miguel Coutinho. Já vos devo uma fortuna!

Miguel Coutinho

410 cruzados. E vós, Aires de Sousa, deveis-me 160 cruzados.

Aires de Sousa

Em breve os recebereis.

Miguel Coutinho

Mas dar-me-eis um assinado, para ficarem reguladas as nossas contas. Há morrer e viver...

Luís de Camões

Eu o passarei já, deixando-vos tranqüilo a respeito da minha dívida.

Aires de Sousa

O mesmo farei.

Miguel Coutinho

Não vos melindreis, amigos. Há viver e morrer...

5.º EPISÓDIO

Um piloto e um mestre de nau, conversando, sentados a uma das mesas.

Piloto

Quem é aquele soldado que tem uma vista de menos, e fala com tamanha desenvoltura?

Mestre

Pois não o conheceis?

Piloto

Não. Estou em Goa há três meses apenas, e conheço poucos dos seus moradores.

Mestre

E' o «Trinca-Fortes», um dos valentes de Goa. Se não lhe conhecíeis a figura, diligenciai não lhe conhecer a espada. Mas é homem leal e recto.

Piloto

Será um Luís Vaz, que também dizem ser poeta?

Mestre

Ésse mesmo. Luís Vaz de Camões, mas nós em Goa, o conhecemos por «Trinca-Fortes», pois é de brava condição. Está trabalhando num poema sôbre o descobrimento da derrota para a Índia, por Vasco da Gama.

Piloto

E com essas qualidades tem alcançado fortuna?

Mestre

Não. E' pobre como Job, pois nunca teve ofícios rendosos e o invejam, mesmo na pouquidade da sua condição.

Piloto

Estimo conhecê-lo. E' dos que trabalham para a fortuna alheia, e quanto aos versos, não corre na India, ou em Portugal, essa moeda esquisita.

6.º EPISÓDIO

Renova-se a peripécia já surpreendida anteriormente: Na mesa onde se encontram os quatro jogadores anónimos, emquanto três dêles seguem atentamente as fases do jôgo, o outro vai esvaziando sucessivamente os seus copos.

Fim da Cena IV — Mutação.

CENA V

A modesta residência de Luís de Camões, em Goa, como na Cena III. O escravo Antônio está limpando cuidadosamente a espada de Luís de Camões.

1.º EPISÓDIO

António

Que belo engenho para assar um leitãozinho!... Mas em Goa, só presta para os homens se espetarem uns aos outros... Todos os dias se matam e se esfolam, com desafios. Assim meu amo e senhor Luís de Camões, querendo hoje, a sua espada tam cuidada, não entre nesses loucos duelos. Luís de Camões entra, chegado da rua.

Luís de Camões

António! Meu amigo. Trazei-me o gibão negro, que me quero vestir de luto.

António

Luto por quem, senhor?

Luís de Camões

Por uma intenção particular. Perdeu-se o navio em que embarcou a minha Dinamene! Tudo perco!... Todos os afectos se apartam de mim!...

Ah! minha Dinamene! Assim deixaste
Quem nunca deixar pode de querer-te!...
Puderam essas águas defender-te
Que não visses quem tanto magoaste?...

Pausa, e depois com veemência, para António:

Acabai de me correger a espada, que logo tenho um desafio a saldar com Calisto de Sequeira.

António

Não vos meteis nessas emburiladas. Como agora tendes paz com os mouros, andais em acesa peleja, uns com os outros, e vos matais em duelos...

Luís de Camões

Não busco as rixas, nem lhes volvo as costas. Depois, com rispidez: E caluda!... Guardai vossos dizeres, que nada vos preguntei!

António confuso.

Senhor... O pobre escravo pensava... Enxuga, furtivamente, as lágrimas que lhe acodem aos olhos.

Luís de Camões reparando na comoção de António.

Perdoai-me António... Mas estou consumido de desgostos, e nem sei o que digo... E' morta a minha Dinamene! Em tam breve tempo, o mar me arrebata Dinamene, e o meu grande amigo João Lopes Leitão!... Pois não ajuizais a minha desdita?... Abraça-se comovidamente a António.

2.º EPISÓDIO

Batem à porta, com violência. Luís de Camões vai abrir. Entra Heitor da Silveira, denotando perturbação.

Heitor da Silveira

Luís!... Luís! Vinde!... D. Telo de Menezes acaba de ser morto em desafio, com Alvaro Pais!...

Luís de Camões consternado.

Que dizeis?... Mataram o meu querido Telo?... Com arrebatamento. Quero vingar a sua morte!...

Heitor da Silveira

Sossegai. Primeiro, vamos até junto do nosso infeliz amigo.

Luís de Camões

Não. Para já, quero brigar... Quero-me bater com Alvaro Pais, ou seja com quem fôr!... Para António que continua ocupado em limpar a espada de Luis de Camões. Dai-me a espada!

António, que tem a ponta dela apoiada no solo, força a lâmina, a dobrar-se, até se partir.

Luís de Camões exasperado.

Que fizeste, cachorro?...

António com resignada humildade.

Foi sem querer... Mas castigai-me, senhor... Brigai comigo e não brigueis com outros...

Fim da Cena V. Mutação.

Relance dos amavios da famosa Grácia de Morais

(CENAS VI a XX)

CENA VI

Em Goa, num dos primeiros meses de 1561, tendo Luís de Camões, pròximamente, 30 anos.

De noite. A cena decorre num aposento guarnecido com mimo, na residência da bela e requestada cortesã Grácia de Morais, de nacionalidade espanhola. O recinto acha-se iluminado por uma lâmpada de estilo oriental, colocada ao centro, acessível para ser extinta ou acesa, segundo convenha. Pelas vidraças das janelas, dando para a rua, penetra a luz do luar. Grácia de Morais, conversa afectuosamente com Miguel Coutinho, de alcunha «O Fios Sêcos», ambos reclinados num confortável coxim.

Miguel Coutinho

Pedi o que quiserdes, minha bela. Sabeis que não há cousa que por vossa intenção eu não faça. Até fiar e tecer, caso desejásseis poupar as vossas adoráveis mãos, a êsses grosseiros misteres...

Grácia

Tejer, vos lo haceis en seguida, por eso habeis venido acá muchas veces. En quanto à fiaros, yo os pido, por amor de mí, que no sea en vuestro amigo Luís de Camões. Recelo que él me malquiste con vos.

Miguel Coutinho

Mas dais trela a êsse aventureiro?

Grácia

No. Pero por eso mismo, lo temo.

Miguel Coutinho duvidoso.

Será possível que me atraçoeis, ingrata?

Grácia

Os aseguro que soy la más perseverante y leal de todas las mujeres, apesar de que mi génio placentero me exponga al riesgo.

Miguel Coutinho

Não é isso que dizem em Goa...

Grácia

Que dicen?...

Miguel Coutinho

Que sois a mais leviana das mulheres? Achais pouco? Se vos contasse o mais que dizem, ficarieis pasmada.

Grácia

Lenguas maldicientes!

Miguel Coutinho

Mas se soubésseis quanto vos quero, teríeis orgulho de me preferir!

Grácia

Y lo tengo. Deseais que vos revele um secreto? Pues nunca he estimado á otro hombre, sino á vós, Miguel Coutinho...

Miguel Coutinho

Falais verdade, meu querubim? Então como explicais êsses tantos caprichos que vos apontam, como se fôsseis uma cabecinha de vento?

Grácia

Difamaciones de los que galantean sin utilidad.

Miguel Coutinho

Seriozinho? Com entusiasmo. Oh! minha adorada Grácia, minha piriquita Andaluza!... Beija-a com sofreguidão. Sente-se bater, violentamente, na porta da rua. Quem bate?

Grácia com embaraço.

No lo sé todavia!...

Fim da Cena VI — Mutação.

CENA VII

Rua de Goa, onde se vê a moradia de Grácia de Morais, consistindo em um sobrado com duas janelas de sacada, a pouca altura do solo. Porta de entrada para essa moradia. Noite de luar oriental. Raros transeuntes. Luís de Camões, impaciente, bate repetidas vezes à porta da moradia de Grácia de Morais.

Fim da Cena VII. — Mutação.

CENA VIII

O aposento de Grácia de Morais, como na Cena VI. Continuam-se ouvindo as pancadas na porta da rua. Miguel Coutinho passeia, agitadamente, no aposento. Grácia permanece sentada, como na Cena VI.

Miguel Coutinho

E' alguém bem assomado. Pausa. Quem esperais vós?

Grácia

Nadie. Pero puede ser alguna novedad muy grave... Algún mensaje urjente...

Miguel Coutinho

Boas horas para mensagens!...

Grácia erguendo-se e aproximando-se de Miguel Coutinho.

Por eso mismo, es forzoso abrir, que pueden echar abajo la puerta. Ês mejor ocultaros en el huertecito, en cuanto yo voy á escuchar. Y no salgais de allí, hasta que yo vaya á buscaros...

Miguel Coutinho inquieto.

Enredais-me nos vossos mistérios... Sois o vivo pecado, que se passou de Castela para nos transtornar!

Grácia

Acordáos que sois mio solo y único amor, y hacede pronto lo que os digo... Empurra Miguel Coutinho, por uma porta que fecha em seguida.

Fim da Cena VIII. Mutação

CENA IX

Vista exterior da moradia de Grácia Morais, como na Cena VII. Luís de Camões continua batendo à porta.

Fim da Cena IX. Mutação.

CENA X

O aposento de Grácia de Morais, como na Cena VI.

Grácia abre uma das vidraças das janelas e assoma a ela, preguntando:

Quien és?

Luís de Camões fora.

Eu. O Luís Vaz!

Grácia recolhe-se da janela, cuja vidraça deixa aberta. Abre a porta do aposento que dá para a escada, fazendo abrir a porta da rua.

Luís de Camões entrando.

Muita delonga tivésteis!... Durmíeis?... E só?

Grácia

Bien lo veis.

Luís de Camões

Admira. Vós queimais em várias chamas, sem arder em nenhuma... Assim o vosso nome, sendo Grácia de Morais, poderá dizer-se que todos os amores moram onde vós morais.

Grácia

Habeis de hacer siempre trovas commigo.

Luís de Camões

Por isso venho buscar-vos, para irmos gozar, ao ar livre, esta noite de luar maravilhoso.

Grácia

A mim?

Luís de Camões

Oh! formosa fera humana! Não vos esquiveis à fantasia de um trovador que em vossa companhia sente as Musas a desafiá-lo!... Vinde comigo, até à Ribeira, para vos ir namorando à luz da lua. Ela brilha em especial para os namorados, como eu sou de vós, minha pérola, cada vez mais falsa... Vinde!

Grácia

Hoy de ningún modo. Estoy muerta de sueño!

Sente-se um cão ladrar furiosamente, do lado do quintal da casa.

Luís de Camões

E' o vosso cão. Porque está êle tam bravo?

Grácia

Porque há reconecido á usted... Por vós no tiene simpatía.

Luís de Camões

Ele guarda-vos bem. Vós é que não vos guardais doutros bichos, ó amada Circe minha!... Minha não, contudo amada. Ora cobri-vos com alguma sobre-veste de agasalho, e vinde comigo até â Ribeira.

Grácia

No. Hoy no. Para qué persistir...

Luís de Camões imperiosamente.

Hoje. Agora, sim! Não me transtorneis o juízo, com essa recusa que levo à má parte. Um curto passeio até à beira-mar, a meu lado e dizendo-me que sois minha apenas... Mentindo-me, emfim. O peito feminil, sòmente em ser mudável, tem firmeza.

Grácia

Pundonor vuestro! Una chanza, enfin!

Luís de Camões

Decidi-vos por uma vez!

Grácia

No. Teneis que dejarme esta noche estar aquí, porque me siento enferma.

Fim da Cena X. Mutação.

CENA XI

O quintal da moradia de Grácia de Morais, envolvido nas sombras de arbustos que o luar recorta nalgumas clareiras. Miguel Coutinho passeia de um para outro lado, tiritando de frio e espirrando freqüentemente. Um cão feroz, amarrado com corrente, ladra-lhe de quando em quando.

Fim da Cena XI. Mutação.

CENA XII

O aposento da moradia de Grácia de Morais, como na Cena X.

Luís de Camões agastado.

Não vencereis com a vossa teimosia, e haveis de acompanhar-me a bem ou a mal!...

Grácia

No me violenteis!

Luís de Camões

Sois mestra em esquivanças, ao passo que eu vos tenho entregado pouco a pouco, a minha liberdade e se mais tivesse, mais entregaria. Vinde, ou há torvação!...

Grácia

Así sea. Sin embargo, no nos defendremos, porque estoy enferma. Vamos, entonces, señor loco!

Grácia resguarda-se com uma capa, abre a porta do aposento, e depois, apaga a luz do candeeiro, ficando o recinto dèbilmente iluminado pelo luar que entra pelas janelas. Luís de Camões enlaça Grácia pela cintura, e saem ambos, cerrando a porta do aposento.

Fim da Cena XII. Mutação.

CENA XIII

Vista exterior da moradia de Grácia de Morais, como na Cena VII. Luís de Camões e Grácia saem da casa e vão caminhando, iluminados pelo luar. Luís de Camões vai cantando a trova:

Diome Amor, tormentos dos,
Para que pene dobrado,
Uno, és verme desamado,
Otro, és manzilla de vos;
Vede que ordena Amor en nós!
Porque vós hazeisme loco,
Que seais loca por otro.

Grácia e Luís de Camões desaparecem ao longe.

Fim da Cena XIII. Mutação.

CENA XIV

O aposento da moradia de Grácia de Morais, como na Cena VI, êsse aposento achando-se apenas iluminado pelo luar que penetra pelas janelas. O vulto de Miguel Coutinho surge na cena vindo do interior da moradia. Vem tiritando de frio e espirra de quando em quando.

Miguel Coutinho

Que terá acontecido? Grácia evaporou-se, deixando-me ao relento, a uivar a par do cão, e sem me precaver com o resguardo do meu capote. Espirra. Mulher diabólica que me faz penar e arrefecer! Pois não arredarei pé daqui, emquanto não apareça, e me explique o seu estranho eclipse... Envolve-se do capote que se encontra sôbre um dos móveis, e senta-se no coxim.

Fim da Cena XIV. Mutação.

CENA XV

Vista exterior da moradia de Grácia de Morais, como na Cena VII. O piloto António Dias, bate á porta.

Fim da Cena XV. Mutação.

CENA XVI

O aposento da moradia de Grácia de Morais, como na Cena XIV. Miguel Coutinho, continua sentado no coxim, em completa imobilidade, tendo adormecido.

Fim da Cena XVI. Mutação.

CENA XVII

Vista exterior da moradia de Grácia de Morais, como na Cena VII. O piloto António Dias, depois de tornar a bater á porta, vendo aberta a vidraça (como deixara Grácia, quando assomara a ela, na ocasião em que batia Luis de Camões), trepa á sacada, e entra no aposento.

Fim da Cena XVII. Mutação.

CENA XVIII

O aposento da moradia de Grácia de Morais, como na Cena XIV. O piloto António Dias entra pela vidraça aberta, e avança no aposento, às apalpadelas.

António Dias

A casa encontra-se às escuras... Grácia, não está. Vou armar-lhe um desvairo, quando voltar.

Fim da Cena XVIII. Mutação.

CENA XIX

1.º EPISÓDIO

Vista exterior da moradia de Grácia de Morais, como na Cena VII. Aparecem Luís de Camões e Grácia de Morais, que se encaminham para a porta. Luís de Camões vem cantando a mesma trova da Cena XIII. Abrem a porta e entram, antes do que o poeta deixara de cantar.

2.º EPISÓDIO

Vista exterior da moradia de Grácia de Morais, como anteriormente. Dois indivíduos, embuçados em amplas capas, vêm caminhando pela rua e param sob as janelas da moradia de Grácia. Depois, acompanhando-se com guitarras, entoam a canção:

Com tal cuidado me vejo
Des que, senhora, vos vi,
Que de morto de desejo,
Sem saber parte de mi
Me perdi.

Perdi-me de namorado
De ver vossa formosura,
Donde quis minha ventura
Que morresse de cuidado
Com tristura...

(Trova de Duarte de Brito do Cancioneiro de Garcia de Rezende).

Fim da Cena XIX. Mutação.

CENA XX

O aposento da moradia de Grácia de Morais, como na Cena XVIII. Luís de Camões e Grácia de Morais, entram no aposento, onde ainda se encontram Miguel Coutinho e o piloto António Dias, mas sem que se vejam uns aos outros.

António Dias

E's tu, Grácia? Sobressalto de Luís de Camões e de Grácia. Miguel Coutinho dá um grande espirro.

Luís de Camões

Que é isto? Quem está aí? Silêncio absoluto. Luz! Depressa! Grácia conserva-se estática, e é Luís de Camões que acende o candeeiro, encarando logo com Miguel Coutinho e António Dias. Quem são os hóspedes?... Aproxima-se de ambos, para os observar. Ah! Reconheço-os!... Miguel Coutinho «O Fios-Sêcos», de quem vós, fementida (dirigindo-se a Grácia), me dissésteis que me precavesse!

E vós, o piloto António Dias, que não vos livrásteis dêste escôlho, tal como fizésteis à nau «S. Paulo», na Ilha de Sumatra!... Embaraço de António Dias e de Miguel Coutinho.

Grácia sucumbida.

Dios mio!

Luís de Camões a Grácia, ameaçador.

Eu logo vos darei o miar! Para Miguel Coutinho e António Dias. Agora, vamos a contas!

Miguel Coutinho

Vós é que tendes contas a saldar comigo. Espirra.

Luís de Camões

Contas de dinheiro, terei. Mas para todas as contas há o seu dia próprio. Agora é o momento azado para aquelas que vós e o vosso companheiro tem que ajustar comigo! Avança para ambos. Viésteis, senhores, guizar esta armadilha, a casa da bela Grácia? Queríeis juntos, zombar de mim?

Miguel Coutinho com severidade.

Senhor! Eu não vos tolero...

Luís de Camões atalhando.

Basta! Sei que sois valente e que no Cêrco de Diu, por exemplo, a gente do Idalcão bem experi-

mentou a vossa braveza... Mas hoje, me experimentareis vós!...

Miguel Coutinho

Poupai-me a escândalos, e já que tomásteis a praça, deixai-me partir.

Luís de Camões colérico.

Para voltardes a ocupá-la e vos rirdes de mim?

António Dias

Mas eu, senhor...

Luís de Camões

Certo que ambos saïreis mais depressa do que imagináveis, da alcova desta beldade, que dá a todos aquele bem que a todos vai negando. Mas à fé de «Trinca-Fortes», que hoje não provareis dêsse bem e ficareis sabendo quanto amargoso é, «vê-lo-ás e não o paparás...»

Luís de Camões precipita-se sôbre ambos e, depois de luta violenta mas rápida, arrasta-os para junto da janela que se encontra aberta e precipita-os na rua, um após outro.

CENA XXI

Vista exterior da moradia de Grácia de Morais, como na Cena III. Debaixo das janelas continuam os dois trovadores, em descantes. Sùbitamente, Miguel Coutinho e António Dias, são precipitados da sacada, para a rua, caindo sôbre os trovadores.

Fim dos Relances dos Amavios da famosa Grácia de Morais. Mutação.

CENA XXII

Interior da humilde residência de Luís de Camões, em Goa. O poeta está dormindo, num leito modesto. O escravo António, sentado no chão, junto do leito, vigia-lhe o sono.

Batem com violência à porta. Luís de Camões acorda. António sai, a ver quem seja, e volta pouco depois, patenteando grande aflição.

António

Senhor! Gente de justiça, diz que vem para vos prender!

Luís de Camões erguendo-se sobressaltado.

Prender? Já sei. E' a vingança de Miguel Coutinho. «O Fios-Sêcos»... Veste-se apressadamente.

António

Que lhe fizésteis, senhor, para que êle vos mande encarcerar?

Luís de Camões emquanto se veste.

Cousa pouca. Fi-lo saltar pela janela do quarto de Grácia, onde me esperou de surprêsa com o piloto António Dias. O salto, em presença de uma dama, lhe desagradou por certo, mas não era caso para me fazer entrar numa prisão. Eu devo-lhe, porém, certa quantia e não tenho com que lhe pagar.

António

Se é êsse o motivo, porque não falais aos vossos amigos?

Luís de Camões

Amigos que me paguem uma dívida? Eles podem tanto como vós, António, que também sois meu amigo. Pausa. Quantos são os que vieram para me prender?

António

Dois aguazis com focinhos de judeus.

Luís de Camões

Vou ter com êles e vós, meu amigo, ficai velando por estes restos da minha pobreza. Não deixeis, ao menos, que o gusano me coma os versos. Lançando um braço amigàvelmente, em tôrno dos ombros de António.

Sai, seguido por António. Adeus! Até quando aprouver ao «Fios Sêcos» ...

Fim da Cena XXII. Mutação.

CENA XXIII

Em Dezembro de 1562. Gabinete do Vice-Rei da Índia. D. Francisco Coutinho, Conde de Redondo, no Palácio dos Governadores, na cidade de Goa. O Vice-Rei está sentado à sua mesa grande, de despacho, assistido por um secretário que se encontra a seu lado, em pé. Junto da porta de entrada, um porteiro.

Secretário apresentando-lhe um papel.

Este é o requerimento de Luís Vaz de Camões, pelo que o mandásteis chamar e se encontra aguardando que o recebeis.

Vice-Rei ao porteiro.

Fazei entrar Luís Vaz. O porteiro entreabre a porta e chama para o exterior. Depois, dá passagem a Luís de Camões, que entra, fazendo uma vénia. O Vice-Rei dirige-lhe, então, a palavra. Senhor Luís Vaz. Requerêsteis que se fizesse o desembargo da prisão que estaveis sofrendo, por não poderdes satisfazer a vossa dívida a Miguel Coutinho. Foi um caso de justiça de El-Rei, em que eu não poderia intervir. Mas estando reconhecida a vossa insolvência para o pagamento da dívida, também não é justo que se prolongue sem termo, a vossa situação de preso, além de que, ficando livre, podereis adquirir os meios de vos desonerar do vosso compromisso para com Miguel Coutinho. Despachei, pois, o vosso requerimento, como pretendíeis, e mando que vos soltem.

Luís de Camões

Graças vos dou, senhor.

Vice-Rei

Recordo o tempo em que nos viamos na Côrte e compunheis graciosas trovas, que apraziam a minha filha Guiomar de Blaesfet. Desde então, aprecio o vosso fácil jeito de trovar. Aqui, na Índia, já me glosásteis com engenho, certo mote. Recordai-vos?

Muito sou seu inimigo
Pois que não tiro de mi
Cuidados com que nasci,
Que põe a vida em perigo.
Oxalá que fora assi.

Também ainda há pouco me enviásteis curiosos versos a propósito do desembargo da vossa prisão. Agora, espero que fareis vida tranqüila. Não voltareis, por emquanto, a auxiliar-me no despacho dos feitos, como antes fazieis, porque vou embarcar, para assentar pazes com o Çamorim. Ver-nos-emos, no regresso. Adeus, senhor Luís Vaz, e mais uma vez vos digo: Moderai os vossos impulsos, e dedicai-vos às Musas, pelas quais alcançareis renome. Que não, pelas brigas...

Luís de Camões

Assim farei, senhor... Faz-lhe uma vénia e retira-se.

Fim da Cena XXIII. Mutação.

CENA XXIV

Na Ribeira de Goa, em 1565, quando Pedro Barreto embarcou para a capitania de Moçambique, indo em sua companhia Luís de Camões. Multidão no cais, assistindo ao embarque. Num grupo, encontram-se Heitor da Silveira, Diogo do Couto, Duarte de Abreu e outros amigos do poeta.

1.º EPISÓDIO

Diogo do Couto a Luís de Camões.

Custa-me ver-vos partir, Luís Vaz. Se ao menos fôsse para o Reino... Mas para Moçambique, arredado do nosso convívio, numa fortaleza de Africa...

Luís de Camões

Estava desejoso de mudar de fortuna ou desfortuna. Sua Mercê o Vice-Rei D. Antão de Noronha nomeou-me para a feitoria de Caul, na primeira vagatura, mas basta o meu provimento ser por vagatura, para esta se não dar emquanto eu for vivo. Então Pedro Barreto, indo para a capitania de Moçambique, me convidou a acompanhá-lo e me adoçou o convite pelo empréstimo de duzentos cruzados. Com a tentação da metade que fôsse, mesmo por empréstimo, eu iria para o fim do mundo, tal é a minha desesperança...

Diogo do Couto

Já não poderei acompanhar a vossa obra, *Os Lusíadas.*

Luís de Camões

Nem eu, as vossas trabalhosas *Décadas da Ásia*.

Heitor da Silveira

Quando nos tornaremos a ver?

Duarte de Abreu

Quem sabe se em Portugal?

Luís de Camões

Deixai-vos de fantasias. Portugal já nada quer de mim, e eu continuarei a dizer, como Scipião Africano: «Ingrata pátria, non possidebis ossa mea», ou ainda melhor, em nosso português: — Ingrata pátria, não possuirás meus ossos!... — Mas vamos a despedir-nos, pois estou vendo a gente de Pedro Barreto, que embarca. Para o escravo Antônio, que está próximo. Antônio! Preparai a minha matalotagem de soldado vagabundo. Ainda faremos a volta ao globo terrestre, como Fernando de Magalhãis!... Antônio toma a pequena bagagem que está arrumada no chão. Luís de Camões abraça os amigos.

2.º EPISÓDIO

Algumas mulheres de Goa aproximam-se de Luís de Camões, e oferecem-lhe pequenos presentes. Luís de Camões suspende a despedida aos amigos, para receber essas lembranças.

Luís de Camões

Não me esquecêsteis, então, oh! flores de Goa!... Bem faço eu em cantar-vos nos meus versos, sem cuidar da côr da vossa pele, da qualidade do vosso trajo ou da estranheza da vossa linguagem. Sois mulheres, e portanto, sois os meus amores! Examinando alguns dos presentes. Reparem, amigos, que até me trazem gulodices!... Como elas sabem que um poeta ou um soldado da Índia, apesar de guloso, anda sempre faminto, quer de comida, quer de mimos feminis...

Fim da Cena XXIV e da 9.ª Jornada. Mutação.

10.ª Jornada — Em Moçambique

CENA I

Interior da humilde residência de Luís de Camões, em Moçambique, no ano de 1568, tendo êle cêrca de 44 anos de idade. O aspecto do aposento e o seu mobiliário, revelam a pobreza e o desconfôrto em que vive o poeta. Êle acha-se sentado a uma tôsca mesa, como que escrevendo o que diz em voz alta:

1.º EPISÓDIO

Luís de Camões

Agora, com pobreza aborrecida
Por hospícios alheios degradado
Agora, da esperança já adquirida
De novo, mais que nunca derribado
. . . . . .

(Pausa)

E ainda, Ninfas minhas, não bastava
Que tamanhas misérias me cercassem
Se não que aqueles que cantando andava
Tal prémio de meus versos me tornassem
. . . . . .

2.º EPISÓDIO

Batem à porta. Luís de Camões vai abrir. Entra Manuel de Melo, amigo do poeta.

Manuel de Melo

Deus vos salve, amigo Luís Vaz! Abraça-o afectuosamente.

Luís de Camões

Olá, Manuel de Melo, que nunca me esqueceis...

Manuel de Melo

Como esquecer-vos? Ver-vos-ei, sempre que as obrigações o permitirem. Doi-me o vosso infortúnio, a ingratidão com que vos tratam, aqueles que tanto podem!...

Luís de Camões

Valha-me o confôrto das vossas palavras, e das vossas obras, também. Muito vos devo e a alguns outros bons amigos. Mas dia a dia se erguem contra mim, os desaires da fortuna. Alcancei a nomeação para a feitoria de Caul, e não fui provido nela; Pedro Barreto traz-me para Moçambique, o ano passado, quando veio para capitão da Fortaleza... Mal chego cá, sem que me desse emprêgo ou me desse mesa, como soldado para que me alistei no Reino, exige-me os 200 cruzados com que em Goa me entreteve a amizade... Vêde como são os ho-

mens a quem entregam a governança destas capitanias! Antes de entrardes, estava eu escrevendo:

Lê.

Nenhum ambicioso que quisesse
Subir a grandes cargos, cantarei
Só com poder em torpes exercícios
Usar mais largamente de seus vícios:

Manuel de Melo

São os vossos *Lusíadas?*

Luís de Camões

Sim. Estou apurando-os para a impressão, se a Deus aprouver que venha a fazê-la.

Manuel de Melo

Haveis de realizá-la. Será um grande poema com que tornareis imorredoura a glória das navegações portuguesas. E o vosso *Parnaso?*

Luís de Camões

Ando a completá-lo. Já reüni a maior parte das minhas antigas trovas... As Odes, as Canções, os Sonetos...

3.º EPISÓDIO

Batem à porta. Luís de Camões abre-a. Assomam à entrada D. João Pereira e Gaspar de Brito, amigos do poeta.

D. João Pereira

Licença para dois amigos!

Luís de Camões

Bemvindos sejais, D. João Pereira e Gaspar de Brito! Abraçam-se.

D. João Pereira a Manuel de Melo.

Deus vos salve, Manuel de Melo, que andais a conquistar o nosso vate... A Luís de Camões. Porque não deixais esta choupana, onde parece que vos quereis enterrar em vida? Para vos ver, é forçoso vir aqui, a esta caverna de cenobita!

Luis de Camões

A minha pobreza e o meu viver tristonho, vos molestam por certo. Mas eu não quero aborrecer-vos, caros amigos. Não vos sacrifiqueis...

Jorge de Brito

Quem fala em sacrifícios? Vimos ver-vos, por que isso nos apraz, se bem que nos magoe o vosso triste viver.

Luís de Camões

Obrigado, amigos! Emquanto me acompanham, sinto-me feliz.

Miguel de Melo

E haveis de o ser, em todo o tempo. Não permitiremos que definheis à mingua de tudo. Aguardai melhores dias.

D. João Pereira

Animai-vos, Luís Vaz! Onde está o folião dos primeiros tempos de Goa?

Luís de Camões

Como vos enganais, querido amigo! Para viver no Mundo, me debruava de outro pano, por não parecer coruja entre pardais...

Se ao canto dei a voz
Dei a alma ao pranto...

D. João Pereira

E queremos que pareceis melhor, como quem sois, que fôsteis quási educado na Côrte. Mudareis êsse vélho fato, por outro que vos iremos mandar. Cuidaremos disso.

Luís de Camões

Para que, tantos cuidados, meus amigos?

Manuel de Melo

Para voltardes ao que éreis, com aprazimento dos vossos amigos.

Jorge de Brito

E amanhã, deixareis esta mísera choupana. Virei buscar-vos. Tereis da minha mesa, o que lá houver, pois não podeis cuidar da vossa.

D. João Pereira

E' certo. Tomamos conta de vós.

Luís de Camões

Deixai-me nesta escuridão.

Do mal que me ficou, a culpa é minha,
Pois sôbre cousas vãs fiz fundamento...

Fim da Cena I. Mutação.

CENA II

Numa sala da Capitania da Fortaleza de Moçambique, em 1569.

1.º EPISÓDIO

Luís de Camões conversa com Heitor da Silveira, Diogo do Couto e Lourenço Vaz Pegado. Fidalgos e cavaleiros entram e saem, ocupados no despacho de seus serviços.

Heitor da Silveira a Luís de Camões.

Regressareis ao Reino, connosco, na nau «Santa Clara», que está preparando.

Luís de Camões

Não. Deixai-me acabar por cá, meus tristes dias, pois o que mais havia de entristecer-me, era êsse falso contentamento de ver fim ao meu destêrro.

Diogo do Couto

Ireis pela fôrça! Fareis conhecer, no Reino, os vossos *Lusiadas*.

Luís de Camões

Pobre de mim! Como pode embarcar um soldado que, depois de 18 anos de trabalhos por Africa, pela Índia, e pela China, apenas tem de seu êsse inútil poema!... Chamando a atenção dos amigos para a conversa em um grupo de fidalgos. Ouvi aqueles.

2.º EPISÓDIO

Um fidalgo

Não ando a servir na Índia para dar de comer a soldados ociosos com que se gasta o que nosso é, e bem custosamente o ganhamos.

Outro fidalgo

Doze mil cruzados que rendeu o meu ofício da capitania de Baçaim, também não os dissiparei a contentar maldizentes e cobiçosos...

3.º EPISÓDIO

Heitor da Silveira a Diogo do Couto.

E vós, Diogo do Couto, que vos esquecêsteis por cá tantos anos, o que levais além das vossas *Décadas da Ásia?*

Diogo do Couto

A roupa da viagem, amigo. E nem uma pedra fina, tomada ao gentio, para amostra! Perdão. Levo uma pedrinha da muralha de Diu, para conservar de memória na minha casa a par de S. Martinho, se aprouver a Deus!...

Heitor da Silveira a Luís de Camões.

Quási, como vós, Luís Vaz!...

Lourenço Pegado a Luís de Camões.

Embarcareis por nossa conta, que não havemos de vos deixar aqui abandonado, como ficaríeis...

Diogo do Couto

Se de Moçambique, também conhecêsteis a falsidade e a vileza, o que seria se nos apartassemos!

Heitor da Silveira

Combinado, amigos! Vamos ajuntar-lhe a roupa que é mister. A Luís de Camões: Dai como certo o vosso embarque! Desta vez, embarcais preso nos grilhões... de velhas amizades.

Fim da Cena II e da 10.ª Jornada. Mutação.

11.ª Jornada — Regresso a Portugal

CENA I

No convés da nau «Santa Clara», que em 1570 seguia viagem de Moçambique para Portugal.

1.º EPISÓDIO

Luís de Camões e um soldado, junto da amurada, observam o mar.

Luís de Camões como meditando.

Assim foram cortando o mar sereno
Com vento sempre manso e nunca irado
Até que houveram vista do terreno
Em que nasceram, sempre desejado...

Soldado

Senhor Luís Vaz. Esses versos são do vosso poema?

Luís de Camões

Talvez...

Soldado

E que cantais nêle? Alguma dama?

Luís de Camões

Uma dama mo lembrou, com efeito, para que eu sempre a lembrasse, mas canto nesses versos o descobrimento da Índia, onde trabalhámos, descobrimento que fez o grande Vasco da Gama.

Soldado

Eu também estou fazendo um poema sôbre outro descobrimento.

Luís de Camões

Ah! Sois poeta! Ignorava-o. E de que trata o vosso poema?

Soldado

Do descobrimento da Pederneira.

Luís de Camões

Da pederneira que serve nas espingardas?

Soldado

Não. Da Pederneira que fica junto à costa da Nazaré. Que belos pargos que lá se pescavam!

Luís de Camões

E fôsteis vós que a descobristeis?

Soldado

Foi meu pai que teve lá o primeiro ofício de barbeiro. Pausa. Dizei-me se êstes versos estão maneiros. Recita:

Oh! Musas da Pederneira! Oh! Deusas da Olim-
[pesa!...

Luís de Camões

Que quer isso dizer?

Soldado

Deusas da Olimpesa, são as que estão no Olimpio, que assim chamam à estalagem onde pousam as Deusas.

Luís de Camões

Não sabia.

Soldado recita:

... Oh! Deusas da Olimpesa!
Ajudai-me a cantar em versos largos
As glórias da minha terra cheia de *buleza*
Os feitos dos seus homens e a grandura dos seus
[pargos!...

Luís de Camões

Magnífico! Mas deixai-me ler o que já tendes feito do vosso poema que me agrada sobremaneira, por essa amostra.

Vós também, nas ideas, tendes uma pederneira, donde brotam fartas chispas...

Soldado surpreendido.

Que me dizeis? Não sabia que brotava isso, além dos versos!...

2.º EPISÓDIO

Luís de Camões, Diogo do Couto, Heitor da Silveira, e o piloto André Vaz conversam junto da amurada.

André Vaz apontando para terra que se avista ao longe, por estibordo.

Vêdes aqueles medões sombrios, para além de uma terra baixa que se remata em duas pontas? Ali me perdi, há dezóito anos com o galeão grande «S. João», de Manuel de Sousa Sepúlveda.

Luís de Camões

Ainda vivo estava na memória de todos, quando cheguei à Índia, pouco tempo depois, êsse desastre do perdimento de tam valoroso capitão e de sua formosa mulher D. Leonor. Cito-o nos meus *Lusíadas*.

Heitor da Silveira

Manuel de Sousa muito se distinguira no cêrco de Diu, com D. João de Castro. Fatalidade semelhante à da nau «S. Bento» com Fernão d'Álvares

Cabral, naufragada junto ao Cabo da Boa Esperança, dois anos depois.

Luís de Camões

E como também se perdeu o navio em que regressei de Macau.

André Vaz

Mal podeis calcular, quantos mortos foram arrojados àquela praia que ali vêdes, aponta para terra, quando se desfez o galeão; quantos foram tombando por êsses areais e brenhas, até ao Rio de Lourenço Marques, onde só chegamos oito portugueses e alguns escravos, de mais de quinhentas pessoas que transportava o navio!...

Diogo do Couto

Ereis o piloto dêle, senhor André Vaz?

André Vaz

Era, por minha desgraça. Motivou a nossa perda, as ruins velas que traziamos, pois só tinhamos as que iam nas vêrgas, e a outra esquipação, se desfizera num temporal que nos deu, à passagem da linha, ficando tam rôtas, que não nos fiávamos delas.

Luís de Camões

Mas ouvi dizer que tinham conseguido chegar à vista do Cabo da Boa Esperança?

André Vaz

Com efeito, mas não o pudemos alcançar, a tempo de o dobrarmos, porque tanto espaço punhamos em remendar as velas, como em navegar. E em vez de ter feito caminho para ir à terra do Cabo das Agulhas, fiz derrota a passar à vista daquela malfadada Costa do Natal, como ordenou o capitão Manuel de Sousa, e ao longo dela, nos deu a bonança. Chegados a sudoeste do Cabo da Boa Esperança, 25 léguas ao mar, ali nos assaltou o vento oeste, com muitos fuzis, e houve conselho de arribarmos a Moçambique, como tentamos.

Heitor da Silveira

Ia o galeão muito carregado?

André Vaz

De pimenta, não, pois o navio podia levar cêrca de 12:000 quintais, e não carregou mais que 8:000. Mas ia muito rico e afrontado pelos altos, com outras mercadorias, o que ainda é pior.

Diogo do Couto

Já não aproveita, para as naus irem e virem a salvamento, partirem cedo, levarem bom piloto ou serem bem providas e aparelhadas de todo o necessário, porque vem e vão tam alastradas de pescados,

que até se ouvem demónios nelas, em suas tormentas e trabalhos. Dizem que também por artes do demónio, fizera Manuel de Sousa Sepúlveda o seu casamento com D. Isabel, filha do Governador Garcia de Sá, e então, o mesmo demónio que o ajudou na cobiça, e veio a perder, juntamente com a mulher cobiçada.

Heitor da Silveira

Grandes sacrifícios de pessoas e fazendas, custam as navegações e conquistas de Portugal!...

Luís de Camões

Milhares de vidas se tem sepultado nas profundezas dos mares ou se consomem a sustentar desvairadas terras e arrêdias fortalezas, por todo o mundo. Dezenas de naus são perdidas nessas viagens de sonho!...

Diogo do Couto

Tudo merece uma só parcela dêsse Império — a Índia! — Que mais bemaventurada terra que aquela, onde se não conhecem fomes, frios, calmas, tudo tam temperado que não há mais que desejar? Na Índia, encontramos os mais puros e excelentes ares do mundo; frutas, águas de fonte e rios, as melhores e mais salutíferas de toda a terra. Tudo assaz maravilhoso. O pior que lá há, somos nós, que fomos danar terra tam preciosa, com as nossas cobiças, injustiças e outros vícios que prefiro calar.

Heitor da Silveira

Mas ainda lá encontrareis muitos homens como Nuno da Cunha, que deixou, por verba do seu testamento, não ser obrigado a El-Rei como restituïção, mais que duas moedas antigas de ouro que houvera em Diu, e que lhas deveria levar, pois nunca traficara na Índia.

Luís de Camões

Na escola dêsses, é que precisamos educar a gente moça.

Diogo do Couto

Assim deve usar-se, pois a cobiça no Reino também vai de maneira, que outra cousa não escreve de lá para a Índia, o pai para o filho, o irmão para o irmão, o amigo para o amigo, senão: — «Fazei por trazer dinheiro, que o mais é vento; não vos enganem serviços vangloriosos, visto que por dinheiro havereis mercê, e se dereis uma enxadada na vinha de El-Rei, dai doze na vossa.»

3.º EPISÓDIO

Luís de Camões, sentado num dos fardos que se encontram arrumados na tolda, escreve num caderno e vai dizendo:

Cortando vão os nautas a larga via
Do mar ingente para a pátria amada
Desejando prover-se de água fria

Para a grande viagem prolongada
Quando juntos, com súbita alegria
Houveram vista da Ilha namorada. Adormece.

. . . . . .

Fim da Cena I. Mutação

CENA II

Perpassa deslumbrantemente, como em sonho maravilhoso, quanto refere o Episódio dos *Lusíadas*, sôbre o encontro da Ilha dos Amores:

Três formosos outeiros se mostravam
Erguidos com soberba graciosa
Que de gramínio esmalte se adornavam
Na formosa ilha alegre e deleitosa.
Claras fontes e límpidas manavam
Do cume que a verdura tem viçosa;
Por entre pedras alvas se deriva
A sonorosa linfa fugitiva.

Num vale ameno que os outeiros fende
Vinham as claras águas ajuntar-se
Onde uma mesa fazem que se estende
Tam bela quanto pode imaginar-se.
Arvoredo gentil sôbre ela pende
Como que pronto está para enfeitar-se
Vendo-se no cristal resplandecente
Que em si o está pintando pròpriamente.

Mil árvores estão ao céu subindo
Com pomos odoríferos e belos;
. . . . . .

Nesta frescura tal desembarcavam
Já das naus os segundos Argonautas,
Onde, pela floresta se deixavam
Andar as belas Deusas, como incautas,
Algumas doces cítaras tocavam
Algumas, harpas e sonoras frautas;
Outras com os arcos de ouro se fingiam
Seguir os animais que não seguiam

. . . . . .

Mas os fortes mancebos que na praia
Punham os pés, de terra cobiçosos
(Que não há nenhum dêles que não saia)
De acharem caça agreste desejosos,
Não cuidam que, sem laço ou rêdes, caia
Caça naqueles montes deleitosos
Tam suave, doméstica e benigna...

. . . . . .

Começam de enxergar sùbitamente
Por entre verdes ramos, várias côres
Côres de quem a vista julga e sente
Que não eram de rosas ou de flores,
Mas de lã fina e sêda diferente
Que mais incita a fôrça dos amores
De que se vestem as humanas rosas
Fazendo-se por arte, mais formosas.

. . . . . .

... velozes mais que gamos
Se lançam a correr pelas ribeiras.
Fugindo as Ninfas, vão por entre os ramos
Mas, mais industriosas que ligeiras,
Pouco a pouco sorrindo e gritos dando
Se deixam ir dos galgos alcançando.

De uma, os cabelos de ouro o vento leva
Correndo, e da outra, as fraldas delicadas;
Acende-se o desejo, que se ceva

Nas alvas carnes, súbito mostradas.
Uma, de indústria cai, e já releva
Com mostras mais macias que indinadas,
Que sôbre ela, empecendo, também caia
Quem a seguiu pela arenosa praia.

Outros, por outra parte, vão topar
Com as Deusas despidas, que se lavam;
Elas começam súbito a gritar
Como que assalto tal não esperavam
Umas, fingindo menos estimar
A vergonha que a fôrça, se lançavam
Nuas por entre o mato, aos olhos dando
O que às mãos cobiçosas vão negando.

Outra, como acudindo mais depressa
A' vergonha da Deusa caçadora
Esconde o corpo n'água; outra se apressa
Por tomar os vestidos que lem fora.
Tal dos mancebos há que arremessa
Vestido assim e calçado (que, c'oa mora
De se despir, há mêdo que inda tarde)
A mostrar na água, o fogo que nela arde.

. . . . . .

Já não fugia a bela Ninfa tanto
Por se dar cara ao triste que seguia
Como por ir ouvindo o doce canto
As namoradas máguas que dizia.
Volvendo o rosto já serêno e santo
Toda banhada em riso e alegria
Cair se deixa aos pés do vencedor
Que todo se desfaz em puro amor.

Oh! que famintos beijos na floresta!
E que mimoso chôro que soava!
Que afagos tam suaves, que ira honesta

Que risinhos alegres se tornava!
O que mais passam manhã e na sesta,
Que Vênus com prazeres inflamava,
Melhor é experimentá-lo que julgá-lo
Mas julgue-o quem não pôde experimentá-lo.

Desf'arte emfim, conformes já as formosas
Ninfas co'os seus amados navegantes
Os ornam de capelas deleitosas
De louro e de ouro e de flores abundantes.
. . . . . .

Fim da Cena II e 11.ª Jornada. Mutação

12.ª Jornada — "Os Lusiadas"

CENA I

Luís de Camões deveria ter regressado a Lisboa, em Abril de 1570, contando pois 46 anos de idade.

A Cena decorre pouco tempo depois, no mesmo ano de 1570, e na modesta residência do poeta na Rua de Santana (actual Calçada de Santana) junto do arco de Santana e Casa da Encarnação, moradia contígua à Ermida da Salvação e Paz.

1.º EPISÓDIO

Luís de Camões conversa com Diogo Bernardes e André Falcão de Rezende.

André de Rezende

Sua Mercê o senhor Simão Vaz de Camões, vosso saudoso pai, morreu da peste grande que ainda está grassando em Lisboa?

Luís de Camões

Assim foi e durante a minha viagem de regresso a Portugal. Eis o que vim encontrar: Tristeza e luto.

Diogo Bernardes

Quantos anos estivésteis pelo Oriente? Éramos bem moços quando partísteis. Tínhamos cêrca de trinta anos, pois não?

Luís de Camões

Justamente. Andei dezasseis anos por êsses confins do Mundo.

André de Rezende

Dezasseis anos de penosos trabalhos, por certo.

Luís de Camões

E regressei à Pátria doente e pobre.

André de Rezende

Para vós, a Índia foi degrêdo, quando todos a buscam para melhorar de fortuna.

Luís de Camões

Êsses são os que vêm degredados para o Reino, pondo-se-lhe côbro aos benefícios da Índia que nunca experimentei.

Diogo Bernardes

Rui da Câmara lembrou-me, ao falarmos da vossa dificultosa situação, quanto vos aproveitaria traduzirdes os Psalmos, em belos versos como os que fazeis. Seria obra estimada e que vos daria algum proveito. Para quem fez *Os Lusiadas*, isso nada custaria.

André de Rezende

Diogo Bernardes tem razão no alvitre.

Luís de Camões

Amigo André de Rezende. Quando fiz o poema, tinha o necessário à vida; e agora, não tenho espírito nem contentamento para nada, pois em tal miséria me vejo, que aí está o meu criado António, a pedir-me um vintém para carvão, e não o tenho para lho dar.

Diogo Bernardes

Mas os vossos amigos, que ainda os tendes, como André de Rezende e eu, não permitirão que, tanto vós como vossa boa mãi, sofram privações.

Luís de Camões

Não, não aceitarei...

André de Rezende

Assim o exigimos da vossa antiga amizade. E êsse magnífico poema há-de publicar-se.

Diogo Bernardes

Mas reconsiderai quanto a algumas palavras novas que nêle empregais. Hão-de estranhá-las...

Luís de Camões

Melhor assim. Eu quero que me estranhem.

André de Rezende para Diogo Bernardes.

Que exigente sois, Diogo Bernardes! Deixai à vontade, a imaginação do poeta.

Diogo Bernardes

Eu só receio que essas novidades de linguagem o prejudiquem. Mas o seu poema é belo. Tem harmonia, grande imaginação e intensidade patriótica. A Luís de Camões. Sereis admirado como nenhum outro dos nossos poetas.

Luís de Camões

Palavras de amigos que também sabem quanto custa haver criado, refundido e limado vezes sem conta, uma obra do espírito que nunca se satisfaz.

Diogo Bernardes

Mas publicai-a, e vereis como será procurada e terá compradores. Eis o que vos interessa, por agora. Os louvores, colhereis depois.

Luís de Camões

D. Manuel de Portugal já me disse que a recomendaria a El-Rei.

André de Rezende

Melhor ainda. Será justo que El-Rei vos conceda uma tensa, pois além de muito o servirdes com a espada, exaltais no vosso poema, as glórias de Portugal, que mais do que a outrem, respeitam a El-Rei.

Luís de Camões

Sim. Numa mão a espada e noutra a pena, o tenho servido desde môço.

Diogo Bernardes

Ou como lá dizeis, no poema:

Para servi-lo, braço às armas feito
Para cantá-lo, mente às musas dada...

2.º EPISÓDIO

Como na Cena anterior, um aposento da moradia de Luís de Camões, na Rua de Santana, em 22 de abril de 1570, véspera da

procissão de Nossa Senhora da Saúde, em preces pela terminação da peste grande que grassava em Lisboa. Luís de Camões conversa com Beatriz, filha do antigo Regedor das Justiças, João da Silva, contando ela então, entre 45 e 50 anos de idade, mas patenteando ainda, expressivos traços de formosura. Trajo modesto.

Beatriz

Se não vos contrario, àmanhã virei a ver-vos, um pouco mais tarde que o costumado.

Luís de Camões descontente.

Como? Pois já vos aborrecêsteis de vir animar a minha solidão e acalmar o meu sofrimento?

Beatriz

Não digais tal, senhor Luís Vaz! Sou-vos bem dedicada. Pois ainda me não acreditais?

Luís de Camões

Quem diria que eu viesse a reter junto de mim, com tal empenho, a altiva filha do poderoso Regedor das Justiças, João da Silva, que em tempo quis sequestrar-me na sua Quinta do Monte Agudo, para servir El-Rei e as intrigas da Côrte!...

Beatriz como melindrada.

Não, não foi para servir El-Rei, nem para cumprir as ordens de meu pai. Só queria servir o meu

caprichoso coração, que era talvez mais desorientado que o vosso...

Luís de Camões

Ah! Se eu adivinhara! Se eu o compreendera! Pausa. Mas fugis-me, àmanhã, ingrata?

Beatriz

Sim. Fugirei por breve tempo.

Luís de Camões

E sem me dizer para onde ides...

Beatriz

Como sois curioso! Pausa. Bem. Eu digo... Vou fazer uma promessa.

Luís de Camões

A quem, Beatriz?

Beatriz

A Deus. Não ficareis zangado?

Luís de Camões

Não.

Beatriz

Àmanhã, faz-se a procissão a Nossa Senhora da Saúde, nas preces para que finde essa peste grande que aflige Lisboa há muito, e eu vou orar por vós e por vossa mãi, fazendo a promessa de votar a Deus, o resto da minha triste vida, em clausura. Consentis?

Luís de Camões

Coração de ouro! Ide, mas não faleis noutra clausura, além desta de me acompanhardes. Não, não fareis isso, Beatriz... Falai-me noutras cousas que me animem. Distrai-me... Hoje não quereis ajudar-me a reünir mais uma vez, o meu *Parnaso*, que sempre depois me é roubado?

Beatriz

De certo, estimarei fazê-lo. Vamos trabalhar. Senta-se à mesa e dispõe-se a escrever.

Luís de Camões

Se não fôsseis vós, Beatriz, ter-me-ia esquecido de versejar.

Beatriz

Mas eu não o posso esquecer. Dilai quando quiserdes...

Luís de Camões

Será uma canção, para ainda me iludir que saberei cantar. Escrevei: Pausa. E depois, haveis de emendá-la. Sois uma admirável mulher. Tendes um formoso talento, e já sabeis de versos, tanto como eu.

Beatriz

Sei os vossos e nada mais.

Luís de Camões

Escrevei então, minha teimosa. Dita, e Beatriz vai escrevendo:

A vida já passei assaz contente
Livre tinha a vontade e o pensamento
Sem receios de amor, nem de ventura
Mas isso foi um bem de um só momento
E à minha custa vejo claramente
Que a vida não dá algum de muita dura.
. . . . . .

Fim da Cena I. Mutação.

CENA II

Em 23 de Abril de 1570, realiza-se pela primeira vez a procissão de Nossa Senhora da Saúde, pelo voto de preces pela terminação da peste grande que grassava em Lisboa, durante a qual

deveria ter falecido o pai de Luís de Camões. A procissão vai passando na Mouraria, entre multidão de curiosos. No número dos curiosos e penitentes que acompanham a procissão, segue Beatriz. Quadro dos costumes populares e religiosos do tempo.

Fim da Cena II. Mutação.

CENA III

Em fins de 1570, tendo El-Rei D. Sebastião 16 anos de idade, acha-se êle num salão do Paço de Santos, acompanhado de sua avó, a Raínha D. Catarina, e de alguns personagens da Côrte, damas e fidalgos. El-Rei e a Raínha D. Catarina, conversam com D. Manuel de Portugal. Um pouco desviado, junto de outras pessoas, encontra-se Luís de Camões.

El-Rei para D. Manuel de Portugal.

Apresentai-me o vosso poeta e amigo.

D. Manuel de Portugal vai buscar Luís de Camões e apresenta-o a El-Rei e à Rainha D. Catarina.

Ei-lo, senhor... Luís Vaz de Camões, neto de D. Bento de Camões, que foi Geral do Convento de Santa Cruz de Coimbra, em tempo de El-Rei vosso avô, que Deus tenha em sua santa guarda.

A Rainha para Luís de Camões.

Bem me recordo de quando então freqüentáveis a Côrte...

Luís de Camões fazendo respeitosas vénias, beija as mãos ao Rei e à Raínha.

D. Manuel de Portugal

Serviu dois anos em África e dezasseis anos na Índia e na China, valente e honrado sempre. Cultor das musas, sem igual. Nobres versos de grande patriota, são os do seu poema. Por isso, o invejam, e se encontra pobre.

El-Rei a Luís de Camões.

D. Manuel de Portugal já muito me tem louvado os vossos *Lusiadas*. Não é assim que lhe chamais?

Luís de Camões

Assim é, senhor.

El-Rei

No vosso poema cantais os Lusos valorosos, a propósito da descoberta do caminho marítimo para a Índia, pelo grande capitão Vasco da Gama... A D. Manuel de Portugal. E' isto, senhor D. Manuel? Estou bem certo do que me dissésteis?

D. Manuel de Portugal

Exactamente.

A Rainha a Luís de Camões.

El-Rei muito se interessa pela vossa obra, e eu também. Por isso, aqui se reüniram para vos escu-

tar, algumas pessoas da Côrte que estimam a boa poesia e os bons poetas como vós. Eu bem me recordo que já em moço o éreis... Com tristeza. Bem me recordo... Quantos anos já passados!

El-Rei a D. Manuel de Portugal.

Senhor D. Manuel. Avisai a Côrte que o nosso poeta vai ler-nos um pouco do seu poema.

D. Manuel de Portugal em voz alta, para ser ouvido da assistência.

Senhores. El-Rei permite que o poeta de muito engenho, Luís Vaz de Camões, leia parte do seu poema *Os Lusiadas*, que celebra as navegações portuguesas e os grandes heróis nacionais. Escutai. A Luís de Camões. E agora, senhor, dizei-nos que parte do vosso poema ireis ler.

Luís de Camões

O Canto VII, que descreve a chegada à Índia, de Vasco da Gama.

As pessoas da Côrte aproximam-se e sentam-se, rodeando Luís de Camões. Êste, começa a ler:

Já se viam chegadas junto à terra
Que desejada já de tantos fora
Que entre as correntes índicas se encerra
E o Ganges que no céu terreno mora

Ora sus, gente forte, que na guerra
Quereis levar a palma vencedora
Já sois chegados, já tendes diante
A terra de riqueza abundante!

. . . . . .

Fim da Cena III. Mutação.

CENA IV

Na casa da Livraria da Ordem de S. Domingos, em fins de 1572, em seguida a serem publicados *Os Lusiadas*. Luís de Camões conversa com Frei Bartolomeu Ferreira, André Falcão de Rezende e Estácio de Faria.

André de Rezende falando para Luís de Camões, e tendo na mão o volume de *Os Lusiadas*, que entreabre e analisa.

Finalmente, vêdes publicado o vosso admirável poema e bem mereceis a tença de 15:000 réis que El-Rei vos concedeu por três anos.

Luís de Camões

Providências com que bondosos amigos atalham a minha má fortuna. E Vossa Mercê, é um dêles, senhor Frei Bartolomeu Ferreira, que, pertencendo-vos o encargo de censurar os meus *Lusiadas*, vós os protegêsteis e até louvásteis.

Frei Bartolomeu Ferreira

De bom grado favoreci que obra de tam raro engenho, fôsse conhecida segundo a imaginásteis, com as suas ousadias pagãs e as suas novidades de linguagem. Mas estou certo que com isso, nem vós nem eu, ofendemos a Deus.

André de Rezende

Diogo Bernardes é que vos não perdoa essas inovações do vosso poema.

Luís de Camões

Entende êle que um poeta não tem direito a criar cousa alguma vária do que os antigos ensinaram e praticaram...

Estácio de Faria

Agora, cuidai de publicar o vosso *Parnaso*.

Luís de Camões

Impossível, amigo Estácio de Faria. Desapareceu o meu caderno.

André de Rezende

Como? Pois o deixásteis roubar?

Estácio de Faria

E não desconfiais de quem fôsse?

Luís de Camões

Não. Pela segunda vez reüni as minhas antigas trovas e pela segunda vez me desapareceram.

Frei Bartolomeu Ferreira

Como receiam que brilheis pela vossa obra! Mas triunfais com *Os Lusíadas!*

Estácio de Faria

O futuro vos fará justiça. Alcançareis um grande nome.

Frei Bartolomeu Ferreira

Prouve a Deus que vos mortificásseis no vosso longo desterro pelo Oriente, para viverdes e sentirdes o vosso poema tam ardentemente. Com êle ficareis ligado para sempre, ao nome de Portugal e das suas glórias.

Fim da Cena IV. Mutação.

CENA V

Um aposento na moradia de Luís de Camões na Rua de Santana, como na Cena I. Decorre o ano de 1578, tendo o poeta 54 anos de idade.

1.º EPISÓDIO

Luís de Camões, doente, sentado numa cadeira, com a cabeça encostada a uma almofada. Beatriz, filha do antigo Regedor das Justiças, João da Silva, e a mãi do poeta Ana de Sá, estão sentadas junto dêle.

Luís de Camões

Não há hoje sol, Beatriz? Parece tam escuro o dia, como a escuridão do meu viver. Que horas soaram?

Beatriz

Ainda há pouco, às três da tarde.

Luís de Camões

Estamos em Agosto, pois não? Como ilumina pouco êste sol de Agosto que tam vivo era na minha juventude!... Beatriz, minha doce amiga. Não vos entristece e cansa ouvir-me estas repetidas mágoas, quando eu devia ser contente, só para vos contentar?

Beatriz

Oh! Nunca!... Sou tam feliz junto de vós e de vossa mãi! Assim recordo o carinho da minha pró-

pria mãi que perdi, e o tempo distante em que nos conhecemos e tanto me aborrecíeis...

Luís de Camões

Assaz distantes de tudo!... Da mocidade... Da ambição... Das fantasias...

Beatriz maliciosa.

Até dos amores que bastante vos ocuparam...

Luís de Camões

Com efeito. Porém o mais raro de todos, o mais estranho, passou junto de nós e deixámo-lo perder!

Beatriz

Não me compreendêsteis, então.

Luís de Camões

Quem pode compreender o mistério que uma alma de mulher queira resguardar? Mas não me recordeis um passado que me entristece, minha boa amiga, minha doce amiga!...

Beatriz

Falai baixo que vossa mãi adormeceu.

Luís de Camões

Assim como vós, ela tem velado na minha doença... Coitada! Mas continuai falando, que ela não acordará com o som da vossa tam suave fala.

Beatriz

Como ainda sois poeta, mesmo para mim!

Luís de Camões

Para vós como para ninguém, eu o seria agora, e deveria ter sido sempre!... Comovidamente. Minha mãi dorme... Ninguém nos escuta neste momento, e poderei dizer-vos... Poderei confessar-vos... Quási um segrêdo trocado entre dois amigos que vão separar-se para sempre... Chegai-vos mais, Beatriz...

Beatriz perturbada.

Não... Não me digais nada... Nunca me dissésteis nada... E' melhor... Não vos fatigueis...

Luís de Camões

Sim... E' melhor calar tudo, até morrer connosco... Pausa. Mas lêde-me alguns versos meus, que êles me parecem belos, quando vos oiço...

Beatriz

Quereis? Gostais de me ouvir?

Luís de Camões

Oh! Muito... Muito...

Beatriz

Tornais-me feliz com essa palavra apenas...

Luís de Camões

Com tam pouco vos pago, de quanto maltratei outrora a altiva filha do Senhor Regedor das Justiças de El-Rei!...

Beatriz

Mas vêde o que resta da orgulhosa filha do poderoso Regedor!... Perdeu o pai, a mãi e o irmão. Sumiram-se todas as suas ilusões e fantasias. Arruinou-se a sua casa. Pobreza e velhice, emfim, como em vós.

Luís de Camões

Rica de sentimentos continuais a ser. Ainda formosa e boa vos reconheço... Pausa, e depois de a olhar embevecido, ao passo que Beatriz encara o poeta, como para lhe adivinhar os pensamentos. Porque será que tanto agora como sempre, em muitos anos volvidos, quando olhais

para mim, dir-se-ia vos tornardes mais bela? Sabeis-me explicar o estranho e surpreendente enigma?...

Beatriz com embaraço.

Não sei... Não compreendo o que dizeis...

Luís de Camões

Ah! Não sabeis... E eu nunca o percebi, senão para vos temer!... Mas agora, tudo são ruínas...

Que poderei do Mundo já querer,
Pois no mesmo em que pus tamanho amor
Não vi senão desgôsto, e desfavor,
E morte, emfim, que mais não pode ser?...

Mudando de entoação, na voz trémula: Ainda hoje me não lêsteis nada... Ali, sôbre a mesa, está o caderno dos meus sonetos.

Beatriz vai buscá-lo, e volta a sentar-se junto do poeta.

Beatriz abre o caderno e lê:

Alma minha, gentil que te partiste
Tam cedo desta terra descontente...

Luís de Camões interrompendo.

Não, êsses não...

Beatriz

Como hei-de escolher aqueles que não vos recordem tristezas? E êstes? Lê:

A violeta mais bela que amanhece
No vale, por esmalte da verdura
Com seu pálido lustre e formosura
Por mais bela, Violante, te obedece...

Luís de Camões interrompendo:

Êsses, também não, Beatriz. Pausa. Recordo-me agora daqueles que preferia ouvir-vos...

Formosa Beatriz, tendes tais jeitos
Nesse brando revolver dos olhos belos
Que só no contemplá-los, senão vê-los
Se inflamam corações e humanos peitos...

Beatriz

Quando os fizésteis?

Luís de Camões

Há muito... Pausa. Quando vos odiava... Sorriem-se.

2.º EPISÓDIO

Alguém bate à porta. Beatriz vai abri-la. A mãi do poeta, acorda. Entra Estácio de Faria, denotando perturbação.

Estácio de Faria

Licença para um vélho amigo... Cumprimenta Ana Vaz e Beatriz; depois aproxima-se de Luís de Camões.

Luís de Camões

Deus vos salve, Estácio de Faria!...

Agora toma a espada, agora a pena
Estácio nosso, em ambas celebrado...

Estácio de Faria

Passais melhor, Luís Vaz?

Luís de Camões

Que vos posso dizer?

De vós me parto, ó vida, e em tal mudança
Sinto vivo da morte o sentimento...

Estácio de Faria com embaraço.

Não queria afligir-vos... Mas viríeis a sabê-lo...

Luis de Camões ansioso.

Dizei. O que há?

Estácio de Faria

Não vos inquieteis demasiado. E' que...

Luís de Camões

Falai!

Estácio de Faria

Perdeu-se em Alcácer-Quibir, El-Rei D. Sebastião, e quási toda a gente que com êle foi!...

Luís de Camões desvairado.

Que dizeis?... Que dizeis?...

Ana de Sá tentando acalmá-lo.

Meu filho!... Oh! meu Deus!...

Estácio de Faria

Chegaram notícias certas da derrota... Tudo perdido!...

Luís de Camões com exaltação.

Ah! meu Portugal, como vos perderam? Ficamos sem Rei e sem gente!... Oh! capitães e soldados portugueses, como vos deixásteis vencer de mouros?... Incúria ou fraqueza? Maldição!... Maldição!...

Beatriz a Estácio de Faria.

Para que viésteis inquietá-lo com essas notícias?...

Luís de Camões com violência, a Beatriz.

Calai-vos!... Também vós, mulher, conspirais contra mim?...

Ana de Sá

Meu filho!... Meu Luís... Sossega...

Luís de Camões alucinado.

Como sossegar?... Amigo Estácio de Faria!... Corre!... Vai animar êsses soldados que ainda nos ficaram! Vai dizer que contem com mais um... E que foi antigo soldado de Ceuta... Um soldado da India... Que ainda tenho a minha espada... Em delírio. Vamos, Portugueses!... Vamos... Deixa-se cair desfalecido no espaldar da cadeira. Ana de Sá, Beatriz e Estácio de Faria, rodeiam-no ansiosamente.

Fim da Cena V. Mutação.

CENA VI

A alcova de Luís de Camões, na sua moradia na Rua de Santana. O poeta repousa num catre humilde, com a cabeça alteada por almofadas. Junto da cabeceira, sentada numa cadeira, a mãi de Luís de Camões, Ana de Sá. Beatriz, em pé, do lado oposto.

Luís de Camões

Minha mãi!... Lembrai-vos de alguma canção com que me acalentásseis, quando eu era criança?...

Ana de Sá

Oh! não, meu Luís... Já tantos anos volvidos... Como hei-de lembrar-me de cantar? Então o saberia fazer, mas agora...

Luís de Camões

Tentai recordar-vos... Eu havia de adormecer e sossegar... Pausa e depois, êle próprio canta em voz sumida, a trova de El-Rei D. Denis:

Um tal homem sei eu que perto sente
De si a morte chegada certamente
Vêdes quem é e venha-nos em mente
Eu, minha dona...

Ana de Sá, enxuga as lágrimas. Beatriz soluça. O poeta chamando: Senhora mãi!...

Ana de Sá

Que queres, meu filho?

Luís de Camões

Ela tarda hoje tanto...

Ana de Sá

Quem?

Luís de Camões

Beatriz... A minha doce protectora... Passo melhor quando ela me acompanha... E' tam boa, tam nossa amiga...

Beatriz aparecendo-lhe.

Aqui estou, Luís... Mas sossegai. Dormi um pouco.

Luís de Camões

Ainda bem que vos oiço, pois quási vos não enxergo... Não vos afasteis por muito tempo. Queria deixar-vos para sempre, tendo-vos junto de mim, como se vos levasse com a minha própria alma...

Beatriz

Não faleis por essa forma, por amor de Deus!...

Luís de Camões

Pois sim. Mas sentai-vos aqui, mais perto... Beatriz senta-se na própria cama, junto do poeta, ao qual alisa os cabelos e acaricia a fronte. Agora, já posso adormecer, Beatriz... E dizei-me aqueles versos que principiam:

Amor é um fogo que arde sem se ver
E' ferida que doe e não se sente... Cai em torpor. Depois, torna a si, em sobressalto, e diz:

Não quero. . Não quero...
Jubão amarelo...

Catarina... Maria... Dinamene... Belisa... Ana... Em delírio:

Que é isto?... Sonho?... Ou vejo a Ninfa pura
Que sempre na alma vejo?
Ou me pinta o desejo
O bem que em vão, cada hora me assegura?...

Fim da Cena VI. Mutação.

CENA VII

Uma rua nas proximidades de Santana. O velho escravo António, vestindo miseràvelmente, encostado à parede de uma casa, dirige a palavra a uma mulher que passa junto dêle e que se detém, ao ouvi-lo. Essa mulher, é a antiga camponesa, Rosa, de Coimbra, agora com cêrca de 57 anos.

Escravo António

Valei ao poeta, Luís de Camões, meu amo!

Rosa

Que dizeis? Luís de Camões?

Escravo António

Sim. O grande poeta... O grande soldado que morre à míngua...

Rosa atónita.

Não, não pode ser...

Escravo António

Digo-vos que morre sem valimento, esquecido de todos, senhora... Se não fôsse o escravo António e certa dona chamada Beatriz, êle e sua velha mãi, já teriam acabado à míngua de tudo... Já nem lhe pagam a tensa que El-Rei que Deus haja, ordenara...

Rosa

Oh! Levai-me junto dêle... Quero vê-lo...

Escravo António

Conheceis o senhor Luis Vaz, minha boa dona? Lembrais-vos dêle?

Rosa

Foi meu padrinho, em Coimbra, quando lá estudava. Há quantos anos!... Meditando. Vai para quarenta, quási...

Escravo António

Ainda bem. Tam grande homem e quási ninguém o recorda... Vinde comigo!...

Fim da Cena VII. — Mutação.

CENA VIII

A alcova da moradia de Luís de Camões, jazendo o poeta, no catre, como na Cena VI, com a presença de Ana de Sá e Beatriz. O escravo António, entra alvoroçado.

1.º EPISÓDIO

Escravo António para Luís de Camões.

Meu senhor... Ela está ali.

Luís de Camões

Que dizeis, meu amigo?

Escravo António

Ela quer ver-vos...

Luís de Camões

Ela? Quem?...

Escravo António

Ela.

Luís de Camões

Estais aí, Beatriz?

Beatriz

Aqui estou.

Luís de Camões

Dai-me a vossa mão. Beatriz coloca a sua mão entre as do poeta. Sois vós, com efeito... De quem fala êle, então?

Escravo António

Uma afilhada vossa...

Luís de Camões

Minha mãi. Eu tenho alguma afilhada?

Ana de Sá

Não sei, meu filho.

Luís de Camões

Também me não recordo. Que importa! Ela se recordaria de mim... Que me venha ver, então.

António sai. Pouco depois, assoma à porta com Rosa, que se aproxima do catre onde repousa o poeta.

2.º EPISÓDIO

Rosa

Senhor Luís!... Senhor Luís!... Em que estado venho a encontrar-vos!...

Ajoelha junto da cabeceira do catre e cobre de beijos, as mãos do poeta.

Luís de Camões passando uma das mãos pelos seus cabelos.

Quem és tu?

Rosa

Já se não lembra?

Luís de Camões

Pois se eu mal te vejo... Quem és?

Rosa

Sou a Rosinha!... A Rosinha de Coimbra! A vossa afilhada...

Luís de Camões

Espera... Deixa-me pensar... Há muito tempo... Em Coimbra... Era eu moço... E tu eras linda... Não te vejo agora, mas lembra-me quando estavas naquele antro da estrada para Lousã... «O Retiro do Pencudo»... Agora me recordo. Eras tam formosa e boa... Exaltando-se. Querem-te fazer mal? Aquela brucha!... Aqueles malvados!... Ah! Ladrões!... Malsins!... Procurando erguer-se, em delírio. Não, não consentirei!...

Beatriz

Ficai tranqüilo. Como haveis de melhorar?

Luís de Camões acalma-se um pouco e depois, como em sonho,

Luís de Camões

Inês!... Catarina!... Joana!... Estão aí? Também vieste, Bárbara?... Quiseste-me ver, Domingas? Elas vieram?...

Beatriz

Sim, vieram... Toma comovidamente uma das mãos do poeta. Ouve-se uma música suavíssima que persiste até findar o episódio.

Luís de Camões em delírio.

Que música celestial é esta que as acompanha?... Não ouvis?... Continuai... Continuai... Deixai-me acabar assim... E' o seu divino cortejo... Como são lindas! Pausa. Mas quem me prende agora?... Estreita a mão que Beatriz abandonara entre as dêle. Ah! Tu és a Beatriz... A doce Beatriz... Não te vejo, mas sinto-te... Formosa alma de mulher... Meu Deus! Para que a fizésteis de tanta bondade, se tenho que a deixar!...

Ana de Sá afagando-o.

Sossega essa pobre cabeça...

Luís de Camões

Sossegar, eu?... Como?... Onde?... Não posso, senhora mãi! Não me deixam!... Nunca me deixaram sossegar!...

Beatriz

Nossa Senhora vos valha!...

3.º EPISÓDIO

Tumulto no exterior e vozearia que vai aumentando.

Luís de Camões

Que é?... Que é?...

Beatriz assomando a uma janela.

Gente alvoroçada que segue pela rua...

Luís de Camões

Mas o rugir da plebe, vem de longe... Bem o oiço... O escravo António entra desorientadamente, na alcova. E's tu, António? Dizei-me... Que significa êste tumulto?... D. Ana de Sá e Rosa tentam acalmar o poeta.

D. Ana de Sá

Nada é. Um motim qualquer.

Beatriz

Não cuideis disso. Dormi um pouco.

Ageitam-lhe a cabeça no travesseiro.

Luís de Camões repelindo sua mãi e Beatriz.

Deixai-me que não hei-de sossegar quando percebo que toda a cidade clama! Dizei-me o que se passa, António!

Escravo António com embaraço.

Meu senhor... E' gente em revolta!...

Luís de Camões erguendo o tronco com dificuldade.

Sim... Mas porquê?... Recrudesce fora o tumulto e o gritar da multidão. Luís de Camões interpela o escravo António. Dizei. Que más novas há?...

D. Ana de Sá

Tranqüiliza-te, Luís! Para que vale êsse desassossêgo?...

Beatriz

Que importa o que lá vai na rua!...

Luís de Camões

Oh! Não!... E' a Pátria que se alvoroça... E' a Pátria que clama... Para António. Que lhe fizeram? Diz?...

Escravo António

Senhor... Os castelhanos entraram em Portugal para nos conquistar...

Luís de Camões alucinado.

Que dizeis? Conquistar Portugal?... Como em sonho. El-Rei D. Sebastião... Alcácer-Quibir... Castela... Com exaltação. Ah! Portugueses!... Lusiadas! Meus Lusiadas! Para o escravo António. Buscai-me a espada!... Quero-a!... Esforçando-se inùtilmente por levantar-se do catre. A espada que levei a Ceuta e à Índia... Quero a minha espada, ouvis?... Gente de Castela, conquistar Portugal? Nunca!... Nunca!....

Como? ¿Da gente ilustre Portuguesa
Há-de haver quem refuse o pátrio Marte?
Como? ¿Desta província, que princesa
Foi das gentes na guerra, em tôda a parte
Há-de sair quem negue ter defesa?
¿Quem negue a Fé, o amor, o esfôrço e arte
De Português, e por nenhum respeito
O próprio Reino queira ver sujeito?...

D. Ana de Sá

Meu filho!... Meu filho!...

Luís de Camões julgando esgrimir com uma espada.

Eu já vos ensino! Toma!... Livrai-vos desta!... E mais tu!... E outro!... Muitos!... São muitos!... Deixa cair os braços com desânimo. D. Ana de Sá,

Beatriz e Rosa, choram. O escravo António, olha espantado em tôrno de si, como se quisesse ver as figuras imaginárias com que esgrime o poeta. Não me acudis?... Nun'Álvares!... Gama!... Albuquerque!... Lusiadas!... Lusiadas!... Desfalecendo. Não mais, Musa, não mais... Expirando. Oh! Minha Pátria amada!... Portugal! Meu Portugal!... Morro... Morro convosco...

Beatriz abraçando-se ao poeta.

Luís!... Meu amor!... Meu grande amor!... Depois, em chôro convulsivo. Meu Deus! Levai-me com êle!...

D. Ana de Sá e Rosa ajoelham. O escravo António beija uma das mãos do poeta. Grande tumulto, fora. Ao longe, ressoa o troar da artelharia.

Fim da Cena VIII e da 12.ª Jornada. Mutação.

Apoteose final

Entre névoa misteriosa, esboçam-se os formidáveis vultos dos varões assinalados da Pátria Portuguesa, D. Afonso Henriques, Nuno Álvares Pereira, Vasco da Gama, Afonso de Albuquerque, Duarte Pacheco e outros, como em assemblea glorificadora do ínclito poeta, cantor dos *Lusiadas*. Uma sinfonia impressionante, ressoa, em hino fremente das glórias nacionais.

ÍNDICE

	Págs.
Prefácio justificativo	5
Personagens principais	9
Personagens episódicas	10
Designação das Jornadas	13
Prólogo evocativo	15
1.ª Jornada — Em Coimbra	16
2.ª » — Na Côrte	40
3.ª » — No destêrro	114
4.ª » — Em Ceuta	120
5.ª » — Regresso a Lisboa . . .	133
6.ª » — A caminho da Índia . . .	162
7.ª » — Na Índia	184
8.ª » — Em Macau	224
9.ª » — Em Goa	243
10.ª » — Em Moçambique	290
11.ª » — Regresso a Portugal . .	299
12.ª » — «Os Lusíadas»	311
Apoteose final	347

ÍNDICE

dos trechos das produções de Luís de Camões e de outros autores, incluídos a propósito de várias circunstâncias do texto da Novela

Págs.

Vilancete de Luís de Camões:
¿De que me serve fugir?... 38

Tensão de Miraguarda, de Luís de Camões:
Ver e mais guardar... 53

Canção do Conde de Vimioso (No Cancioneiro de Garcia de Rezende, n.º 318):
A vida sem ver-vos... 55

Mote de El-Rei D. João III e Voltas de Luís de Camões:
Não quero, não quero,
Jubão amarelo... 57

Parte do Soneto CCVIII, das Rimas de Luís de Camões:
Ondados fios de ouro, onde enlaçado... 58

Parte do Soneto CIV, das mesmas Rimas:
Êsses cabelos louros e escolhidos... 58

Parte do Soneto XLII, das mesmas Rimas:
Lindo e subtil trançado que ficaste... 58

Págs.

Parte do Soneto LXXXIV, das mesmas Rimas:
Ondados fios de ouro reluzente... 59

Parte do Soneto CXXXI, das mesmas Rimas:
De quantas graças tinha a Natureza... 59

Mote de D. Francisca de Aragão e Glosas de Luís de Camões:
Mas, porém, ¿a que cuidados?... 60

Mote para Glosas de Luís de Camões:
Pequenos contentamentos... 64

Mote para Glosas de Luís de Camões, a uma dama que lhe chamava «diabo»:
Senhora, pois me chamais... 66

Cantiga de Luís de Camões:
Amor que todos ofende... 73

Mote e Voltas incluídas na Carta II das Obras de Luís de Camões:
Perdigão perdeu a pena... 76 e 159

Epigrama de Andrade Caminha:
Ao teu sabor, escreves o que escreves... 78

Final do Soneto XXVIII, das Rimas de Luís de Camões:
Pouco aproveita
Que semeasse o amor em vós, amores... 81

Estrofes de Luís de Camões a umas senhoras que haviam de ser terceiras para com uma dama:
Pois a tantas perdições... 84

Págs.

Carta de Luís de Camões:
Senhora. Diz Luís de Camões, sem ventura... 99

Parte da Elegia III, das Rimas de Luís de Camões:
D'est'arte me figura a fantasia... 141

Parte das Voltas do Mote de Luís de Camões:
Esconjuro-te Domingas... 117

Vilancete de Luís de Camões:
Descalça vai para a fonte... 118

Cantiga popular e Voltas de Luís de Camões:
Na fonte está Leonor... 118

Princípio da Estância CII do Canto IV de *Os Lusiadas* de Luís de Camões:
Oh! Maldito o primeiro que no Mundo... 112

Estrofe epigramática de Afonso Álvares, diririda ao poeta Chiado:
Se me tocas na côr... 134

Estrofe epigramática do poeta Chiado, dirigida a Afonso Álvares:
Mas o que eu de ti diria... 135

Estrofe epigramática de Afonso Álvares, dirigida ao poeta Chiado:
Ladra tanto êste cão... 135

Estrofe epigramática do poeta Chiado, dirigida a Afonso Álvares:
Noite de Inverno fechado... 135

Págs.

Parte do Soneto XXVII das Rimas de Luís de Camões:
Males que contra mim vos conjurastes... 140

Vilancete de Luís de Camões:
Não sei se me engano Helena... 142

Parte da fala da Velha, na Farça de Gil Vicente, *Quem tem farelos:*
Mau cortiço e mau sumiço... 145

Parte da fala da Feiticeira, no *Auto das Fadas*, de Gil Vicente:
Bico de prego. Asa de morcego... 147

Princípio do Soneto CXLIII, das Rimas de Luís de Camões:
Erros meus, má fortuna, amor ardente... 160

Final do Soneto XLVII, das Rimas de Luís de Camões:
... cá me achará minha lembrança... 161

Parte do Soneto CLVIII, das Rimas de Luís Camões:
Eu me aparto de vós, Ninfas do Tejo... 162

Parte da fala do Velho do Restelo, em os *Os Lusiadas* de Luís de Camões (Canto IV, Estância 95):
O' glória de mandar, ó vã cobiça... 167

Parte do Episódio do Adamastor, em *Os Lusiadas* de Luís de Camões (Canto V, Estância 37 e seguintes):
Uma noite, estando descuidados... 182

Págs.

Última estância do Canto I de *Os Lusiadas*, de Luís de Camões:
No mar tanta tormenta, tanto dano... 192

Parte da Ecloga II, das Rimas de Luís de Camões:
Não pode quem quer, muito ser culpado... 199

Soneto de João Lopes Leitão, dedicado a Luís de Camões:
Quem é êste, que na harpa lusitana... 204

1.ª e 2.ª Cenas do IV acto da Comédia *O Filodemo*, de Luís de Camões: 205 a 212

Endexas a Bárbara, por Luís de Camões:
Aquela cativa... 217

Estância XCII e parte da XCIII do Canto VI, de *Os Lusiadas* de Luís de Camões:
Já a manhã clara dava nos outeiros... 237

Descrição da «Gruta de Camões», em Macau, por Wenceslau de Morais. (Traços do Extremo Oriente) 237

Trecho da Relação do Naufrágio do galeão «S. João», em 1552. (História Trágico-Marítima) 241

Parte do Soneto XIX, das Rimas de Luís de Camões:
Alma minha gentil que te partiste... 248

Versos das iguarias no banquete oferecido a amigos, por Luís de Camões 253 a 256

Págs.

Resposta de João Lopes Leitão a Luís de Camões, nesse banquete 255

Referência às bailadeiras de Goa na *Índia Portuguesa*, de Lopes Mendes 257

Princípio do Soneto CLXX, das Rimas de Luís de Camões:
Ah minha Dinamene! Assim deixaste... 265

1.ª Volta de Luís de Camões, para o Mote alheio:
Amor loco, amor loco.
Yo por vós, y vós por otro. 277

Parte da trova de Duarte de Brito, incluída no Cancioneiro de Garcia de Rezende (N.º 396):
Com tal cuidado me vejo... 279

Mote do Conde de Redondo:
Muito sou seu inimigo... 286

Parte das Estâncias 80 e 81, do Canto VII de *Os Lusiadas*, de Luís de Camões:
Agora com pobreza aborrecida... 290

Parte da Estância 84, do Canto VIII de *Os Lusiadas*, de Luís de Camões:
Nenhum ambicioso que quisesse... 292

Trecho do Soneto CLXXII das Rimas de Luís de Camões:
Se ao canto dei a voz, dei a alma ao pranto... 294

Estância 144, do Canto X de *Os Lusiadas*, de Luís de Camões:
Assim foram cortando o mar sereno... 299

Págs.

Parte do Soneto das Rimas de Luís de Camões:
Amor é um fogo que arde sem se ver... 336

Parte do Soneto das Rimas de Luís de Camões:
Agora toma a espada, agora a pena... 332

Canção XVII, das Rimas de Luís de Camões:
A vida já passei assaz contente... 319

Estância 1 do Canto VII de *Os Lusiadas*, de de Luis de Camões:
Já se viam chegadas junto à terra... 322

Parte do Soneto CXIX, das Rimas de Luís de Camões:
A violeta mais bela que amanhece... 331

Parte do Soneto CCVI, das Rimas de Luís de Camões:
Formosa Beatriz, tendes tais jeitos... 331

Cantiga de Amor de El-Rei D. Denis (N.º 97 do Cancioneiro da Biblioteca Vaticana):
Um tal homem sei que perto sente... 335

Parte da Canção XV, das Rimas de Luís de Camões:
Que é isto? Sonho? Ou vejo a Ninfa pura... 337

Estância 15 do Canto IV de *Os Lusiadas*, de Luís de Camões:
Como? Da gente ilustre portuguesa... 345